

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS
LINGUÍSTICOS

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CIBERESPAÇO: A DISCRIMINAÇÃO,
OS AGENTES E AS ESPECIFICIDADES**

DÉBORA APARECIDA FURIERI MATOS

VITÓRIA
2014

DÉBORA APARECIDA FURIERI MATOS

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CIBERESPAÇO: A DISCRIMINAÇÃO, OS AGENTES E AS ESPECIFICIDADES

Dissertação apresentada ao Mestrado em Linguística do Departamento de Línguas e Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Edenize Ponzo Peres

VITÓRIA
2014

“Que significa ser mais elevada? Eu não compreendo tais expressões aplicadas a um determinado trabalho do homem, 'mais nobre, mais generoso'... Tudo isso são absurdos, tolices, velhas palavras preconceituosas [...]. Tudo que é útil à humanidade é nobre. Eu só compreendo a palavra útil.”

(Dostoievski)

“Põe amor em tudo o que fazes e as coisas terão sentido. Retira delas o amor e elas tornar-se-ão vazias.”

(Agostinho de Hipona)

Agradecimentos

Agradeço a Deus, meu fiel companheiro, por fazer com que eu seja o que sou e por agraciar a minha vida com sonhos que sonhou para mim. Sonhamos juntos e realizamos juntos. Esta é a maior gratidão, e não tenho palavras suficientes para expressá-la.

À minha orientadora, professora doutora Edenize Ponzo Peres, pela solicitude irretocável, pelo incentivo persistente e por me ensinar tanto com o seu exemplo de honestidade e de profissionalismo humano.

À minha família, sobretudo à minha mãe, Aparecida, e aos meus irmãos, Leonardo e Pablo, por sempre acreditarem em mim e torcerem pelo meu sucesso. Obrigada pelo amor e por tudo.

À minha mãezinha, Deizi, pelo amor, pelas palavras certas, por sempre achar que posso conquistar tudo e por ser luz na minha vida.

À Lívia, por me designar como *irmãzinha* e, neste gesto, nos tornar isso: irmãs.

Ao meu sobrinho Álefe, por me dividir com a UFES e por iluminar a minha vida com seus cabelos dourados. Principalmente: por todo o amor e toda a ternura que me faz sentir ao dizer que me ama mais do que todas as estrelas do universo multiplicadas pelas gotas do oceano – sem saber que o meu amor por ele é ainda maior do que isso.

Ao meu pai, Rubens, e ao meu melhor amigo, Wandinho, que partiram tão cedo... A lembrança do amor de vocês me faz seguir em frente, ainda que pensando “Como pode um peixe vivo viver fora da água fria? / Como poderei viver sem a(s) tua(s) companhia(s)?”.

Aos meus amigos, principalmente Aline, Fabiana, Gracielli, Sabrina, Suellen, Amanda Vescovi, Amanda Fraga, Rogers, Mario e João, pelo incentivo

incansável, por acreditarem em mim mais do que eu mesma e por compreenderem os momentos em que estive ausente. Agradeço em especial à Aline, minha filhinha, pela amizade que, havendo se iniciado na graduação, perdura pela vida, porque o que é importante permanece. Devo uma homenagem também à Sabrina, amiga, irmã, companheira de graduação, de mestrado e de vida. Obrigada por tornar estes caminhos tão mais humanos e tão mais bonitos.

À professora doutora Leila Maria Tesch, pelas contribuições tão importantes, generosas e gentis, enriquecedoras desta pesquisa.

Ao professor doutor Ronald Beline Mendes, por lançar-me indagações honestas e argutas que me fizeram enxergar com mais clareza os caminhos deste trabalho.

À professora doutora Janayna Bertollo Cozer Casotti, por ajudar-me com este trabalho quando ele ainda era um projeto de monografia e por ser um exemplo que eu quero sempre seguir.

Aos meus colegas de Mestrado e da revista *PerCursos Linguísticos*, pela divisão desta jornada.

Ao meu cachorro Guigui, por me esperar sempre feliz e eufórico e por permanecer ao meu lado, seja aos meus pés ou sobre a minha cama, enquanto eu estudava – é claro, vez ou outra pulando em mim para cobrar carinho.

A todos os profissionais dos quais tanto precisei ao longo da realização da graduação e do Mestrado, especialmente ao Evandro, da loja de xérox, por me atender com incomparáveis educação e gentileza – mesmo quando eu pedia milhares de cópias e de impressões; à Luciana, que sempre nos atendeu tão bem na Secretaria do Mestrado, e ao meu querido vizinho Marco Antônio, pelas vezes em que me socorreu com o computador. Sou grata também aos

trocadores da viação Águia Branca, por me fazerem rir sempre que brincavam sobre a minha cara de cansaço.

A todas as vítimas do preconceito linguístico, por - mesmo não sabendo - me tornarem mais humana a cada vez que olho para elas e vislumbro alguém que eu mesma poderia haver sido.

À CAPES, pelo auxílio financeiro.

RESUMO

Imergir no ciberespaço é defrontar-se com a síntese do humano. A complexidade das relações que se estabelecem no espaço virtual abriga problemáticas que dificilmente podem ser identificadas sem um olhar minucioso. Objetivando investigar o preconceito linguístico e trabalhá-lo amplamente, foi esse o espaço que escolhemos para ser *locus* de busca de ocorrências do referido fenômeno. Este trabalho se inscreve na Sociolinguística e trata-se da análise dos perfis dos agentes da discriminação linguística no espaço virtual – divididos entre três redes sociais, *Twitter*, *Orkut* e *Facebook* – e das manifestações discriminatórias por eles produzidas. Aferindo a complexidade e a multiplicidade de processos que constituem o preconceito linguístico e seus sujeitos, percebemos a dimensão que assume a postura discriminatória quando suas manifestações são reproduzidas no ciberespaço. Adentrando um território ainda inexplorado, haja vista que não há nenhuma pesquisa precedente semelhante a esta, descobrimos um preconceito plural que surge e ganha anuência em um espaço que, pensado para a democracia, revela-se reduto também de processos segregacionistas, que vitimam sujeitos que, devido ao uso considerado errado que fazem da língua portuguesa, são subjugados e repudiados, formando uma nova massa de indivíduos, que denominamos, neste trabalho, de excluídos sociodigitais. Amparados em teorias da comunicação como as de McLuhan (1969) e Lévy (1996-1999) e em trabalhos linguísticos e sociolinguísticos como os de Gnerre (1991), Bortoni-Ricardo (2004), Pagotto (2004), Scherre (2005) e Mollica (2007), caracterizamos o ciberespaço e explanamos o preconceito linguístico nele encontrado, ressaltando as implicaturas do *locus* na produção da mensagem que nosso elenco de agentes do preconceito linguístico produz e veicula. Os resultados logrados indicam, dentre outros, que os agentes do preconceito linguístico são majoritariamente sujeitos do sexo feminino, concentrados nos níveis mais altos de escolaridade e pertencentes às faixas etárias que compreendem os indivíduos jovens e adultos jovens.

Palavras-chave: Sociolinguística. Preconceito linguístico. Ciberespaço.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - O gênero/sexo dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço.....	59
Tabela 2 - O nível de escolaridade dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço	62
Tabela 3 - A faixa etária dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço	65
Tabela 4 - Os desvios linguísticos dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço	69
Tabela 5 - Resultados para gênero/sexo x nível de escolaridade	74
Tabela 6 – Resultado para gênero/sexo x faixa etária	75
Tabela 7 - Resultados para nível de escolaridade x gênero/sexo x desvios linguísticos nas redes sociais	76
Tabela 8 - Escolaridade x gênero/sexo, considerando o total por coluna	78
Tabela 9 - Escolaridade x gênero/sexo, considerando o total por linha	78
Tabela 10 - Faixa etária x gênero/sexo, considerando o total por coluna	79
Tabela 11 - Faixa etária x gênero/sexo, considerando o total por linha	80
Tabela 12 - Valor do teste qui-quadrado para os dois cruzamentos	81
Tabela 13 - Gênero/sexo x desvios linguísticos, considerando o total por coluna	81
Tabela 14 - Gênero/sexo x desvios linguísticos, considerando o total por linha	82
Tabela 15 - Escolaridade x desvios linguísticos, considerando o total por coluna	82
Tabela 16 - Escolaridade x desvios linguísticos, considerando o total por linha	83
Tabela 17 - Escolaridade agrupada x Desvios linguísticos, considerando o total por coluna.....	84
Tabela 18 - Escolaridade agrupada x Desvios linguísticos, considerando o total por linha	85
Tabela 19 - Valor do teste qui-quadrado para os 03 cruzamentos.....	86
Tabela 20 - Índice de registros dos agentes do preconceito linguístico no	

ciberespço	146
------------------	-----

Lista de figuras

Figura 1 - Gráfico em barras: variável escolaridade dividida pela variável gênero/sexo.....	79
Figura 2 - Gráfico em barras da variável faixa etária dividida pela variável gênero/sexo.....	80
Figura 3 - Gráfico em barras do Sexo dividido pela ocorrência de desvios linguísticos.....	82
Figura 4 - Gráfico em barras da Escolaridade, dividida pela ocorrência de desvios linguísticos	84
Figura 5 - Gráfico em barras da Escolaridade, dividida pela ocorrência de desvios linguísticos	86

Glossário¹

Brinks – Gíria que designa *brincadeira*.

Cibernauta – Usuário do ciberespaço.

Chat – Canais de conversa *online* disponíveis em redes sociais e sites de relacionamento.

Facebook – Rede Social criada em 04 de fevereiro de 2004, cujo objetivo é possibilitar que pessoas encontrem amigos, conhecidos e colegas de trabalho, além de fazer novas amizades. Seus principais recursos são postagens de textos, imagens e fotos, trocas de mensagens privadas e *chats*. O número diário de novos usuários ultrapassa os 300 mil. Em 2012, o Facebook atingiu a marca de um bilhão de usuários ativos². Sua história foi retratada em 2010 no filme *A Rede Social*.

Fake – Termo inglês que significa *falso*. *Fake* designa um internauta ou um perfil de rede social que não se utiliza de identidade verdadeira para transitar na rede, valendo-se de identidades inventadas ou copiadas de personalidades famosas.

Flopado – Do inglês *flop*, que significa fracasso. O neologismo *flopado*, no Brasil, significa fracassado e/ou alguém que sofre e é motivo de escárnio.

Hashtag – Recurso do *site Twitter* que permite ao usuário a formação de um link ao inserir o símbolo # antes de uma palavra ou frase. Para este efeito, não pode haver separação entre as palavras.

Link – Atalho da internet que redireciona o usuário a outra página.

¹ O glossário deste trabalho é constituído com base na experiência pessoal da pesquisadora como usuária do ciberespaço. Todas as informações aqui apresentadas são de sua inteira responsabilidade.

² Dados extraídos do Terra Tecnologia. Disponíveis em: <<http://tecnologia.terra.com.br/facebook-completa-10-anos-conheca-a-historia-da-rede-social,c862b236f78f3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 14 setembro 2014.

MSN – Programa de computador que, conectado à internet, permite a troca de mensagens entre internautas em tempo real.

Orkut – Rede social (ou *site* de relacionamentos) do domínio *Google* criada em 24 de janeiro de 2004. O objetivo do *site* é o estabelecimento de relações entre pessoas com objetivos e características em comum. Seus principais recursos são iguais aos do Facebook, rede social cuja explosão de popularidade angariou os usuários do Orkut. Devido à perda em massa de usuários, o Google decretou o fim do Orkut, antiga maior rede social do mundo, para 30 de setembro de 2014.

Print Screen – Registro da imagem presente na tela do computador no momento em que a função *Print Screen Sys Rq*, do *Windows*, é acionada por meio da tecla homônima. O print screen tem por função básica e primordial ser uma espécie de foto daquilo que o usuário está operando em seu computador.

Retuíte – Do inglês *Retweet*. Recurso do *Twitter* que permite que um usuário direcione para a sua página pessoal no *site* a frase (*tweet*) de outro usuário.

Twitter – Rede social (também conceituado como microblog) criada em 20 de fevereiro de 2008, cujo objetivo é a comunicação rápida por meio de frases (*tweets*) de até 140 caracteres.

Tweet – Cada frase publicada no *site Twitter*.

Td – Tudo

Username – Nome de usuário

Kkkkkkkkkk – Risos

Hehehe – Risos

HUASHUASHUAS – Risos

Q – Que

Qqer – Qualquer

Pq – Por que/por quê/porque/porquê

Qnt – Quanto

Revolts – Revoltado (a)

Xoxo – Beijo

Dicionário de símbolos³

=x – Calar-se, fazer silêncio

:D – Alegria, felicidade, satisfação

D: – Susto; reação negativa

\o/ – Comemoração, exaltação positiva

(y) – Positivo; sinal de concordância

--' – Símbolo de insatisfação

*** – Palavra não reproduzida, por ser chula ou representar informações pessoais privadas.

↗ – Olhar atravessado; insatisfação

;* – Beijo

=* - Beijo

;/ – Rosto triste, chorando

.. – Rosto com olhos atentos

:S – Dúvida; desconcerto

XD – Alegria; sagacidade

.- – Rosto de cabeça para baixo, significando perplexidade

:) – Sorriso

³ O dicionário de símbolos é composto neste trabalho como subsídio à leitura das produções linguísticas dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço aqui compilados. Na comunicação virtual, fazem-se necessários recursos que tentem reproduzir os aspectos não verbais da comunicação. Dentre esses recursos, os mais utilizados são os símbolos, organizados de modo a exprimir feições da face humana. Os símbolos aqui inventariados são descritos pela pesquisadora com base no conhecimento comum partilhado pelos usuários do ciberespaço, dos quais ela faz parte. Pontua-se, entretanto, que os significados dos símbolos não são estáticos, havendo, para cada um, mais sentidos possíveis do que os registrados neste trabalho.

G_G – Espanto; olhos arregalados

oO – Espanto, susto; olhos arregalados

:@ - Fúria

Sumário

1 – Introdução.....	16
2 – Apresentando alguns conceitos sociolinguísticos	24
No capítulo subsequente, apresentar-se-á os procedimentos metodológicos empregados neste trabalho.....	
	28
3 – Metodologia.....	29
4 – A recepção social da Sociolinguística	31
5 - O ciberespaço	45
6 – O preconceito linguístico	52
7 - Os agentes do preconceito linguístico no ciberespaço	57
7.1 – O gênero/sexo.....	58
7.2 – O nível de escolaridade	62
7.3 – A faixa etária	65
7.4 – Os desvios linguísticos dos agentes do preconceito linguístico	68
7.5 – Cruzamentos de dados – alguns diálogos entre as variáveis	73
7.5.1 - Gênero/sexo x nível de escolaridade dos agentes do preconceito linguístico.....	74
7.5.2 - Cruzamento gênero/sexo x faixa etária dos agentes do preconceito linguístico.....	75
7.5.3 Nível de escolaridade x gênero/sexo x desvios linguísticos nas redes sociais.....	76
7.6 – Teste do qui-quadrado	78
8 – Preconceito, preconceitos: o preconceito linguístico é plural	88
8.1 – O preconceito social – contra a variação diastrática	88
8.2 – O preconceito regional - contra a variação diatópica	92
8.3 – As vítimas do preconceito linguístico: analfabetas e burras.....	96
8.4 – O caráter agressivo e excludente do preconceito linguístico	100

8.5 – O sentimento de posse e de domínio dos bens culturais elitizados e do ciberespaço.....	104
8.6 – A vítima do preconceito linguístico como objeto de escárnio.....	106
8.7 – O preconceito que se explicita e que se orgulha de ser preconceito .	114
8.8 – O preconceito contra a variação linguística, a Sociolinguística e a noção de preconceito linguístico.....	119
8.9 – Que preconceito é esse, afinal?.....	127
9 – Considerações finais: a construção de uma imagem desconstruída.....	131
10 - Referências bibliográficas	140
11 – Anexos	146

1 - Introdução

“Não poderemos nos quedar alheios e distraídos. Nem o momento comporta atitudes de indiferença. Não durmamos, pois, que a paz será uma realidade, ela que, agora, não passa de uma promessa.”.

Albert Camus

Esta dissertação não vem pulverizada nas poeiras quentes do nordeste. Sua gênese não é, tampouco, a palavra, ainda que no princípio fosse o verbo. Esta dissertação nasce do silêncio. Das palavras condensadas no não direito. Das palavras aniquiladas, dos sujeitos que não podem ser. Afirmou Bertold Brecht que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana⁴. E são muitas, as misérias. E, porque existe a miséria, existem os miseráveis.

Dentre vários preâmbulos possíveis, este se materializa para dar ciência, logo de saída, de que este trabalho existe para as vítimas do preconceito linguístico; preconceito que, como qualquer outro, sumariza misérias humanas e sociais. Nunca fui vítima de preconceito linguístico. Este trabalho não se trata, portanto, de memórias compiladas. Escreveu Mia Couto em seu poema *Identidade* (2011, p. 13): *Eu preciso ser um outro / para ser eu mesmo*. Ainda não conheci outra forma de ser, e tampouco conheço tal anseio. Ao passo que me torno cada uma das vítimas do preconceito linguístico, verto esta dissertação em um símbolo das palavras não ditas de toda a gente.

Na literatura sociolinguística, o preconceito linguístico tem sido investigado em ocorrências encontradas nas mídias impressa e televisiva, a exemplo do que realizam Bagno (1999), Barros (2011), Quadros Leite (2008) e Scherre (2005), referências nesse âmbito. Nenhum havia, ainda, analisado o preconceito

⁴ BRECHT, Bertolt. *Vida de Galileu*. In: BRECHT, Bertolt. Teatro completo. v. 6. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

linguístico no ciberespaço. Portanto, esta pesquisa surge do hiato de análises anteriores que hajam investigado tal fenômeno, até então ignoto.

Nesta pesquisa, o tema preconceito linguístico no ciberespaço desdobrou-se em vários segmentos de análise, originando um trabalho amplo e de objetivos diversos, que foram sumarizados nos seguintes:

- 1) Analisar os dados do elenco de agentes do preconceito linguístico compilados neste trabalho, a saber: gênero/sexo⁵, faixa etária, nível de escolaridade e incidência de desvios linguísticos nos registros *print screens* e nas redes sociais de cada um desses sujeitos;
- 2) Caracterizar o ciberespaço, *locus* em que o preconceito linguístico investigado neste trabalho se manifesta;
- 3) Descrever o preconceito linguístico manifestado no ciberespaço e inventariar as suas especificidades;
- 4) Delinear um paralelo entre o preconceito linguístico e o ciberespaço: as implicaturas mútuas entre fenômeno e *locus*.

Não há uma teoria do preconceito linguístico. O arcabouço teórico de que se dispõe para tratar cientificamente deste fenômeno consiste em estudos de variáveis linguísticas e extralinguísticas – ou sociais –, cujo comportamento supostamente suscita a discriminação com base em identidades e usos linguísticos. De tal modo, este trabalho não delineia um capítulo específico para a organização da fortuna teórica que sustém a investigação de seu objeto de estudo, mas opta por diluir o referencial teórico em meio às análises realizadas, em vista de garantir a coesão entre teoria e discussão. Desenvolve-se, contudo, no capítulo 2 desta pesquisa, uma apresentação dos conceitos sociolinguísticos pertinentes ao nosso objeto de análise, a fim de clarificar, logo de saída, noções fundamentais à leitura deste estudo.

⁵ Em conformidade com a distinção entre gênero e sexo, traçada por Chambers (2003), neste trabalho unimos os termos 'gênero' e 'sexo', tendo, assim, a variável 'gênero/sexo'. De acordo com o autor, o sexo diz respeito às características biológicas, orgânicas, enquanto que o gênero é a construção social feita em torno dele.

Esta pesquisa materializa-se como uma extensão do trabalho de Conclusão de Curso que realizamos na Universidade Federal do Espírito Santo no ano 2011. Os resultados de que já dispúnhamos nos conduziam à elaboração de duas hipóteses principais, a saber: 1) os agentes da discriminação linguística seriam, em sua maioria, sujeitos concentrados nos níveis mais altos de escolaridade, do sexo feminino e jovens e/ou adultos jovens, além de apresentarem, em suas produções linguísticas, os mesmos desvios linguísticos que tomam como pauta de escárnio de outrem; 2) as condições de produção e de veiculação de discursos no ciberespaço seriam alguns dos fatores responsáveis pelas manifestações de preconceito *in natura* - isto é, sem qualquer revestimento ético, moral - que nele encontramos, visto que alguns sujeitos de nosso elenco de agentes da discriminação linguística afirmam poder voltar-se contra os indivíduos discriminados sem que eles possam tomar qualquer medida a esse respeito.

Como os resultados logrados na dissertação foram semelhantes em absoluto aos do trabalho que a originou, tem-se que ambas as hipóteses são confirmadas.

Não são raramente complexas, as tentativas de se consorciarem as teorias linguísticas às práticas educacionais, sobretudo no que tange ao trabalho com língua materna. O grande volume de estigmas que atravessa a própria história de uma língua é disseminado por meio de práticas de ensino que refletem o tratamento formalista da língua, derrubado pela introdução de noções pragmáticas às teorias linguísticas, na década de 1960, mas ainda à espera de verdadeira extirpação, que parece longínqua.

Por um lado, a incursão das teorias linguísticas nos materiais didáticos e nos PCN de Língua Portuguesa, em vigência desde 1997, representou o começo de um avanço na redefinição das políticas linguísticas de trabalho com língua materna. Assentadas na concepção funcionalista da língua, as teorias linguísticas desenvolvidas nas últimas décadas inauguraram um pensamento geral novo: a língua, ao contrário do que ditava a visão formalista, não era um sistema autônomo e tampouco homogêneo e estático; era, sim, um complexo sistema heterogêneo, reflexo e construto da cultura de um povo. De verve

criativa e altamente adaptável, a variação e a mudança são características naturais e inerentes a toda e qualquer língua viva.

Por outro lado, resquícios dessa visão formalista ainda figuram em muitas práticas educacionais e em diversos âmbitos da sociedade. Dicotomias como certo/errado, competente/incompetente, bonito/feio, bom/ruim ainda são aplicadas aos usos linguísticos que divergem da norma padrão da língua e do que ditam as gramáticas normativas. Do embate entre a visão formalista e a visão funcionalista, derivam conflitos dentro e fora das classes escolares, que colocam em jogo a validade 1) das diferentes variedades linguísticas; 2) dos discursos com elas produzidos; e 3) da competência linguística, social e humana dos indivíduos discriminados.

O preconceito linguístico, que é, em verdade, um preconceito social, como pretendemos reiterar ao longo deste trabalho, deriva da denúncia que uma variedade linguística constitui: formas rechaçadas como “nóis vai”, “nóis veve” e “pobrema”, por exemplo, sinalizam a pouca escolaridade e a quase invariável ocupação das camadas periféricas da sociedade. Assim, uma variedade linguística identifica o sujeito que dela se vale (Pagotto, 2004). Se a sociedade rejeita o indivíduo, também é corrente que rejeite a sua linguagem e todas as demais representações que se liguem a ele.

A Sociolinguística tem se empenhado em desconstruir os estigmas que fundamentam as críticas às variedades linguísticas que diferem da norma padrão da língua – que não deve ser confundida com a falsa noção de ‘variedade padrão’. Poucas pesquisas, no entanto, versam unicamente sobre o preconceito linguístico. Destacam-se, neste quadro, os trabalhos de Bagno (1999), de Scherre (2005), de Quadros Leite (2008) e de Ilari e Basso (2012), destinados à abordagem lúcida e esclarecedora de fenômenos da língua portuguesa e à denúncia de ocorrências de preconceito linguístico encontradas em veículos midiáticos, como jornais e revistas. O que estas obras têm em comum é a desconstrução paralela das falácias que sustentam os raciocínios que articulam e disseminam as manifestações discriminatórias. Estes autores promoveram e promovem debates-marco para as discussões acerca do

preconceito linguístico, que, em seus livros, não foram adendos, senão suas próprias razões de ser.

Entretanto, ainda há uma profunda escassez de trabalhos como os mencionados. O preconceito linguístico, em obras de Linguística e de Sociolinguística, figura quase sempre como uma discussão acessória, derivada de outras; importantes para aquilo a que se propõem, mas quase sempre insuficientemente consistentes para uma abordagem ampla e minuciosa do assunto.

Dessa forma, esta pesquisa se deve à constatação, ainda na graduação, de que, dentre as inúmeras dificuldades de se tratar do preconceito linguístico, está o fato de que, para exemplificá-lo e denunciá-lo, era preciso compilar mais que ocorrências esparsamente encontradas em veículos das mídias impressa e televisiva - tarefa dispendiosa e que gera resultados localizados -, pois o que pensam os jornalistas e quaisquer indivíduos que assinem uma coluna em um periódico reflete preeminentemente a ideologia de uma classe, de um grupo, e se coloca a serviço de interesses linguísticos centralizados, cuja finalidade é defender – e legitimar – as noções de ‘bem falar’ e ‘bem escrever’, tradição em que se inscrevem as produções de tais mídias.

Portanto, na busca por manifestações de preconceito linguístico pelas massas, conciliamos dois desejos de pesquisa acadêmica: o preconceito linguístico e o ciberespaço. Mais precisamente: nas redes sociais. As primeiras pesquisas, realizadas no *Orkut* e no *Twitter*, confirmaram nossa hipótese anteriormente levantada: é possível encontrar e registrar manifestações discriminatórias no ciberespaço. Essa resposta concretizou-se em um Trabalho de Conclusão de Curso, realizado em 2011, em que compilamos e analisamos ocorrências de preconceito linguístico de 158 agentes dessa discriminação. Hoje, esse trabalho está estendido sob a forma desta dissertação.

Postas essas questões, a presente pesquisa surge fundamentalmente do hiato de trabalhos anteriores que hajam realizado tal tarefa: analisar ocorrências de preconceito linguístico manifestadas no ciberespaço. Essas ocorrências dão ciência de quão plural é esse preconceito, viabilizando, por meio da análise dos

perfis das redes sociais, conhecer quem são os seus agentes, como manifestam os seus preconceitos, que lugar ocupam nos espaços sociais concretos e de que estigmas estão imbuídos. Como pretendemos demonstrar ao longo deste trabalho, o preconceito linguístico surge, nas redes sociais, em grupos mais ou menos homogêneos, o que faz com que as manifestações se articulem e se sustentem na anuência que os usuários dão às publicações uns dos outros. Deste modo, o preconceito linguístico no ciberespaço é um desajuste social que precisa de ser, como qualquer outra forma de austeridade e intolerância, denunciada e combatida.

O maior desafio que se impõe a uma pesquisa cujo objeto de estudo conjuga duas linhas teóricas distintas - Linguística e Comunicação⁶ - é o de organizar-se em torno da fidelidade à sua área de concentração, ao que podemos chamar coerência. Neste trabalho, as teorias da Linguística e as teorias da Comunicação dividem espaço; ora isoladas, ora dialogicamente, elas embasam o estudo que aqui se apresenta e ocupam os cenários que lhe são pertinentes, sem se interporem e sem porem em relevo o que não faz parte de nossos objetivos.

Por se tratar de uma pesquisa ampla, que atravessa territórios teóricos distintos, cabe-nos divisá-los, a fim de que organizemos eficazmente este estudo. Assim sendo, estruturamo-lo em quatro partes principais:

1ª – O ciberespaço e os assuntos que lhe são concernentes: análise do *locus* à luz das teorias da Comunicação;

2ª – Análise dos dados: o preconceito linguístico e os assuntos que lhe são concernentes à luz da Sociolinguística;

3ª – O preconceito linguístico no ciberespaço: as implicaturas do *locus* na produção da mensagem;

4ª – Considerações finais.

⁶ Referimo-nos às *teorias da Comunicação* como menção às teorias que compreendem o ciberespaço e algumas modalidades de interação social-virtual, como redes sociais, comunidades etc., não ao amplo conjunto de distintas teorias que a Comunicação abrange para diferentes fins.

No capítulo a seguir, exporemos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

2 – Apresentando alguns conceitos sociolinguísticos

Este capítulo assume o objetivo de tratar de alguns conceitos que serão caros às discussões que se seguirão neste trabalho.

O primeiro conceito de que precisamos tratar é o de *variação linguística*. A variação linguística é o fenômeno de variabilidade das línguas. As muitas diferenças que uma sociedade apresenta quanto a estratos sociais, cultura, geografia etc. fazem com que os falantes tenham acessos diferenciados à norma-padrão de sua língua, língua esta que é heterogênea, adaptável, mutável. Disto decorre que os indivíduos não utilizam a língua de uma mesma maneira, e que ela apresenta variações, que podem ser linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas etc.) ou extralinguísticas (relativamente ao gênero/sexo, à faixa etária e ao nível de escolaridade, dentre outras). A norma-padrão é transmitida por instituições como a escola e a mídia, que tendem a exigir que quem nela atua domine o que se chama de bem falar e bem escrever, isto é, a norma instituída como parâmetro.

Labov (2008 [1972]) comprova que a variação é sistemática, isto é, funciona a partir de uma sistematicidade, porque a língua é um sistema: nem tudo na língua varia, e o que varia obedece a regras lógicas da gramática internalizada, isto é, o conjunto de códigos e paradigmas que um falante internaliza ao longo da vida e por meio do qual organiza sua fala. Tudo isso significa que a variação linguística não tem caráter aleatório, mas opera sistematicamente.

O segundo conceito a ser tratado é o de *norma-padrão*. Bagno (2007) discorre sobre o fato de que as sociedades com longas tradições escrita e literária costumam conceber como língua apenas um certo conjunto de palavras, de pronúncias e de regras, que passa a ser tomado como a norma-padrão, isto é, um modelo ideal de língua a ser seguido.

Camacho (2013, p. 66) afirma que

O princípio que rege o estabelecimento de qualquer norma social e, por conseguinte, o da norma-padrão, consiste na preexistência daquilo que se pretende realizar, cujo efeito é a fixação de um arquétipo, de um modelo. [...] A norma-padrão é um pseudossistema, porque ela passa a representar a língua como um todo, que, em grande parte, ignora. Os usos que não se sujeitarem à variedade tomada como norma-padrão são socialmente desqualificados; como tal, cumpre corrigi-los.

Destarte, a norma-padrão é uma padronização. Entretanto, tem como contra-argumento o fato de que, ao contrário dela, a língua em uso – que é, afinal, a língua, por excelência – não é estática, mas dinâmica, diversa, realizada e manipulada na interação. No âmbito social, em que a língua se efetiva, a existência de uma norma faz rechaçar tudo o que se realize alheamente a ela.

Miroy (2011, p. 57) assevera que

Um efeito extremamente importante da padronização tem sido o desenvolvimento da consciência, entre os falantes, de uma forma de língua “correta”, *canônica*. [...] Praticamente todo mundo adere à ideologia da língua padrão e um aspecto dela é uma firme crença na *correção*. [Grifos do autor]

Camacho (2013) e Milroy (2011) clarificam, ao tratarem da padronização, o fato de que à norma-padrão de uma língua associa-se o fenômeno da correção. Isto significa a existência de um padrão que imputa nos usuários da língua a responsabilidade de parametrização, ou seja, de tentativa de adaptação ao padrão estabelecido tudo o que dele divirja.

O terceiro conceito é o de *norma culta*. Costumeiramente utilizada como sinônimo de norma-padrão, a noção de norma culta evoca um conjunto de valores ideológicos que perpassam o que é, em verdade, um conjunto de usos linguísticos atrelados à cultura dominante. Logo, a norma culta é a que está revestida de cultura. Neste ponto, é preciso sublinhar uma realidade: as classes dominantes concebem como cultura apenas uma parte do que é de fato a cultura de um país. Talvez por se falar em uma cultura, no singular, se

eleja uma fração do todo para representá-la. Em uma sociedade hierarquizada e estratificada, essa fração corresponderá, obviamente, à cultura das elites. Isto diz respeito a todos os segmentos culturais: o musical, o gastronômico etc. Assim, a norma culta está atrelada à norma padrão, mas endossada pela incursão de especificidades das culturas da elite, angariadas no contato com bens também elitizados, como a literatura canônica, o teatro, os concertos musicais etc.

O quarto conceito é o de *variável linguística*. Trudgill (1992, p. 50) assim a define:

[Variável linguística é] a unidade linguística, às vezes conhecida como variável sociolinguística, inicialmente desenvolvida por Labov, em conexão com seu trabalho [...] a fim de ser capaz de lidar com a variação linguística. Variáveis podem ser lexicais e gramaticais, mas são mais frequentemente fonológicas. Uma variável fonológica pode ser mais ou menos do que um fonema, mas vai ser associada com um conjunto lexical particular; em um grupo de palavras, é observada a ocorrência de variação fonética, quando essa variação pode estar relacionada com as variáveis sociais para se arranjar com variáveis linguísticas. [tradução nossa]

A variável linguística é, como o próprio nome diz, o elemento linguístico que que sofre variação. Cada uma das realizações de uma *variável* é uma *variante*. O exemplo abaixo ilustra a variação linguística no nível lexical:

Variável	Variantes
Menino	→ guri (comum na região Sul do Brasil) → piá (idem) → curumim (proveniente de língua indígena, tornou-se variante de <i>menino</i> em algumas partes das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil)

O quinto conceito caro à leitura desta pesquisa é o de *redes sociais*, que, aqui, figura em dois territórios teóricos distintos: um diz respeito à Sociolinguística; outro, à Comunicação. Trataremos deles a seguir.

As redes sociais começaram a ser estudadas pela Sociologia nas décadas de 1960 e 1970. Milroy (1987) instaurou este conceito nos estudos sociolinguísticos e o relacionou ao comportamento linguístico. As redes sociais são formadas pelo conjunto de relações mais próximas e recorrentes que um indivíduo estabelece com outros e com instituições das quais participa, como família, escola, igreja, clube etc.

Ao estudar três comunidades operárias de Belfast – capital da Irlanda do Norte –, Milroy constatou que os homens se identificavam como usuários das variedades não padrão, e que isso era uma forma de reiteração filial a seus grupos. A autora diz que as características das redes sociais influenciam a performance linguística dos indivíduos e que, quanto mais densas forem – isto é, quando mais inter-relações houver – maior a homogeneização de hábitos sociais e, por extensão, linguísticos. Tal normatização faz com que a filiação linguística seja uma filiação ao grupo, conferindo aos seus membros um sentimento de pertencimento.

Assim, os esquemas de relação descritos por Milroy subsidiam parte de nossa compreensão sobre o comportamento dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço, entendendo-se, aqui, a manifestação do preconceito como atitude linguística, ao que nos deteremos em capítulos subsequentes.

Quanto à segunda noção de redes sociais, tratada pela Comunicação, pode-se dizer que são espaços sociais virtuais que reproduzem esquemas de sociabilidade dos espaços sociais concretos, embora com acréscimos, decréscimos e reconfigurações, e que se organizam comumente sob a forma de sites de relacionamento ou redes sociais, como os três escolhidos como locus deste trabalho: Orkut (www.orkut.com), Facebook (www.facebook.com) e Twitter (www.twitter.com). Dentro de cada site, há subdivisões, e os indivíduos se inserem ou são inseridos nos subespaços dos quais desejam fazer parte, formando redes, isto é, conexões, interligações. Como ilustração, basta pensar

nas páginas do Facebook. Clicar no botão “Seguir” é o suficiente para começar a fazer parte de uma delas e ter acesso aos seus membros e aos seus conteúdos.

No capítulo subsequente, apresentar-se-á os procedimentos metodológicos empregados neste trabalho.

3 – Metodologia

Para o desenvolvimento da proposta deste trabalho - analisar ocorrências de preconceito linguístico no ciberespaço -, realizamos uma busca seletiva de manifestações do referido fenômeno em três redes sociais: *Orkut* (www.orkut.com)⁷, *Twitter* (www.twitter.com) e *Facebook* (www.facebook.com). A escolha desses *sites* para *locus* de seleção de nosso *corpus* advém do fato de serem as maiores redes sociais do mundo.

Um levantamento realizado pela empresa *comScore* revelou que 99% dos internautas brasileiros fazem parte de, pelo menos, uma rede social. A pesquisa foi divulgada em 28 de abril de 2011 e apontou, ainda, que o número de visitas mensais às redes é de 30,6 por pessoa, o que representa uma assiduidade diária. Com esses números, vemos que o fluxo de participações nas redes sociais dá margem a uma rica compilação de material, que constituirá nosso *corpus*.

O *corpus* desta pesquisa, conforme foi citado, constitui-se de ocorrências de preconceito linguístico encontradas no *Orkut*, no *Facebook* e no *Twitter*, entre abril de 2011 e junho de 2014. Os perfis desses agentes serão analisados com base nas informações encontradas em suas páginas pessoais na internet. Analisar-se-ão quatro aspectos dos perfis compilados: faixa etária, gênero/sexo, nível de escolaridade e incidência de desvios linguísticos encontrados nos registros *print screens* e nas páginas pessoais de cada sujeito. O *corpus* constitui-se de: a) 200 perfis; b) duas enquetes realizadas por usuários do *Orkut* (uma sobre a variável gênero/sexo e outra sobre o direito ao acesso ao estudo de uma segunda língua, por pessoas que “não sabem falar ou escrever o português corretamente”); e c) o registro de um vídeo divulgado no site *Youtube* (www.youtube.com.br), que, feito por um dos agentes

⁷ A rede social *Orkut* (www.orkut.com) teve o seu fim anunciado para este ano, 2014. Havendo a quase totalidade de seus usuários migrado para o *Facebook*, que hoje detém a sua antiga marca de maior rede social do mundo, sua força de mercado se diluiu. O domínio *Google* deliberou, então, decretar o fim da criação de contas em junho de 2014 e o término do site para 30 de setembro do mesmo ano.

registrados no *corpus*, fere a imagem e a dignidade de pessoas que escrevem “errado”, na internet.

A seleção parte das ocorrências de manifestações discriminatórias para, a partir disso, realizar-se a análise dos perfis dos agentes que as produziram. Deste modo, o conjunto de sujeitos se forma aleatoriamente.

Os critérios de seleção de ocorrências de preconceito linguístico obedecem à relevância de cada uma para este estudo. Quando buscas são realizadas, inúmeros resultados são obtidos. Cabe ao pesquisador selecionar os que correspondem melhor a suas intenções de pesquisa. No caso deste trabalho, o que melhor corresponde às nossas buscas são manifestações explícitas de preconceito linguístico, isto é, frases que, mesmo quando retiradas de seu contexto de produção, não deixam margem para dúvidas sobre serem ou não manifestações de discriminação linguística.

Deixamos expressamente claro que todos e quaisquer dados aqui presentes foram extraídos da divulgação que os próprios usuários fazem de suas informações pessoais em diferentes *sites*. As identidades serão mantidas em sigilo e utilizadas apenas para os fins desta pesquisa acadêmica. Suprimiram-se, assim, todas e quaisquer fotos e links que possam identificar os agentes do preconceito linguístico e dar acesso a suas páginas pessoais. Alguns exemplos dos dados que coletamos encontram-se nos Anexos, ao final deste trabalho.

4 – A recepção social da Sociolinguística

Nunca é alto o preço a pagar pelo privilégio de pertencer a si mesmo.

Nietzsche

Dentre as motivações para a realização deste trabalho, impôs-se, logo em princípio, e com especial relevo, a constatação da dificuldade de destituição dos estigmas que perpassam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil – e o ensino de qualquer língua em qualquer parte do mundo, certamente –, em especial no que tange ao trabalho com as prescrições sociolinguísticas. Carlos Eduardo de Oliveira Lara explana o assunto em um artigo publicado em 2010, *A sociolinguística aplicada ao ensino e a discriminação reversa*. Em um fórum de discussões (não mencionado pelo autor) na internet, Lara encontrou comentários de quem acreditava que Marcos Bagno houvesse, “em nome de um discurso apaixonado e panfletário”, desenhado um preconceito às avessas em seu livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (1999), ao, supostamente, tentar combater o preconceito contra as variedades desprestigiadas fazendo o movimento contrário, incitando uma espécie de abominação da norma padrão da língua. Tal discussão é sintomática e denota como tem sido trelido o trabalho da Sociolinguística.

Lara também lembra ser comum que grupos discriminados – oprimidos – se voltem contra os discriminadores – opressores⁸. Em linhas gerais, o preconceito às avessas seria a inversão do direcionamento dos preconceitos como estratégia de defesa por parte do oprimido. Lara deixa aberta a questão: estaria, a Sociolinguística, tentando combater preconceito com outro? Adiante, o autor parece acreditar que não. Mas a pergunta proposta, embora bastante pertinente aos estudos sociolinguísticos, não foi respondida no supracitado artigo; portanto, ela é colocada aqui como ponto de reflexão para os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística no Brasil.

⁸ A título de ilustração, pensemos que a mulher, histórica e socialmente oprimida na quase totalidade das sociedades, revestiu-se de feminismo, num dado momento, como forma de defesa e protesto contra a inferiorização sofrida

Não é apenas a crença do preconceito às avessas que tem feito a Sociolinguística ser vista com desconfiança por uma boa parte da sociedade brasileira. Parece-nos que o problema vem de muito antes, de um hiato histórico no trabalho com Língua Portuguesa no Brasil. Esse hiato é a ausência do tratamento de questões fundamentais para o trabalho democrático com a língua, tais como variação e mudança linguísticas, oralidade, respeito às diferenças regionais e sociais etc.

Como exemplo, temos um caso que movimentou os cenários linguístico e social brasileiros, no ano de 2011: o livro *Por uma vida melhor*, da coleção *Viver, aprender*. Elaborado pela professora Heloísa Ramos, o livro, comprado e distribuído pelo MEC por meio do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) para mais de 480 mil alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), causou grande polêmica ao ser mostrado em reportagem do *Jornal Nacional*, da Rede Globo. O assunto já viera à tona dias antes, em alguns portais de informação da internet, mas foi por meio desse telejornal que o material ganhou maior notoriedade, e o caso, repercussão.

A polêmica girou - e ainda gira - em torno da defesa de dois princípios caros à Sociolinguística: as variedades populares podem, sim, ser usadas e elas estabelecem comunicação satisfatória tanto quanto a norma padrão. No capítulo em que trata da variação linguística, a autora propõe que se substituam as noções de 'certo' e 'errado' por 'adequado' e 'inadequado', mas essa parte foi suprimida pela imprensa ou foi alvo de conjecturas de quem pouco ou nada conhece da ciência linguística.

A repercussão do conteúdo de viés sociolinguístico trazido no livro gerou levadas de comentários em oposição à proposta da professora Heloísa Ramos. Até a Academia Brasileira de Letras emitiu nota "lamentando" o teor do material distribuído pelo governo. Alguns extremistas chegaram a afirmar que um livro que ensina a falar errado é vantajoso para o governo petista, pois um povo a que faltam cultura e educação manipula-se mais facilmente. Curiosamente, os

que saíram em defesa do livro e posicionaram-se contra os noticiários e portais tendenciosos mostravam conhecimento sobre sociolinguística. Muitos deles recomendavam que quem estivesse contra o livro de Heloísa Ramos lesse os livros de Marcos Bagno.

A revista *Veja*, um dos principais periódicos do grupo Abril e uma das revistas mais vendidas no país, publicou, em 15 de maio de 2011, poucos dias após o surgimento da polêmica sobre o livro *Por uma vida melhor*, um artigo do jornalista Reinaldo Azevedo, cujo título conduz a uma leitura afetada por conclusões que já estão postas: *Livro didático faz a apologia do erro: exponho a essência da picaretagem teórica e da malvadeza dessa gente*⁹. Sem qualquer embasamento teórico, o jornalista constrói seu artigo manipulando recortes do livro em questão e delatando todos os possíveis artifícios de alienação e de manutenção da ignorância da população brasileira nele impressos.

O artigo é extenso e não seria viável reportar-nos a todo o seu conteúdo, mas atenhamo-nos a três partes do título e ao que elas nos dizem: *apologia do erro*, *picaretagem teórica* e *malvadeza dessa gente*. Os três fragmentos afirmam com muita clareza que o livro defende o erro, incita-o, e que não há embasamento teórico verídico, consistente e honesto, além de estar eivado de intenções perversas por parte *dessa gente* (a autora Heloísa Ramos, o MEC, o governo petista).

Também chama a atenção, dentre todas as afirmações preconceituosas do artigo, a seguinte:

O neoesquerdismo do miolo mole, na sua fase de apologia do pobrismo, desistiu dessa bobagem [a “alfabetização do povo”]. Esses vigaristas intelectuais estão certos de que o povo desenvolveu valores que lhe são próprios, que o distinguem da chamada “cultura da elite”. E deve ser respeitado por isso.

⁹ <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>

O articulista ataca não somente a esquerda política, mas também os profissionais empenhados em difundir as teorias da sociolinguística, como a professora Heloísa Ramos. No artigo, esses profissionais são chamados de vigaristas intelectuais e suas ações são concebidas como uma estratégia de manutenção da ignorância, uma artimanha política que visa, por meio de processos educacionais, a executar uma manobra de defesa da pobreza e dos valores individuais comuns aos indivíduos que a constituem, o que reforçaria o establishment social das divisões abismais de classes. A proposta do livro *Por uma vida melhor*, neste caso, sofre uma análise que não padece com a ignorância, mas com a deturpação, fruto de interesses políticos e ideológicos direcionados que colocam em cheque a teoria e a integridade do trabalho realizado com as prescrições sociolinguísticas. O que o livro faz é tão somente seguir as orientações pedagógicas contidas nos PCN de Língua Portuguesa (1997, p. 31):

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico.

O episódio do livro *Por uma vida melhor* trouxe à tona, com proporções inéditas, a discussão sobre a importância da linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa. As reverberações infundadas apenas mostram o nível de resistência à utilização e à legitimação das variedades linguísticas que se diferem da considerada padrão da língua, bem como às propostas sociolinguísticas. Os posicionamentos favoráveis ao trabalho de Heloísa

Ramos mostraram, porém, o outro lado, o da importância de uma base teórica sólida e bem constituída, que, neste caso, fundamenta-se no trabalho com a variação linguística e com o respeito a todas as variedades da língua.

As críticas às concepções da Sociolinguística não se dão somente nas colocações de quem produz os discursos da mídia e para a mídia, mas também nas condutas de sujeitos que projetam seus discursos em suas páginas nas redes sociais. As manifestações abaixo¹⁰, extraídas de amostras de nosso *corpus*, demonstram dois lados distintos: o dos que rejeitam as noções sociolinguísticas por não conhecê-las e o dos que, conhecendo-as, rejeitam-nas por não concordarem com o que elas propõem. Por ora, não serão discutidas as proporções de um e de outro caso. A questão primordial, neste capítulo, é observar quão estigmatizadas e renegadas são a Sociolinguística e as suas prescrições.

Usuária L. U. S.: *A real é que eu acho essa coisa de preconceito linguístico a maior desculpa governamental já existente..como o Brasil quer revolucionar+*

+sua educação, se quando alguém não conjuga um verbo corretamente, ou não utiliza o plural corretamente, tudo é justificado pela cultura+

+e bla bla bla, por isso que a educação tá como tá, todo mundo tem desculpa para falar errado, e não tem um incentivo para aprender+

+nada, ai dá no que dá, um presidente analfabeto, professores que não sabem falar, jornalistas, advogados, e por aí vai...

Usuária L. S. O.: *Preconceito linguístico o caramba ! O povo é burro mesmo !*

Usuária P. C. P.: *O que ser variação linguística?*

¹⁰ A fim de mantermo-nos fiéis aos discursos produzidos pelos agentes de nosso *corpus* e para dar ciência exata de como são suas identidades linguísticas, todas as transcrições serão transcritas *ipsis litteris*.

meeu, nada a ver esse negócio de variação linguística! ate parece que uma pessoa normal fala ARVE ao invés de ARVORE

e FIGO ao invés de FIGADO

Usuária L. D. C.: *Tem duvida sobre como escreve uma palavra ou sobre como a acentua? DICIONÁRIO! Corre pro pai dos burros mas não pague mico*

To lendo aqui que agora inventaram um tal de “preconceito linguístico” e eu prefiro pensar que estou num grande pesadelo. Alguém me acorde!

Usuário R. A. R.: *VELHO... OLAVO DE CARVALHO ME REPRESENTA! MARCOS BAGNO NÃO.*

*[username da usuária a quem o sujeito se dirige] ***, você tá tendo aula de Sociolinguística já?*

[idem] Porque eles vão tentar te enfiar umas ideias de variação linguística garganta abaixo, e só queria conversar sobre :S hahahaha

*[idem] Eu li um texto da UFMG hoje sobre Sociolinguística de uma professora chamada *** ou qquer coisa assim... e ***...*

*[idem] eu fiquei super *** com o professor que passou isso e fui pesquisar e NÃO é a ideia corrente HAHAAAAHA é meio esquerdista*

[idem] Não lembro de cabeça, mas tem Sociolinguística no meio... é uma matéria surtada sobre não ensinar GRAMÁTICA NORMATIVA na escola.

[idem] Tipo, é ridículo Oo eu fico pretty espantado de vez em quando com aonde aquilo está nos levando hahahahaha I mean...

[idem] Eles dizem que não se deve ensinar gramática pra população pq eles já tem a própria variação deles... é tipo “useless”

[idem] SIM hahahahaha eu fico meio G-G com todo esse negócio de sociolinguística...

USUÁRIA F.T.: *criaram um grupo de letras pra minha sala e eis que um ser humano me posta a seguinte frase:*

“Só pra mim não se sentir mal, só eu que estou faltando na aula, ou tem mais gente?”

AI MEU DEUSSS AI MEU DEUSSSS! MY EYESS

A professora de linguística que me desculpe, mas tenho preconceito linguístico sim!

Poxa, um pouco de bom senso às vezes é legal antes de escolher um curso

Aff, fico indignada com um negócio desses.

Usuário E. V.: *QUIZER RT [usuário] [usuário] mais 1000 em 2013 e se Deus quizer mais 1000 em 2014*

O cara não investe em educação, daí acha que ‘quizer’ é o certo. sociolinguística que nada, nesse caso tem que ser zoadado mesmo.

Usuária C. A. S.: *Vou exercitar minha mente. Estudar Português! =**

Amanhã vou procurar nas minhas caixas todas as xérox da facul das matérias de Jornalismo e de Publicidade pra eu ler tudo de novo...

*Gente, não quero dar uma de prof, Pasquale, mas isso de preconceito linguístico é ***, passei anos aprendendo que antes de verbo [...]*

[..] se usa eu, pra agora qqr um sair escrevendo MIM FEZ e dizerem que tá certo? Sai daí! Preconceito virou desculpa p/ falta de estudo?

Essas novas regras gramaticais foram só pra diminuir a quantidade de semi-analfabetos desse país. Pra mim continuam semi-analfabetos. Ponto.

Usuário F. A. S.: *uma coisa é o cara usar uma variação linguística no contexto adequado, outra é gente afrontando a gramática e a ortografia onde não deveria*

e você vê jornalista de veículos até respeitados demonstrando um déficit de conhecimento da norma vergonhoso.

e a velocidade da internet só piora as coisas. não que justifique um erro crasso.

Usuário T. L.: *RT [usuário D. J. M.] [username ao qual o sujeito se refere] Po, mas não é usado, então...não é certo! // prof disse q se vc não achar feio dizer, pode usar no ou na como quiser*

[Retweet] [usuário A. P.] [usuário T. L.] [usuário D.J.M.] Dizer “vou na Ipanema” é o mesmo que dizer “vou na Roma”. Ridículo. Variação linguística tem seus limites.

[usuário T. L.] [usuário A. P.] [usuário D. J. M.] em guaruja ou no guaruja? os paulista so dizem no, eu prefiro dizem em

[usuário A. P.] [usuário T. L.] [D. J. M.] Também diria em Guarujá. Como “em Botafogo”, “em Niterói”, “em Salvador”. Acho que é uma questão de bom senso.

[usuário T. L.] RT [usuário D. J. M.] CONCORDO !! RT [usuário A. P.] : sim, exatamente o q o prof disse. vc para, pensa e ver se é ridículo e fala da melhor maneira

Usuário N. L.: *O que esses linguistas não vêem é que a língua nacional, ensinada na escola, é padrão que mede o nível social da criatura.*

É o que dá a idiotice modernosa desses linguistas moderninhos que defendem a ignorância em nome da democracia.

Usuário M. T.: *Novo livro do MEC diz que $10 - 7 = 4$. Será que os linguistas vão aparecer novamente para defender o erro?*

Usuário A. D.: *Não quero meus filhos em escolas onde o erro é permitido e estimulado. E a critica a ele é considerada “preconceito linguístico”.Ponto final.*

Usuária R. B.: *Segundo os intelectuais do MEC, o uso do português correto é “preconceito linguístico”. RE ****

Usuário A. T.: *pronto, inventaram mais uma forma de preconceito, o “preconceito linguístico”: ****

Usuária F. P.: *O MEC quer combater o preconceito linguístico (nunca ouvi falar) e ensinar a molecada tudo a falar errado! Parabéns ****

Usuária L. M.: *no ***: falar corretamente é ter preconceito linguístico? *** - o MEC acha que é.*

Usuária K. S.: *da vontade de dar na cara desse povo que tu sabe que acabou de concluir o ensino médio e fica escrevendo errado no facebook*

E ainda tem a cara de pau de dizer que isso é variação linguística

Usuária O. C.: *tenho que me acostumar com pessoas roceiras que falam errado tipo eRado' eno jornalismo isso se chama variação linguística*

Mas e o que fazer com as pessoas que escrevem errado?

trocam o C e o QU por K tenho tanta, mas tanta vontade de socar a cara dessas pessoas :)

Usuário W. G.: *Sinceramente, mesmo lendo o Marcos Bagno (***) ainda não vi um argumento aceitável em defesa da “variação linguística”.*

Usuária I. C.: *tem uma pessoa falando cmg com variação linguística, vou levar p prof. de português, quero vê se agr ela n diz que essa *** n ta errada!!!*

diz a professora que “a gente vamos” é variação, pois ela ta certa rsrs

Usuária E. E.: *Preconceito linguístico é simplesmente teórico. Duvido ninguém torcer o nariz pras coisas que eu ouço pegando lotação na zl*

[dirigindo-se a uma usuária do site] revolts? E se brigassem com você dizendo que rir de quem escreve bolça é preconceito linguístico? E AI?

[idem] AHIEUEUAHAIHIEHIAH. Odeio os srs. direitos humanos

[idem] Ninguém! Mas são conversas muito frequentes na Letras. Que falar “pra mim fazer” e “nóis vai” é apenas VARIANTE LINGUÍSTICA.

O teor das manifestações reportadas acima revela o quanto as práticas de trabalho com a Sociolinguística, a variação linguística e o preconceito linguístico têm-se deparado com fronteiras que cerceiam e afetam os seus

trânsitos sociais. As muitas resistências, enraizadas na ausência de um trabalho democrático com a língua e suas diferentes variedades, contribuem para que se mantenham às margens da sociedade indivíduos cujos usos linguísticos são rechaçados, como eles próprios.

As resistências à aceitação das diferentes variedades linguísticas e do trabalho da Sociolinguística podem ser entendidas com a abordagem feita pelo PCN de Língua Portuguesa (1997) sobre variação linguística. Na página 48, abaixo do título “Língua oral: usos e formas”, lê-se:

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos – por não ser coincidente com a variedade linguística de prestígio social –, com a esperança de evitar que escrevessem errado. Reforçou assim o preconceito contra aqueles que falam diferente da variedade prestigiada.

A visão dos PCN é de que a escola, mantenedora da tradição do uso da norma padrão da língua, absteve-se do trabalho com a oralidade e reprimiu os usos das variantes que os alunos levavam para o espaço escolar, variantes essas adquiridas ao longo de sua prévia formação bio-psico-social-cognitiva. Para Soares (1992, p.16),

É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada.

Portanto, compreende-se que a ausência ou a inadequação do trabalho com a oralidade tem sido fator altamente corroborativo do preconceito linguístico. À escola, instituição responsável pelo “ensino” da língua, caberia respeitar a fala do aluno, que, muito embora se distancie do ideal da norma padrão, é legítima.

Diante das afirmações e dos casos expostos, depreende-se que:

a) as prescrições sociolinguísticas acerca do trabalho com as variedades linguísticas no ensino de língua materna começam a adentrar as salas de aula (mais de uma década após o surgimento dos PCN), mas ainda encontram resistência de uma parcela muito grande da população;

b) o desconhecimento do trabalho da Sociolinguística é um dos fatores que motivam essa resistência, uma vez que a escola, que deve ensinar aos alunos a norma padrão da língua, quase sempre o faz de maneira antidemocrática, reprimindo variedades linguísticas e, conseqüentemente, a liberdade e a identidade linguística de seus sujeitos;

As ações em prol de uma convivência linguística democrática não têm logrado o êxito a que objetivam. As manifestações contrárias ao trabalho da sociolinguística apresentadas neste capítulo constituem uma amostra mínima, mas relevante, do quanto o imaginário social ainda resguarda as prescrições da tradição gramatical secularmente enaltecida e reproduzida pela mídia e pela Escola.

Supondo ver ameaçado o prestígio que o domínio da norma padrão da língua sempre representou e presumindo que o trabalho da Sociolinguística se trate de uma manobra de alienação social, os falantes que julgam dominar a contento a norma culta da língua portuguesa se insurgem contra trabalhos que passam a ser rechaçados por uma maioria leiga e defendidos por um grupo ínfimo de pessoas, as que, imersas em um trabalho adequado sobre a variação linguística, adotam os preceitos da Sociolinguística. As ocorrências reportadas do *corpus* mostram, entretanto, uma outra problemática que precisa de ser pensada: uma parcela significativa dos discentes pertencentes ao curso Letras, no qual se estuda com mais afinco e por mais tempo a teoria sociolinguística, compreende adequadamente o que essa ciência é e não concorda com o que ela apregoa.

Com efeito, as manifestações dos sujeitos de nossa pesquisa podem ser tomadas como medida da recepção social da Sociolinguística e já sinalizam por que o preconceito linguístico é socialmente aceito, seja nos espaços sociais concretos, seja nos espaços sociais virtuais. Além disso, ajudam-nos a enxergar com mais nitidez quais problemáticas têm comprometido a compreensão e a aceitação das teorias sociolinguísticas, o que, por sua vez, nos permite engendrar possibilidades novas de difusão do trabalho dessa vertente linguística.

Como exemplo de prejuízos sociais causados pelo preconceito linguístico, tomemos o caso da tribo Wayúu. O ser humano empreende transformar em palavra o que sente, mesmo sabendo que a palavra não dá conta da vida e que tampouco os anseios se deixam dominar por ela. Toda palavra é uma tentativa. E nós, estudiosos de linguística, temos tentado muito e há muito tempo fazer com que toda palavra seja válida, com que toda tentativa seja recebida mais pelas intenções que carrega do que pela ortografia e pela gramática com que se apresenta. Toda palavra é, em si mesma, um território de domínios e de inferências.

Em novembro de 2011, o jornalista Marcos Guterman trouxe à tona, em sua coluna no *Estadão Online*¹¹, uma nada democrática realidade: durante décadas, funcionários públicos colombianos enganaram índios analfabetos da tribo Wayúu, expedindo para eles documentos de identidade com nomes como Tarzã, Land Rover, Coito, Cabeção, Palhaço, Marilyn Monroe... Além da violação no registro dos nomes, também as datas de nascimento foram alteradas: todos os índios foram registrados como havendo nascido em 31 de dezembro. Um documentário intitulado “Nascemos em 31 de dezembro” foi lançado na Colômbia algum tempo após a descoberta do ato criminoso.

Práticas como essa fazem deflagrar a vulnerabilidade humana e social dos indivíduos analfabetos. Em uma sociedade alfabetizada, o não domínio da leitura e da escrita implica o não acesso a diversas práticas, processos e lugares sociais. Disso resulta um movimento de ‘periferização’: tudo o que não

¹¹ <http://blogs.estadao.com.br/marcos-guterman/dos-indios-colombianos-roubam-ate-o-nome/>

faz parte da cultura consagrada é taxado de periférico, marginal - porque foi colocado às margens.

Os indivíduos com modos de falar e de escrever marginalizados são vistos como responsáveis pela dita desordem social, considerados incapazes de contribuir para a pretensa engrenagem que move o sistema. Tal como a sociedade, a língua é um território demarcado: cada variedade é associada a uma imagem, e cada imagem, quase sempre uma estereotípi, é associada a um lugar social. Se o lugar é rechaçado, também o indivíduo falante dessa variedade o será.

Essas associações, quase sempre carregadas de preconceitos vários, configuram um esquema de relações em que o direito à fala é subordinado ao lugar social ocupado pelo falante. O preconceito que essa configuração carrega abrevia as relações, enfraquece os diálogos, torna esvanecidas as palavras e dilui o sentimento de pertencimento, restringindo o acesso dos sujeitos aos diversos saberes, espaços e discursos. Assim, a Educação, tal como tem se caracterizado historicamente, pautada em uma tradição gramatical encerrada em si mesma, vem mantendo quase imutável uma hegemonia que contribui irremissivelmente para a desigualdade social.

Desde índios analfabetos cujo direito fundamental ao nome é sarcasticamente negado até os alunos chamados de burros em nossas salas de aula, muitas são as práticas que por vezes tem-nos parecido inexpugnáveis. Entretanto, não podemos nos esquecer de que não são. Se precisamos de ouvir o que dizem as manifestações preconceituosas, precisamos de ouvidos ainda mais aguçados para ouvir o que não dizem os discriminados.

Destarte, a Sociolinguística pode operar ainda nisto: na destituição dos lugares marcados, ao mostrar que toda e qualquer variedade linguística é igualmente lógica e inteligível, e que não há incompetência linguística, e que, embora haja juízos de valor socialmente arranjados atribuídos a cada uma dessas variedades, os valores humanos devem ser os mesmos para todos.

Nos capítulos subsequentes, analisaremos o ciberespaço e o preconceito linguístico nele encontrado, pormenorizando-se os dados dos agentes e os constituintes da própria discriminação.

5 - O ciberespaço

O termo *ciberespaço* (*cyberspace*) figurou pela primeira vez na literatura em 1984, no livro *Neuromancer*¹², de William Gibson. No romance, ciberespaço é um espaço virtual – isto é, que existe em potência – formado pela interligação (rede) de computadores e indivíduos conectados. Gibson engendrou, então, aquilo que se tornaria a nomenclatura mais utilizada para designar e referir-se à realidade virtual: cyberspace, ciberespaço.

O filósofo da informação Pierre Lévy define o ciberespaço como (1999, p.17)

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da conexão digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

O ciberespaço se configura, portanto, como uma conexão virtual em que há interligação de indivíduos, programas e documentos, interação não presencial, intercâmbio de informações, de conteúdos e de arquivos. Para interagir, partilhar, conectar, não é mais necessária a proximidade territorial, geográfica; a desterritorialização que o ciberespaço promove evoca um plano espacial virtual. Nele, são reproduzidos esquemas de convívio social, que, uma vez virtualizados, serão redimensionados em função do espaço em que operam.

Assim, faz-se mister a um estudo cujo *locus* de investigação é o ciberespaço, caracterizar não somente este, mas também outro conceito que lhe é concernente - o de *virtual* -, já que, entre grande parte dos usuários do computador e da internet, é comum o estabelecimento de uma equívoca relação sinonímica entre ambos os termos. *Virtual*, ao contrário do que se convencionou difundir pelo senso comum, não é o oposto de *real*. Lemos (2000, p. 230), também à luz de Lévy (1999), enfatiza que

¹² GIBSON, William. *Neuromancer*. 3. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2003.

A virtualização não é, em nenhum momento, um desaparecimento ou uma ilusão. Ela é, afirma Lévy, uma dessubstancialização que se inclina na desterritorialização, num efeito Moebius, na passagem sucessiva do privado ao público, do interior ao exterior e vice-versa. A subjetivação (dispositivos técnicos, semióticos e sociais no funcionamento somático e fisiológico do indivíduo) e a objetivação (influência dos atos subjetivos na construção do mundo) são dois movimentos complementares desse processo virtualizante. [...] O real, o possível, o atual e o virtual são complementares e possuem uma dignidade ontológica equivalente. [Grifos nossos].

*Destarte, as significações de real e virtual não são inversas, tampouco excludentes. É preciso, logo de saída, desmistificar o ciberespaço: o “mundo virtual” não é uma dimensão irreal; virtual¹³ deriva do latim *virtus* e significa excelência, força, potência. No campo da informática, *virtual* assume a conotação de *inexistente fisicamente*, mas que se faz aparecer por meio de *software*¹⁴.*

O ciberespaço é, portanto, *locus* não concreto, não tangível, mas que possibilita reproduzir esquemas de ações humanas, tais como interatividade, leitura, organização em grupos e emissão e recepção de informações, evocando uma nova forma de estabelecimento de relações sociais por meio da conexão à rede mundial de computadores e internet. Estas, aliadas, formam um completo – e complexo – sistema tecnológico. Comunicação, intercâmbio, processamento de dados, armazenamento de arquivos e informações, pesquisa, divulgação e suportes institucionais ajudam a compor a extensa lista de atribuições dessas ferramentas. Um dos maiores atributos, no entanto, é a nova possibilidade de interação: os espaços virtuais permitem que os indivíduos estejam conectados e interligados independentemente de localização geográfica e temporal, noções que também são redimensionadas.

¹³ Como os estudos no campo da informática são vastos, é possível encontrar, para *virtual*, definições várias; a definição aqui adotada, no entanto, é a que melhor atende aos nossos objetivos e foi reportada do site www.origemdapalavra.com.br. Para outras acepções e apontamentos, consultar Lévy (1996) e Sawaya (1999).

¹⁴ Software, segundo Sawaya (1999, p. 436), é o conjunto de programas, métodos e procedimentos, regras e documentação relacionados com o funcionamento e manejo de um sistema de dados.

A internet faz surgir um novo tipo de território, em que não há fronteiras físicas, e as distâncias são percorridas por meio de *clicks*. As redes telemáticas virtuais são, preeminentemente, ferramentas de convivialidade (LEMOS: 2000, p. 22), embora essa noção não deva fazer pressupor um convívio pacífico, mas antes o convívio com todas as suas regularidades: conflitos; expressão de sentimentos, positivos ou negativos; estranhamentos; etc.

Uma das formas possíveis de agrupamento de pessoas no ciberespaço é a formação de comunidades virtuais. Majoritariamente organizadas por interesses comuns, seus membros partilham experiências, trocam informações e discutem assuntos concernentes à ideologia ou à área de interesse da comunidade, conforme esclarece Nussbaumer (2000, p. 101):

Têm-se (sic) uma comunidade virtual quando certo número de pessoas participa de discussões abertas, durante algum tempo, colocando nelas seus sentimentos para que redes de relações se estabeleçam no ciberespaço; ou quando percebemos um sentimento de permanência experimentado ao se assumir um papel [...] ou quando vivenciamos o partilhar de uma história, uma memória, um sentimento de pertencimento [...].

Uma comunidade virtual constitui, portanto, um ambiente em que cada indivíduo pode interagir com o outro com o qual se identifica. Essa organização dos sujeitos impulsiona e fortalece o sentimento de pertencimento, de grupo, de coletivo organizado por afinidade, sejam quais forem os interesses de cada membro e de cada comunidade.

Lévy (1996, p. 9) ratifica a forma de organização virtual referida acima:

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de "não-presente", essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos

e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis...

Rheingold (1995 *apud* RECUERO, 2009, p. 20) assim define as comunidades virtuais:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede (internet), quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.

Segundo Recuero (2009), as relações sociais na rede seriam, então, constituídas pela combinação dos elementos que constam da definição de Rheingold (1995): as discussões públicas, as pessoas que interagem, o tempo e o sentimento. Para Rheingold, o que levaria as pessoas a se organizarem em comunidades virtuais, ou seja, interagirem por meio da comunicação mediada pelo computador, seria a dificuldade do estabelecimento de relações nos espaços sociais físicos, motivada por fatores como a violência e o acelerado ritmo de vida de cada um.

O *site* de relacionamentos *Orkut* (www.orkut.com), por exemplo, além de permitir que os usuários construíssem seus perfis de maneira detalhada, possuía milhares de comunidades divididas por categorias e nomes. Hoje, essas comunidades não existem mais, devido à extinção do site, embora outrora hajam sido o mais frequentado campo de discussões do espaço virtual.

Dessa forma, o ciberespaço, fruto das novas mídias, abriga uma complexa teia de relações humanas e um emaranhado de restrições simbólicas. Para Bretas (2001, p. 39),

As mudanças imputadas à crescente utilização das redes telemáticas dizem respeito à transformação das relações sociais e promovem novas formas de interações mediadas pela máquina. [...] Coloca em questão os sentimentos e a solidariedade dos indivíduos [...]. Mas, contrariando os tecnóforos, a tecnologia das redes virtuais pode configurar novos espaços de sociabilidade, inaugurando novas práticas de estar com o outro, e, inclusive, propiciando uma aproximação local.

O ciberespaço é um sistema multilateral e polissêmico: nele se abrigam alteridades, culturas e relações sociais as mais diversas. Para ele têm sido transpostas, cada vez mais, as especificidades do mundo concreto, obviamente que com acréscimo e decréscimos: pagam-se contas, realizam-se inscrições em processos seletivos, prestam-se queixas em delegacias virtuais, fazem-se cursos e compras de supermercado. Tal complementaridade aponta para o fato de que o mundo real e o mundo virtual têm sido cada vez mais indissociáveis: hoje, custa-nos conceber o funcionamento de um sem o outro como extensão.

Apesar de, por inferência, *comunidades* e *redes sociais* suscitarem as noções de coletivo (assim como *internet* conduz à ideia de interação coletiva) e de pertencimento, será possível verificar, por meio do estudo sociolinguístico realizado neste trabalho, um movimento antagônico, o de uma exclusão a que chamaremos exclusão *sociodigital*. Não nos referimos, aqui, à parcela da população que, por motivos financeiros, territoriais, culturais ou religiosos ainda vive à margem da posse e do domínio das tecnologias da comunicação; os excluídos sociodigitais a que fazemos menção são os indivíduos que, embora sejam partícipes de comunidades e redes sociais, não encontram aceitação nesses ambientes e são repudiados, subjugados, reprimidos e excluídos dos espaços sociais virtuais – tal como acontece nos espaços concretos –, apenas pelo uso – oral ou escrito – que fazem de sua língua, a língua portuguesa.

O ciberespaço se configura, portanto, como um ambiente real-virtual, sendo danosa a sua concepção como um simulacro, uma vez que nele estão interagentes reais que estabelecem relações humanas e sociais igualmente reais. Bretas (2001, p. 37) afirma que

A tecnologia telemática tanto é condicionada e modelada pela sociedade como também condiciona e modela formas e interações sociais. Nada disso deve ser visto como algo separado e estanque, mas em constante conexão com os contextos culturais que abrigam as modificações das estruturas de cada sociedade, percebendo o crescente aumento das influências culturais cruzadas [...].

Ainda que não haja proximidade física, há criação de narrativas, intercâmbio de discursos e saberes, coalizões ideológicas, culturais e sociais, construções de face e criação de estratégias de existência e de trânsito social. O ciberespaço é factual, e o que nele transcorre não se esgota em seu próprio domínio, mas estende-se para o entorno empírico, sendo dele muitas vezes derivado. Se entendemos que os seus interagentes são reais e se fazem existir por meio de modelos mentais e esquemas sociais reais, também as suas ações devem ser tomadas muito mais do que como mero reflexo do mundo concreto: o empirismo que caracteriza as interações virtuais justifica por si só a necessidade de que elas sejam acompanhadas e, sempre que necessário, tratadas cientificamente.

A interatividade no ciberespaço não está, no entanto, circunscrita exclusivamente às comunidades virtuais, embora elas sejam, por definição, as organizações coletivas voltadas ao agrupamento e às trocas entre os indivíduos. Há *sites* que permitem a livre manifestação dos internautas, sem que, para isso, eles estejam organizados em comunidades. Um exemplo é o microblog *Twitter* (www.twitter.com), em que é preciso apenas criar uma conta (tornar-se usuário do *site*) para publicar frases (de autoria própria ou não) de até 140 caracteres (tal qual o modelo de escrita dos telegramas, ressaltando-se o fato de que, nos telegramas, escrevia-se em até 160 caracteres; no *Twitter*, os outros 20 são destinados ao *username*, ou nome de usuário).

Isso posto, analisamos o preconceito linguístico que emerge no ciberespaço e insurge contra indivíduos que, devido aos seus usos linguísticos supostamente errados e ineficientes, assumem o lugar da escória social e virtual. O fenômeno do preconceito linguístico no ciberespaço traz à luz o obscurantismo com que muitos preconceitos têm sido manifestados e difundidos em um território de

difícil controle. Além disso, o preconceito linguístico é redimensionado em função do *locus* em que se apresenta. Essas e outras questões serão pormenorizadas e discutidas nos capítulos subsequentes.

6 – O preconceito linguístico

“Escuto-o, e no meu coração um grande pasmo soluça.”

Álvaro de Campos

Ao fenômeno que se instaura entre a alteridade de um indivíduo e a identidade linguística de outrem chamamos preconceito linguístico. Estudos como os de Labov (1963), Fishman (1973) e Bourdieu (1977) são alguns exemplos de ponto de articulação científico entre língua e sociedade. Essas obras versam sobre a intrínseca relação entre essas duas intuições, e nos conduzem a reflexões acerca dos próprios pesos que cada uma dessas esferas representa.

O ser humano atua sobre a língua e por meio dela, de modo que toda atitude de preconceito linguístico¹⁵ (LEITE, 2008) afeta um indivíduo e sua maneira de existir, de ser; fere sua alteridade, cerceia seu trânsito social, deturpa seus processos autorais. O preconceito linguístico faz parte de um inventário extenso de mazelas sociais, com a diferença de ser amparado por um hiato nas leis: não há punibilidade para ele. Ao contrário do racismo, do sexismo, da homofobia e da xenofobia, cujos combatentes conquistaram historicamente a criação de leis punitivas para discriminadores, o preconceito linguístico insurge contra milhões de falantes em uma sociedade em que ele não só não é condenado, como é estimulado.

As diferentes estruturas sociais, formas de dominação, instituição de significados e construção de sentidos, bem como os diferentes estratos sociais, as diferentes culturas, as formações políticas desiguais e os conglomerados

¹⁵ Leite (2008), em seu livro *Preconceito e intolerância na linguagem*, aborda casos de preconceito linguístico manifestado em artigos da mídia impressa. Em sua análise, a autora traça uma distinção entre preconceito e intolerância. Embora seja um trabalho interessante e enriquecedor, não faz parte dos nossos objetivos valermos-nos de tal distinção, uma vez que entendemos, aqui, preconceito e intolerância como um único fenômeno linguístico, o preconceito linguístico.

urbanos díspares fazem com que os diferentes gêneros textuais sejam produzidos, difundidos e recebidos de maneiras também dissemelhantes.

A concepção sociointeracionista de língua em muito contribuiu para que os estudos acerca da língua e da linguagem dessem novos contornos a uma visão afetada sobre os diferentes usos linguísticos. A virada pragmática da linguística, na década de 1960, deslocou o cerne do trabalho com língua materna da frase para o texto, embora as primazias de uma reconfiguração pedagógica só se estabelecessem, no Brasil, bem mais tarde. A oficialização das novas diretrizes teve seu marco com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, em 2000. A incorporação das diretrizes aos livros didáticos e aos currículos escolares, no entanto, não garantiu a efetivação dos princípios democráticos que vigoram nos documentos oficiais, como discutimos anteriormente, com respeito ao livro didático de Heloísa Ramos.

A Sociolinguística, ao estudar a relação entre língua e sociedade em realidades assimétricas, tenta desmistificar a superioridade da variedade padrão da língua sobre as demais. Nesse sentido, a Linguística provoca uma perturbação. Não nos parece impossível compreender a resistência da sociedade em aceitar que o erro linguístico não existe, que o que existe é um quadro amplo de variação linguística, fruto de uma sociedade profundamente heterogênea e geográfica e culturalmente extensa, diversa.

O preconceito linguístico, um dos vieses de preconceito mais ignotos, corrobora todos os estigmas sociais de que são vítimas os sujeitos periféricos e provê anuência à dominação de uma classe pela outra; neste caso, a dos sujeitos que pouco ou nenhum acesso tiveram à escolarização, pelos sujeitos cuja formação pregressa é acessada tão somente por contingentes mais abastados da população; formação essa que reforça e perpetua as discrepâncias sociais de legitimação de discursos, de ascensão ao poder (político, econômico, aquisitivo etc.), de aquisição de bens culturais e de produção de bens ideológicos.

A standardização da língua, à luz da ideia de uma cultura nacional, faz com que variedades não padrão sejam tomadas como erro, como indício de precariedade linguística, de desconhecimento da norma. Tudo isso indicaria, por inferência, o escasso ou inexistente contato com a escola. Se um indivíduo diz “Eu vi eles ontem.”, embora não esteja seguindo o que dita a norma padrão da língua, para a qual o *correto*, sobretudo na escrita, seria “Eu os vi ontem.”, sua imagem social não será associada a estereótipos de pobreza como a de quem diz “Eu vi eis onti.”. Embora ambas as formas não obedeçam à norma padrão, a primeira é mais próxima dela do que a segunda, por estar muito presente na língua falada de indivíduos de classe média e até da classe alta e de indivíduos bastante escolarizados, a primeira, fora de comunidades epistêmicas como as dos cursos de Letras e a jornalística, sequer é pensada como variação, e só se altera na escrita formal.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) estabelecem o *princípio da heterogeneidade ordenada*, segundo o qual a língua é heterogênea e tal heterogeneidade opera de modo regular, sistemático, ordenado. Isso significa, em linhas gerais, que a variação linguística não instaura um caos, não há um *vale tudo* nem tudo na língua varia, mas o que varia obedece ao conhecimento e à aceitação da comunidade de fala. Esse princípio é frequentemente usado como fundamento teórico precípuo para o enfrentamento do preconceito linguístico, visto que assegura e comprova empiricamente a sistematicidade da variação.

Ao infirmar a ideia de que uma língua é uniforme e de que usos divergentes dos compêndios gramaticais são inteligíveis e legítimos, esses três linguistas oferecem subsídios teóricos para o enfrentamento de práticas discriminatórias. É preciso pontuar, no entanto, que, como linguistas, partimos da teoria, mas que ela, sozinha, não é argumento suficiente para a sociedade, como demonstrado anteriormente. Quando uma proposição inovadora surge, inicia-se um período de maturação, o qual parecemos estar vivendo. Pesquisas linguísticas futuras mostrarão os resultados do que a Sociolinguística faz hoje.

Ilari e Basso (2012, p. 151) falam de *uma certa insensibilidade para a variação*, ainda que os responsáveis pela variação linguística sejam os próprios indivíduos que a rejeitam. Em verdade, tal rejeição é relativizada em função

não propriamente das variedades, mas dos indivíduos que as utilizam. Conforme afirma Gnerre (1991, p. 06),

Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a uma variedade “cultura” ou “padrão”, considerada geralmente “a língua”, e associada tipicamente a conteúdos de prestígio. A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um “corpus” definido de valores, fixados na tradição escrita. / *Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.* [Grifos nossos]

Para Hanks (2008, p. 51),

Os processos a serviço da padronização e da hierarquização de estilos e de gêneros também dão origem ao que Bourdieu denomina legitimação e autorização. Ambas se voltam para como a língua é avaliada socialmente. A legitimidade é concedida a determinadas maneiras de falar e de escrever, na medida em que são escolhidas por outros produtores, pelas classes dominantes e pelo grande público [...] e pela família [...], a língua dominante é legitimada no sentido de que angaria reconhecimento, além de ser a norma a partir da qual outras variedades são avaliadas (ao menos em algumas situações). Diferenças de posição social e econômica tendem a ser reproduzidas por um conhecimento desigual da língua legítima, fato que, por sua vez, reforça as restrições de acesso ao poder. [...] A legitimidade está intimamente relacionada à oficialidade na abordagem bourdieusiana (Bourdieu, 1991b). A diferença é que a oficialidade não reveste as variedades linguísticas, mas os agentes que a usam [...].

A heterogeneidade social e ideológica realiza-se dentro de uma pretensa homogeneidade socioestrutural, de modo que criamos o diferente, o exótico, como forma de endossar o padrão, única existência legítima.

O preconceito linguístico, que insurge contra usos linguísticos considerados errados e/ou feios e seus falantes, compromete o direito fundamental do uso da

língua materna como produtora de sentidos e expressão dos quocientes da relação entre o sujeito e o mundo. Uma vez que reprime e exclui identidades linguísticas, aparta os seus falantes do convívio social pleno e humanizado. A parametrização das variedades linguísticas não é senão a amputação da identidade dos próprios sujeitos que as detêm e que por meio dela produzem e acessam sentidos. Assim, o preconceito linguístico é, fundamentalmente, uma expressão austera da intolerância e da opressão aos indivíduos que ocupam culturas e camadas marginalizadas da sociedade. É uma das reiteraões possíveis da hegemonia social vigente.

Destarte, o preconceito linguístico não pode ser tomado como um problema da Linguística, da Sociolinguística ou dos estudiosos dessas áreas. O preconceito linguístico, tal qual os preconceitos de outras ordens, não é um problema circunscrito a dada área do saber; é, antes, um problema social, uma vez que se constitui como um fator de criação e corroboração de estigmas e de problemáticas que subjazem aos indivíduos em sua totalidade complexa, não seccionada em papéis como o de estudante ou trabalhador, por exemplo. Ao ser subjugado, discriminado e repugnado, não é só a vida estudantil ou profissional que sofre afetações, mas todos os sentidos humanos e sociais de que dispõe um indivíduo.

Nos capítulos subsequentes, pormenorizaremos as ocorrências de preconceito linguístico que compõem o corpus deste trabalho, e analisaremos quatro aspectos concernentes ao elenco de agentes da discriminação: gênero/sexo, faixa etária, nível de escolaridade e incidência de seus desvios linguísticos nos registros *print screens* e nas redes sociais.

7 - Os agentes do preconceito linguístico no ciberespaço

O estudo dos fenômenos de uma língua requer, além de sua análise estrutural, um olhar cuidadoso para as características psicossociais de seus sujeitos falantes, os quais estão inseridos em comunidades com regras de conduta específicas. Assim, a Sociolinguística, ao oferecer arcabouço teórico e metodológico para a análise conjunta dos aspectos linguísticos e sociais envolvidos no uso das línguas, é uma valiosa ferramenta que possibilita capturar as especificidades dos fenômenos linguísticos variáveis.

Em uma sociedade, a confluência de fatores diversos, como a forma de colonização, a ocupação territorial, a distribuição de renda, os modelos escolares e os contratos sociais simbólicos, assim como a procedência geográfica dos habitantes, seu poder de compra e seu acesso a bens culturais geram atribuições valorativas diferentes para os indivíduos imersos nesses processos. O valor positivo ou negativo não é intrínseco ao objeto, mas ao quão bem situado ele está na sociedade: se se situa nos espaços elitizados, será bem avaliado. Se, ao contrário, ocupa lugares periféricos, é certo que os julgamentos valorativos que recairão sobre ele serão negativos. Os valores são, portanto, frutos dos esquemas sociais de inter-relações pessoais.

Assim, a análise do preconceito linguístico no ciberespaço que aqui se apresenta não poderia ser configurada a contento sem a análise de seus sujeitos. Ao contrário: urgia comprovar (socio)linguisticamente quem eram os indivíduos que produziam e veiculavam manifestações discriminatórias quase ignotas no ciberespaço.

O nosso elenco de 200 agentes do preconceito linguístico foi analisado com base em quatro aspectos, a saber: gênero/sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos agentes da discriminação, além dos próprios desvios linguísticos nos registros e nas redes sociais. Por meio da investigação desses fatores, será possível identificar que sujeitos são esses, que lugar ocupam nos espaços sociais e qual a relação existente entre seus traços identitários e o preconceito que manifestam na rede. Os resultados logrados estão dispostos em quatro tabelas, que seguem abaixo.

7.1 – O gênero/sexo

Fischer (1958), em pesquisa na zona rural da Nova Inglaterra, EUA, sobre o sufixo inglês *-ing*, formador de gerúndio, constatou que a pronúncia velar, a de maior prestígio, era usada predominantemente pelas mulheres. Os homens, por sua vez, utilizavam mais a pronúncia dental, menos prestigiada. Esse estudo preambular na Sociolinguística foi corroborado por pesquisas semelhantes que obtiveram os mesmos resultados. Por exemplo, Trudgill (1974), ao investigar também a pronúncia da variável *-ing em Norwich, Inglaterra*, constatou que os sujeitos do sexo masculino usavam/valiam-se da variante não-padrão [in], enquanto que as mulheres usavam majoritariamente a variante padrão [iŋ].

Esses resultados dão ciência de dois fenômenos importantes para nossa análise, nesta pesquisa: 1) que as mulheres tendem a favorecer as formas padrão da língua e 2) que os indivíduos têm consciência, em algum grau, de seus repertórios linguísticos e de sua variação diafásica, isto é, de sua alternância de estilos. Trudgill pôde observar, portanto, a avaliação que os indivíduos de ambos os gêneros fazem das formas variantes que utilizam. Ao afirmarem ser usuários da forma variante local e não padrão, os homens estavam reiterando a sua filiação a seu grupo.

As características desses resultados, no entanto, são próprias das sociedades ocidentais. Pesquisas sociolinguísticas realizadas no Oriente mostram resultados contrários: os homens detêm majoritariamente maiores frequências de uso das variantes linguísticas prestigiadas, como mostra, por exemplo, a pesquisa de Haeri (1987) em comunidades muçulmanas. A explicação, embora complexa, reside na diferença entre as realidades sociais de homens e mulheres. As estruturas sociais de quase todo o Oriente conferem à mulher um papel social bastante diminuto; seu acesso à escola é mais restrito, seu círculo social é basicamente o familiar e a sua participação em diferentes processos sociais praticamente inexistente.

Em nossa pesquisa, em um total de 200 agentes do preconceito linguístico analisados, 116 são do sexo feminino, 77 são do sexo masculino e de 07

sujeitos não foi possível aferir o gênero/sexo, já que seus perfis eram *fakes*. A tabela abaixo organiza esses dados:

Tabela 1 - O gênero/sexo dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço

Gênero/sexo		
	Número	%
Sexo feminino	116	58,0
Sexo masculino	77	38,5
Não identificado	07	3,5
Total	200	100

Em uma comunidade do *Orkut*, *Eu odeio erros de português*, com mais de 29 mil membros, encontrou-se uma enquete, realizada pelos próprios partícipes, acerca do posicionamento do gênero diante de desacertos linguísticos. Quando perguntados sobre “quem odeia mais os erros de português”, se meninos ou meninas, 78% (146 votos, num total de 187) responderam *meninas*, enquanto que apenas 21% (41 votos) declararam que os meninos é que demonstram maior intolerância aos desvios linguísticos.

Mendes (2012), considerando a hipótese de que o uso de diminutivos no português brasileiro guarda correlações com a variável gênero/sexo, diligenciou um estudo sociolinguístico com base em entrevistas com 104 indivíduos paulistanos de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade, classes sociais e gêneros/sexos. Ao apresentar aos sujeitos de sua pesquisa gravações de cinco leituras diferentes de um mesmo texto, o autor pediu aos entrevistados que atribuíssem a elas um conjunto de notas de 1 a 5, sendo 1 para o que soasse “menos gay” e 5 ao que lhes parecesse “mais gay”, não podendo as notas serem repetidas. O quadro geral de resultados - não reportado aqui - confirma a correlação entre o uso de diminutivos e a variável gênero/sexo no português paulistano, além de refletir concepções sociolinguísticas dos sujeitos

entrevistados, para os quais as mulheres e os gays fazem uso majoritário de diminutivos.

Tal pesquisa ajuda a deflagrar que os usuários de uma língua são sensíveis aos diferentes usos linguísticos, tanto no que diz respeito aos seus próprios quanto no que respeita aos de outrem. Isto significa, pensando-se em uma dimensão mais ampla da Sociolinguística, que os sujeitos têm consciência da inter-relação entre usos linguísticos, identidade e trânsito social. Quanto ao gênero/sexo, mostram-se plenamente capazes de reconhecer diferenças linguísticas entre indivíduos homens e mulheres heterossexuais e gays, estabelecendo, entre esses e seus usos linguísticos, relações categoriais e distintivas, uma vez que associam idioletos e identidades a determinados sujeitos e grupos e a suas redes sociais.

Acerca deste tipo de resultado, também Bortoni-Ricardo (2004, p. 65) constatou, em pesquisa sociolinguística, que “o gênero (sexo do falante) e, conseqüentemente, os papéis sociais que os falantes assumem em função do gênero e de suas redes sociais têm influência em seus hábitos linguísticos”.

Para Cezario & Votre (2008), em uma sociedade em que as funções exercidas por homens e mulheres são marcadamente distintas, os dialetos dos falantes do sexo masculino e do sexo feminino tornam-se também bastante diferenciados, chamando a atenção a propensão de falantes do sexo feminino à apropriação das formas padrão da língua. Os autores explicam que (2008, p.148-9)

Segundo alguns estudiosos, isso se dá porque, dentre outros fatores, da mulher é cobrado um comportamento mais rígido, em conformidade com as normas, em todos os sentidos, inclusive no que se refere ao comportamento linguístico. Devido a essa cobrança social, a mulher teria uma preocupação maior em reproduzir as formas linguísticas consideradas de prestígio dentro de uma comunidade linguística.

Essa alegação vai ao encontro de resultados de uma pesquisa realizada por Trudgill (1974, p. 70-1), cujos resultados revelam, dentre outros, que *as mulheres, em inúmeros casos, se autodefinem como usuárias das variantes mais prestigiosas sem realmente o serem, sem dúvida porque gostariam de utilizá-las ou pensam que deveriam fazê-lo.*

A explanação de Cezario & Votre, que indica que a origem das diferenças linguísticas entre homens e mulheres reside na diferença dos papéis sociais de ambos, ajuda a compreender os dados encontrados no presente trabalho. É sabido que, na maioria absoluta das sociedades, homens e mulheres nunca partilharam direitos iguais. Embora haja esforços em prol da dissipação das fronteiras impostas às mulheres, muitos territórios resistem, ainda, à sua aceitação. Mesmo quando ocupam lugares antes exclusivamente masculinos, estão sujeitas, não raramente, a receber salários menores e a serem avaliadas em comparação com os homens, além de sofrer discriminações sexistas.

A cobrança social à mulher, relatada por Cezario & Votre (2008) ajuda a entender o porquê de a maioria dos agentes registrados ser mulher: a postura imperativa e discriminatória diante dos desacertos linguísticos de outrem se trata, na verdade, de uma maneira possível de legitimar e de reafirmar as formas linguísticas por elas escolhidas. Ao renegar formas linguísticas não validadas e não prestigiadas nos espaços sociais em que transitam – ou pretendem transitar –, renegam também os falantes que as utilizam. O preconceito seria, nessa instância, antes social que linguístico, como citamos anteriormente, já que se assentaria num movimento identitário de negação do outro como parte do processo de reafirmação de si mesmo, o que visa, em suma, a um prestígio pessoal e, principalmente, social.

Seria temerário, no entanto, afirmar que essas conclusões são universais e efetivas. Cezario & Votre (2008) pontuam que, apesar de haver tentativas de explicação para esses fenômenos – os da predominância feminina em casos linguísticos como os expostos –, não há “nenhuma totalmente convincente ou suficiente” (p. 149).

7.2 – O nível de escolaridade

Os dados seguintes, referentes ao nível de escolaridade, representam um dos pontos mais importantes dentre todos os observados nesta pesquisa. Conforme expresso na tabela abaixo, a maioria dos sujeitos aqui analisados está na graduação ou já possui nível superior. Acrescidos de dois indivíduos que possui formação continuada, esses dois grupos totalizam 40,5% do total. Em segundo lugar aparecem os indivíduos que ainda frequentam o Ensino Médio ou já o finalizaram. Juntos, totalizam 27,9%. Por último, estão os alunos de Ensino Fundamental, que representam apenas 6,0% do total de sujeitos registrados.

Tabela 2 - O nível de escolaridade dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço

Nível de escolaridade			Observação
	Número	%	
Nível Superior incompleto	43	21,5	—
Nível Superior completo	43	21,5	—
Ensino Médio em conclusão	32	16,0	—
Ensino Médio completo seguido de outra formação, como cursos técnicos.	03	1,5	1) Curso de computação gráfica; 2) Técnico em contabilidade; 3) Curso de música.
Ensino Médio completo (sem formação complementar)	13	6,5	—
Ensino Fundamental	12	6,0	—

Superior com formação continuada	02	1,0	1) Mestrado; 2) Doutorado
Formação não identificada	52	26,0	—
Total	200	100	

Esses resultados sinalizam o nível crescente do preconceito linguístico: os sujeitos com maior nível de escolaridade preponderam como seus agentes. Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) defende que *os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que ele frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico*. A autora chama a atenção para a relação estreita entre estes fatores e o *status socioeconômico* em nossa sociedade. Bagno (2007, p. 76) também evidencia que, quanto melhor a posição na escala socioeconômica e quanto maior o grau de escolarização de um falante, mais prestigiada será a sua maneira de falar.

É fato que em uma sociedade cuja distribuição de renda e cujo acesso à educação de qualidade principalmente a seus níveis mais elevados, como a graduação e a formação continuada as diferenças sociais sejam tão agudas e se evidenciem tão marcadamente por meio dos aspectos linguísticos, posto que linguagem e identidade constroem-se mutuamente. Para Scherre (2005, p. 10),

[...] as línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua.

Tampouco se admira que se prestigie e conceba como superiores, melhores e mais eficientes as variedades faladas pelos indivíduos mais bem situados socialmente e com maior nível de escolaridade - mesmo porque, no imaginário comum e nos processos sociais, esses dois fatores são, quase sempre, interdependentes. Ora, se, como afirmam Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), o tempo de escolarização, a qualidade das escolas frequentadas e a posição social - que influi diretamente no nível de escolaridade - são fatores que influenciam a formação do repertório linguístico de um falante e definem o quanto de prestígio esse repertório receberá, não é difícil concluir que, quanto maior o nível de escolaridade, maior a *responsabilidade linguística* dos sujeitos, ou seja, maior é a cobrança – pessoal e social – de domínio das normas padrão e culta da língua.

Ao acessarem mais facilmente e por mais tempo culturas e processos de letramento – em que, como se sabe, desacertos linguísticos são marcas negativas e, portanto, devem ser expurgados –, esses indivíduos passam a reproduzir os mesmos paradigmas linguísticos em que foram enquadrados, que visam à rejeição de qualquer forma linguística “errada” e desprestigiada.

Votre (2010, p. 52) afirma que

[...] a forma estigmatizada é objeto de comentário jocosos ou rejeição explícita na comunidade discursiva. É registrada como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição, estudo e ensino, sobretudo nos níveis fundamental e médio. A escola move campanhas em prol da pureza do idioma, na variante padrão, e atua constante na luta contra *barbarismos*, *solecismos* e *estrangeirismos*. [Grifos do autor]

Soares (1992, p. 15) explica que

Os padrões culturais das classes dominadas são considerados como uma “subcultura” avaliada *em comparação com* a cultura dominante, isto é, com padrões idealizados de cultura, que constituem a cultura dos grupos social e economicamente privilegiados. É assim que a *diferença* se transforma em *deficiência*, em *privação*, em *carência*. Trata-se, na verdade, de

uma atitude etnocêntrica, para a qual ser diferente das classes dominantes é ser inferior. [Grifos da autora]

Desse modo, dá-se a reafirmação identitária falada por Scherre (2005): ao discriminarem as formas linguísticas avaliadas como erradas, inferiores, pobres, reafirmam o lugar que ocupam na pirâmide escolar/social, reafirmando-se também como sujeitos que, supostamente, dominam o bem falar e o bem escrever, indicativos de sua privilegiada condição “intelectual” e, sobretudo, social.

7.3 – A faixa etária

A faixa etária foi dividida em quatro níveis, de acordo com as funções sociais dos indivíduos. O primeiro, até 17 anos, para abranger os sujeitos que estão nos ensinos fundamental e médio. O segundo, dos 18 aos 25 anos, por ser nesse período da vida que os sujeitos costumam ingressar no ensino superior e concluí-lo. A terceira divisão, entre 26 e 35 anos, para compreender os sujeitos que estão ingressando no mercado de trabalho e/ou definindo seu posicionamento no mesmo. A última divisão diz respeito aos indivíduos acima dos 35 anos, por ser nessa fase que comumente se alcança a estabilidade profissional. Os indivíduos de que não se conseguiu apreender a informação *idade* foram situados em uma quinta divisão, a da faixa etária não identificada.

Conforme a tabela abaixo, a relação entre faixa etária e preconceito linguístico verificou-se como crescente, tal como mostrou também a análise do nível de escolaridade.

Tabela 3 - A faixa etária dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço

Faixa etária		
	Número	Em %

Até 17 anos	47	23,5
18-25	60	30,4
26-35	22	10,8
Acima de 35 anos	18	9,0
Idade não identificada	53	26,5
Total	200	100

O grupo com maior incidência foi o dos indivíduos que estão entre os 18 e os 25 anos, seguido pelo grupo dos sujeitos que têm até 17 anos. Esses resultados se alinham com os da tabela de nível de escolaridade, que apontam os sujeitos que estão na graduação, em primeiro lugar, e os que transitam entre os ensinos fundamental e médio, em segundo, na escala escolar.

O que chama a atenção, aqui, é a queda brusca da quantidade de sujeitos do grupo 02 (entre 18 e 25 anos) para o grupo 03 (entre 26 e 35). Enquanto o grupo 02 abrange 30,4% do total, o grupo 03 abrange apenas 10,8%, uma diferença de quase 20%. Podemos inferir que essa diminuição ocorra devido à troca de papéis desses indivíduos nos diferentes domínios sociais, conceito de que trata Bortoni-Ricardo (2004, p. 23):

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo da interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio.

Ao sair da universidade e adentrar o mercado de trabalho, a reafirmação é outra: não é mais o *estudante*, constantemente lembrado – e cobrado – de sua responsabilidade linguística, que precisa de ser reafirmado, mas o *profissional*. A responsabilidade linguística, aqui, ainda existe, mas talvez adquira menor importância diante de cobranças novas, como a da competência profissional,

ética, moral... É neste novo papel social que o sujeito deverá se reafirmar. A discriminação não deixa de existir, mas não é mais tão útil como objeto de reafirmação pessoal.

Chambers (1995) fala de três períodos da vida linguisticamente relevantes para os indivíduos, em que o comportamento linguístico é (re)dimensionado: infância, adolescência e vida adulta.

Na infância, a criança adquire a língua no círculo familiar, sobretudo com os seus pais, de modo que a sua fala é muito parecida com a deles. Ao adentrar a escola, por volta dos quatro ou cinco anos, a criança passa a sofrer a influência de colegas e de amigos, além de outros adultos, como os professores.

Durante adolescência, fase em que a busca pela autoafirmação acontece de maneira mais latente e em que há uma maior contestação de normas e de valores, os indivíduos tendem a se distanciar de seus pais e a estar mais próximos dos amigos. A busca pelo novo e a inclinação à irreverência, bem como a tentativa de estabelecer traços comuns com seus pares, leva os adolescentes a mudarem também seus usos linguísticos, adotando gírias que os identifiquem com seus pares e que representem aquilo que buscam ser. E as mudanças pelas quais passam se refletem no modo como usam sua língua. Tudo isso concorre para que os adolescentes sejam os principais agentes da mudança linguística.

Na vida adulta, os indivíduos apresentam interesses diferentes daqueles da adolescência, passando a almejar carreira profissional, casamento e família. Deste modo, seus usos linguísticos também sofrem alterações, principalmente devido que Chambers (1995, p. 178), baseando-se nas ideias de Pierre Bourdieu, chama de pressão de mercado, isto é, a pressão que o mercado de trabalho exerce sobre os profissionais e candidatos à profissão, para que padronizem sua fala. Passado esse período de estabilização, os indivíduos passam a não sofrer mais mudanças significativas em seus usos linguísticos, cristalizando-os. Entretanto, isso não significa, absolutamente, que indivíduos

adultos não possam apresentar modificações em seus usos linguísticos¹⁶, mas apenas que, na maioria dos casos, é isso o que ocorre.

Portanto, a disparidade de concentração de agentes do preconceito linguístico nas diferentes faixas etárias, verificada em nossa pesquisa, pode ser explicada pelas explicações de Chambers (1995) acerca das diferentes faixas etárias, podendo-se também tomar como causa dessa diminuição a maturidade que os indivíduos adquirem ao longo dos anos: quando buscam realizar-se como profissionais e cernes de uma nova família, transformar-se em um exemplo de respeito e de moral torna-se, para muitos, um traço identitário valioso. Não faz parte disso, portanto, ofender, agredir verbalmente, ridicularizar e reprimir gratuitamente outros sujeitos.

7.4 – Os desvios linguísticos dos agentes do preconceito linguístico

A tabela a seguir traz registrados os índices de um fenômeno verificado ao longo de nossa pesquisa. Ao decidirmos averiguar ocorrências de preconceito linguístico no ciberespaço, resolvemos que faria parte de nossos objetivos a busca por possíveis desvios linguísticos nos textos produzidos pelos agentes da discriminação em suas redes sociais.

Ao utilizarmos a expressão desvios linguísticos, não pretendemos, aqui, cunhar um imperativo de julgamento linguístico análogo ao do preconceito estudado; a escolha desse repertório linguístico prima pelo tratamento não-pejorativo dispensado aos textos observados e compreende *desvio* como o uso de quaisquer termos que diferem da norma padrão da língua, não como deficiência dos textos dos sujeitos em questão.

Talvez seja escusado dizer que a pretensão não é, absolutamente, tomar os textos dos sujeitos em questão como meros qualitativos de seus desempenhos linguísticos, mesmo porque incorreríamos no risco de estabelecer uma prática análoga à do preconceito estudado nesta dissertação. Pontuamos, no entanto,

¹⁶ Pesquisas brasileiras têm verificado alterações nos usos linguísticos de indivíduos na fase adulta. Ver, por exemplo, Braga (2003) e Omena (2003).

que a assunção deste propósito tem uma finalidade simples, mas de relevância considerável: buscar perceber se os sujeitos que tomam como referencial para discriminação e exclusão, dentro do ciberespaço, a identidade linguística de determinados indivíduos, cometem os mesmos desvios linguísticos que criticam. Deliberadamente, analisamos os textos produzidos por cada agente do preconceito, em suas redes sociais e o que verificamos foram números significativos, conforme a tabela abaixo.

Tabela 4 - Os desvios linguísticos dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço

Desvios linguísticos dos agentes do preconceito linguístico		
Desvios linguísticos nos registros	Número (em um total de 200 para cada quesito)	%
	144	72,0
Desvios linguísticos nas redes sociais	182	91,0
Perfis sem textos a serem observados (no caso de <i>orkuts</i> e/ou <i>twitters</i> posteriormente excluídos ou bloqueados)	07	3,5
Total	200	100%

Dentre os 200 perfis registrados, 144 apresentavam desvios linguísticos, entre outros, de:

- a) **ortografia:** *Cara eu odeio quem escreve tudo errado nesse msn parece uns afavelado, analfabetos ! #euem* (usuária M. S.);
- b) **acentuação:** *só porque nordestinos tem a cabeça achatada e um sotaque ridículo você fica ofendendo eles?* (usuário L. F.);

c) concordância verbal e pontuação: *minha nossa senhora da gramática faça com que as mãos de quem escreve errado caia! Eles não precisam delas, amém!* (usuária R. S.);

d) pontuação: *Odeio esse sotaque desses cearenses, juro é irritante, demaaais.* (usuária D. C.);

e) coesão e coerência: *Gente! Não conheço o cara que fala errado ...Acho que é ***, mas convinhamos é u retardado...Desculpe mas sou sincera!!!!*

Gente ! To escrevendo errado que nem ele...Desculpa mas vc é um SACO!!!

*...*** produtor...Por favor não te sigo,mas retuitam...Meu amigo VC é um retardado!!!!!! Tenha vergonha!!!*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *AmigA. E. Um retardado que fala. Tati bi tati...Me irrita um adulto falando igual 1 retardado Nao tenho saco pra isso.*

[dirigindo-se à mesma usuária] *Eu não sigo ele não me parece ser 1 pessoa má , mas é retardado e chato ,Ate parece que entrar no tuirer tem que ser engraçado..* (usuária. A. M. L. M.).

Escolhemos, para ilustrar cada caso, apenas uma ocorrência, devido ao grande volume de excertos.

Nos textos das redes sociais, o número de desvios linguísticos é ainda mais acentuado: eles acontecem em 182 perfis, o que representa 91% do total de registros. Esse fenômeno nos leva a pensar nas palavras de Bagno (2007, p. 76-77), quando diz que

[...] as formas linguísticas vão ser julgadas e avaliadas de acordo com os juízos e valores sociais atribuídos a quem se serve delas e que, portanto, a avaliação é essencialmente social, isto é, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo.

Pode-se dizer, então, que existe uma relativização da aceitação do erro. Esses sujeitos reconhecem – e recriam – no outro os “erros” que eles também cometem, mas que, ou não assumem, ou acham que são menos relevantes que os erros de outrem, conforme explicitam os exemplos a seguir:

Registro nº 18 (usuária A. L.): *Eu escrevo errado pra caramba... Mas quando vejo alguém escrevendo palavras tão simples... Eu fico indignada... é impressionante... >/ (sic).*

Registro nº 43 (usuária J. S.): *eu escrevo errado, mas não suporto ver pessoas escrevendo também! asuhdsad (sic)*

Ambas as usuárias admitem escrever *errado*, mas confessam intolerância a quem também o faz. Outros exemplos de relativização na aceitação do erro podem ser identificados nos registros abaixo:

Registro nº 50 (usuário V. H. G.): *melhor escrever sete pecados e ser global e rico ou escrever sete pecados corretamente e morrer pobre e anônimo?*¹⁷

Registro nº 21 (usuária N. T.): *É melhor escrever errado de um iPhone que escrever certo de um MP30.*

Ambos os usuários comprovam o que vimos discutindo ao longo deste trabalho: o preconceito é antes social que linguístico.

Foi de William Labov um dos mais decisivos esforços da ciência linguística em prol da desconstrução das teorias da privação verbal e da deficiência linguística, que atribuem aos sujeitos fixados nos quadros do fracasso social e dos dialetos discriminados a culpa pela suposta ineficiência/precariedade linguística, cultural e escolar. Labov comprova, por meio de pesquisas linguísticas, como a realizada com os jovens negros de Nova York (Labov 2008), por exemplo, que as noções de erro, privação e deficiência linguísticas não passam de falácias: os dialetos das classes desfavorecidas e os dialetos

¹⁷ A fala do usuário V. H. G. refere-se a um evento televisivo em que um ator, que participava do extinto programa *Vídeo Game*, da *Rede Globo*, ao precisar lembrar-se de alguma novela cujo nome fosse iniciado com a letra C, respondeu *Sete Pecados*.

das classes favorecidas apresentam estruturas igualmente lógicas, organizadas e regidas por leis internas.

Em pesquisa realizada em 1967, Labov estudou o *Black English* de falantes de todas as classes sociais das regiões central e sul do Harlem, em Manhattan, Nova Iorque. O estudo tinha o objetivo de compreender as razões do fracasso, por parte das escolas, de ensinar as crianças negras a ler. A causa apontada pelas instituições escolares sinalizava o preconceito social em relação aos alunos negros e pobres: deficiência verbal e intelectual. Labov constatou que existiam diferenças significativas entre os padrões de fala de negros e de brancos, mas que o motivo principal do fracasso na aprendizagem da leitura eram as incursões simbólicas de depreciação do vernáculo afro-americano.

Teorias como as da privação linguística reforçam o establishment social, em que os dialetos desprestigiados e as formas variantes que divergem flagrantemente do que prevêem as prescrições gramaticais tendem a ser repugnadas e rejeitadas, tal como ocorre com os sujeitos que as utilizam.

A abordagem sociolinguística torna possível compreender como se comportam linguística e socialmente os falantes que se apropriam de determinadas formas variantes ou as repudiam. É a partir da abordagem sociolinguística que se faz possível também a defesa da legitimidade das variedades não padrão, o que nos permite discorrer acerca de fenômenos como o preconceito linguístico, por exemplo.

Labov instaura, nos estudos linguísticos, um dos mais sólidos pontos de articulação entre contextos sociais e produção linguística. Ao defender que a situação social é o principal determinante do comportamento verbal, antes explicada por meio de conjecturas como privação verbal e intelectual, passa a ser tratada como fenômeno natural e inerente a todas as línguas vivas. Ao engendrar o seu princípio da heterogeneidade ordenada, Labov comprovou a logicidade de produções linguísticas consideradas pouco gramaticais e passou a dar novos contornos a uma visão afetada, imperante até então, sobre a língua e seus falantes.

Desse modo, com o princípio da heterogeneidade ordenada, infirmam-se as dicotomias linguísticas certo/errado, superior/inferior, competência/incompetência etc.

Na seção abaixo, estão dispostos alguns cruzamentos de dados realizados com a finalidade de identificar possíveis incidências de um dado sobre a ocorrência de outros.

7.5 – Cruzamentos de dados – alguns diálogos entre as variáveis

Os resultados dispostos nas tabelas acima evidenciam a distribuição das variáveis gênero/sexo, escolaridade e faixa etária, isoladamente, para a ocorrência de preconceito linguístico, em nossos dados. Entretanto, faz-se importante e necessário especificar os agentes do preconceito linguístico e, para tanto, as variáveis devem ser confrontadas entre si. Deste modo, foram realizados quatro cruzamentos distintos, eliminando-se os dados não identificados (por exemplo: no cruzamento entre gênero/sexo e nível de escolaridade, a ausência de uma das variáveis, disposta como informação não identificada, implica a eliminação do indivíduo do elenco). Portanto, o total de 200 sujeitos sofre alterações em cada tabela.

Para a leitura das tabelas abaixo relacionadas, é preciso considerar que:

- 1) os dados já expostos servem de referência para os que serão apresentados;
- 2) com respeito à variável gênero/sexo, há 116 mulheres e 77 homens (os 07 sujeitos com informação não identificada não foram considerados nas análises); e
- 3) a análise da variável gênero/sexo, portanto, deve ser realizada pensando-se que, diferentemente do que se costuma realizar em pesquisas sociolinguísticas clássicas, não se dispõe, aqui, de um mesmo número de indivíduos para cada célula, visto que a coleta de sujeitos foi realizada aleatoriamente, no que tange às variáveis aqui abrangidas. Por conseguinte, a análise das tabelas só pode ser realizada lembrando-se de que o número de mulheres é maior do que o

número de homens. Passaremos, então, ao cruzamento dos resultados das três variáveis sob estudo.

7.5.1 - Gênero/sexo x nível de escolaridade dos agentes do preconceito linguístico

Tabela 5 - Resultados para gênero/sexo x nível de escolaridade

	Gênero/sexo feminino	Gênero/sexo masculino
Ensino fundamental	10/12 = 83,3%	02/12 = 16,7%
Ensino médio completo	05/13 = 38,5%	08/13 = 61,5%
Ensino médio em conclusão	24/31 = 77,4%	07/31 = 22,6%
Ensino médio seguido de formação complementar	02/03 = 66,7%	01/03 = 33,3%
Ensino superior completo	19/43 = 44,2%	24/43 = 55,8%
Ensino superior incompleto	29/43 = 55,8%	14/43 = 44,2%
Ensino superior com formação continuada	0	02 = 100%

Nos resultados obtidos pelo cruzamento acima ilustrado, nota-se que: 1) no número total de agentes da discriminação, as mulheres superam os homens, e essa superioridade se dá em praticamente todos os níveis de escolaridade; 2) entre os homens, percebemos que aqueles que criticam estão em um nível de escolaridade mais elevado: superior com formação continuada > ensinos médio completo > superior completo; 3) entre as mulheres, não há propriamente um nível de escolaridade que fomente a discriminação, tendo em vista que, desde o ensino fundamental elas julgam e criticam a linguagem de outras pessoas. Os níveis de escolaridade das mulheres discriminadoras, em ordem decrescente, são ensino fundamental > médio em conclusão > médio com formação complementar > superior incompleto > superior completo. E, por último, nenhuma mulher com nível superior e formação continuada foi

contabilizada em nosso corpus; e 4) Dessa forma, concluímos que os resultados acima de fato comprovam o que dizem os estudos sociolinguísticos a respeito do comportamento linguístico feminino, como vimos.

7.5.2 - Cruzamento gênero/sexo x faixa etária dos agentes do preconceito linguístico

Tabela 6 – Resultado para gênero/sexo x faixa etária

Faixa etária	Gênero/sexo feminino	Gênero/sexo masculino
Até 17 anos	35/43 = 81,4%	08/43 = 18,6%
18-25	37/59 = 57,6%	22/59 = 42,4%
26-35	12/22 = 54,5%	10/22 = 45,5%
Acima dos 35 anos	03/8 = 37,5%	05/8 = 62,5%

Os resultados da tabela acima evidenciam que: 1) com exceção da faixa etária *Acima dos 35 anos*, em todas as outras o número de mulheres como agentes da discriminação é superior ao dos homens, e as diferenças entre eles se acentuam nas duas primeiras faixas; 2) com relação ao gênero/sexo feminino, vemos que, conforme a faixa etária aumenta, o número de agentes da discriminação decresce, sendo que a principal faixa etária em que elas se encontram é a *Até 17 anos*, ou seja, os adolescentes; 3) O contrário sucede com os homens: à medida que as faixas etárias aumentam, aumenta também o número de agentes da discriminação, o que pode significar que, ao passo que amadurecem, ganham confiança para fazerem críticas abertamente.

Ainda sobre a tabela acima, chamam a atenção dois aspectos da disposição dos dados: 1) ainda que o número de mulheres seja maior, o grupo etário *Até 17 anos*, isto é, contemplativo dos indivíduos concentrados nos diferentes níveis da educação básica, aponta uma discrepância: 35 indivíduos do sexo feminino, contra apenas 08 do sexo masculino; 2) A faixa etária *Acima dos 35 anos* apresenta um número maior de homens, embora estes sejam minoria no elenco de agentes do preconceito linguístico deste trabalho.

7.5.3 Nível de escolaridade x gênero/sexo x desvios linguísticos nas redes sociais

Tabela 7 - Resultados para nível de escolaridade x gênero/sexo x desvios linguísticos nas redes sociais

Nível de escolaridade	Desvios linguísticos nas redes sociais			
	Gênero feminino		Gênero masculino	
	Sim	Não	Sim	Não
Nível Superior incompleto	27/45 = 60%	02/45 = 4,4%	13/45 = 28,9%	03/45 = 6,7%
Nível Superior completo	18/43 = 41,9%	01/43 = 2,3%	18/43 = 41,9%	06/43 = 13,9%
Ensino Médio em conclusão	24/31 = 77,4%	0	07/31 = 22,6%	0
Ensino Médio completo seguido de outra formação, como cursos técnicos.	02/03 = 66,7%	0	01/03 = 33,3%	0
Ensino Médio completo (sem formação complementar)	04/12 = 33,3	0	08/12 = 66,7%	0
Ensino Fundamental	09/12 = 75%	01/12 = 8,3%	02/12 = 16,7%	0
Ensino Superior com formação continuada	Não consta dos registros indivíduos do sexo feminino com este nível de escolaridade		02 = 100%	0
Formação não identificada	Um total de 52 indivíduos, somados ambos os sexos. Na falta desta variável, não há cruzamento de dados.			

1) Das 88 mulheres identificadas como agentes da discriminação, 84 (95,5%) também cometeram desvios de diversos tipos, ao passo que, dos 60 agentes da discriminação masculinos, 51 (85%) os cometeram, ou seja, a expressiva maioria dos sujeitos desta pesquisa critica o que ela mesma faz, especialmente as mulheres;

2) O número de desvios do gênero/sexo feminino supera o do masculino em quatro dos sete níveis de escolaridade. As exceções ficam para o ensino médio completo e o ensino superior com formação continuada. As mulheres e os homens se equiparam apenas quando têm nível superior completo;

3) De todos os níveis de escolaridade identificados, temos que, nos ensinos médio completo, médio incompleto e médio com outra formação, todos os agentes da discriminação apresentaram desvios linguísticos. Em seguida, em ordem decrescente, aparece o ensino fundamental, com 11 indivíduos (91,7% do total); o ensino superior incompleto, com 40 sujeitos (88,9% do total); e o superior completo, com 36 agentes da discriminação cometendo desvios (83,8% do total);

4) De acordo com cada gênero/sexo, as mulheres que mais cometem *erros* estão frequentando o ensino médio (77,4%); o ensino fundamental (75%); o ensino médio com outra formação (66,7%). Por outro lado, as mulheres com ensino médio completo apresentaram menos desvios que as que têm o nível superior (completo ou incompleto), o que não deixa de ser surpreendente;

5) Com relação aos homens, os que mais cometem desvios são, em ordem decrescente, os que têm ensino superior com formação continuada e os de nível médio completo.

O cruzamento das variáveis *nível de escolaridade, desvios linguísticos nas redes sociais e gênero/sexo* revelou que, nos níveis escolares mais altos, a quantidade de desvios é maior. Apesar de não haver grandes discrepâncias entre os resultados, observa-se um número maior de homens que não apresentam desvios linguísticos em suas redes sociais, embora eles estejam em menor número no corpus de análise. Com respeito ao nível de escolaridade desses sujeitos, para os homens, o maior índice de desvios é de pessoas com nível superior completo. Já para as mulheres, os desvios estão presentes em

todos os níveis de escolaridade, e elas tecem suas críticas mais prematuramente.

7.6 – Teste do qui-quadrado

O teste do qui-quadrado é um procedimento de análise estatística que consiste na comparação de proporções, com a finalidade de aferir a relação entre variáveis qualitativas. O teste foi realizado com os dados dispostos neste capítulo. Para tanto, utilizou-se o software R, versão 3.1.1. Reportam-se os resultados:

Tabela 8 - Escolaridade x gênero/sexo, considerando o total por coluna

Escolaridade	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino			
Fundamental	10	11,2%	2	3,4%	12	8,2%
Médio em conclusão	24	27,0%	7	12,1%	31	21,1%
Médio completo	5	5,6%	8	13,8%	13	8,8%
Médio completo com formação complementar	2	2,2%	1	1,7%	3	2,0%
Superior incompleto	29	32,6%	14	24,1%	43	29,3%
Superior completo	19	21,3%	24	41,4%	43	29,3%
Superior com formação continuada	0	0,0%	2	3,4%	2	1,4%
Total	89	100,0%	58	100,0%	147	100,0%

Tabela 9 - Escolaridade x gênero/sexo, considerando o total por linha

Escolaridade	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino			
Fundamental	10	83,3%	2	16,7%	12	100,0%
Médio em conclusão	24	77,4%	7	22,6%	31	100,0%
Médio completo	5	38,5%	8	61,5%	13	100,0%
Médio completo com formação complementar	2	66,7%	1	33,3%	3	100,0%
Superior incompleto	29	67,4%	14	32,6%	43	100,0%
Superior completo	19	44,2%	24	55,8%	43	100,0%
Superior com formação continuada	0	0,0%	2	100,0%	2	100,0%
Total	89	60,5%	58	39,5%	147	100,0%

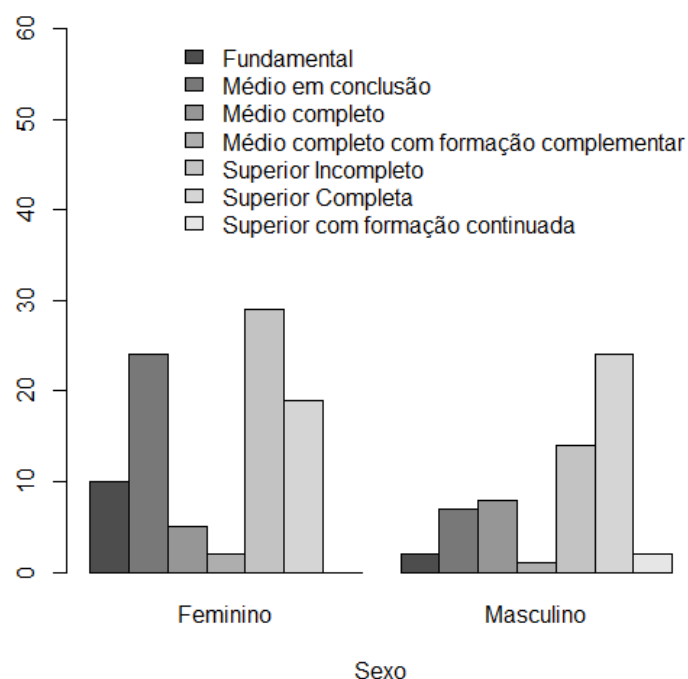


Figura 1 - Gráfico em barras: variável escolaridade dividida pela variável gênero/sexo

Os resultados da Tabela 1 permitem verificar que os agentes da discriminação do gênero/sexo feminino encontram-se nos níveis de escolaridade Médio em conclusão (24; 27%), Superior completo (19; 21,3%) e Superior incompleto (29; 32,6%), sendo esse último o que possui a prevalência mais elevada, entre as mulheres. Para os agentes de discriminação do sexo masculino, tem-se que a maior prevalência é de pessoas com ensino superior completo (24; 41,4%), seguido de quem possui superior incompleto. Isso indica que os agentes da discriminação do sexo masculino são pessoas de alta escolaridade.

Quanto à Tabela 2, é possível observar que as mulheres são maioria em 04 dos 07 níveis de escolaridade. No total, as mulheres também são a maioria dos agentes de discriminação.

Tabela 10 - Faixa etária x gênero/sexo, considerando o total por coluna

Faixa etária	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	

Até 17 anos	35	40,2%	8	17,8%	43	32,6%
18-25	37	42,5%	22	48,9%	59	44,7%
26-35	12	13,8%	10	22,2%	22	16,7%
Acima dos 35 anos	3	3,4%	5	11,1%	8	6,1%
Total	87	100,0%	45	100,0%	132	100,0%

Tabela 11 - Faixa etária x gênero/sexo, considerando o total por linha

Faixa etária	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino			
Até 17 anos	35	81,4%	8	18,6%	43	100,0%
18-25	37	62,7%	22	37,3%	59	100,0%
26-35	12	54,5%	10	45,5%	22	100,0%
Acima dos 35 anos	3	37,5%	5	62,5%	8	100,0%
Total	87	65,9%	45	34,1%	132	100,0%

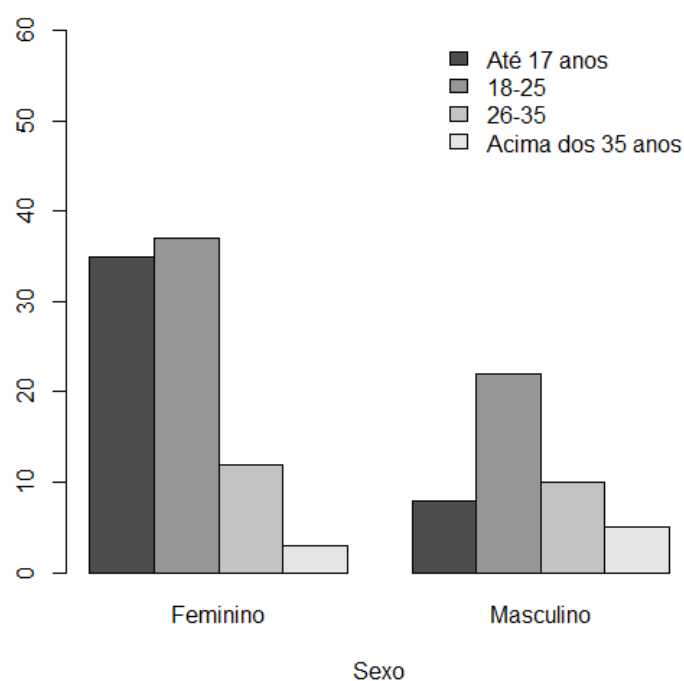


Figura 2 - Gráfico em barras da variável faixa etária dividida pela variável gênero/sexo

A Tabela 3 permite observar que, para dentre as mulheres, a maior parte das tem até 25 anos (72; 82,7%). Quanto os homens, a maior parte está entre 18 e 35 anos (32; 71,1%), sendo que a maior prevalência está na faixa etária de 18 a 25 anos. Sobre as mulheres, observa-se ainda que, quando há aumento da faixa etária, a prevalência de agentes da discriminação diminui.

Já a Tabela 4 dá ciência de que a maioria dos agentes é do gênero/sexo feminino em todas as faixas etárias, à exceção da última (Acima dos 35 anos), em que a maioria é do sexo masculino. Isso também pode ser observado na Figura 2.

Tabela 12 - Valor do teste qui-quadrado para os dois cruzamentos

Variável	Sexo
Escolaridade	0,01
Faixa etária	0,02

A Tabela 5 demonstra um nível de significância de 5%, podendo-se afirmar que há diferenças nas faixas etárias entre os sexos, isto é, a quantidade de agentes em determinada faixa etária depende do gênero/sexo deles. Também ao nível de significância de 5%, é possível afirmar que há diferenças nos níveis de escolaridade entre os sexos, ou seja, o número de agentes em determinado nível de escolaridade depende do gênero/sexo dos indivíduos.

Tabela 13 - Gênero/sexo x desvios linguísticos, considerando o total por coluna

Sexo	Desvios linguísticos				Total	
	Sim		Não			
Masculino	51	37,8%	9	69,2%	60	40,5%
Feminino	84	62,2%	4	30,8%	88	59,5%
Total	135	100,0%	13	100,0%	148	100,0%

Pela Tabela 6, conclui-se que a maioria dos agentes que cometem desvios linguísticos é do sexo feminino (84; 62,2%). Dos que não cometem desvios, a

maioria é do sexo masculino (9; 69,2%). Porém, pela Tabela 7, vemos que a minoria dos agentes não comete desvios, apenas 13 (8,8%). Dos homens, 51 (85%) cometem desvios. Nas mulheres, essa prevalência é de 95,5% (84). Isto está ilustrado na Figura 3.

Tabela 14 - Gênero/sexo x desvios linguísticos, considerando o total por linha

Sexo	Desvios linguísticos				Total	
	Sim	Não	Sim	Não		
Masculino	51	85,0%	9	15,0%	60	100,0%
Feminino	84	95,5%	4	4,5%	88	100,0%
Total	135	91,2%	13	8,8%	148	100,0%

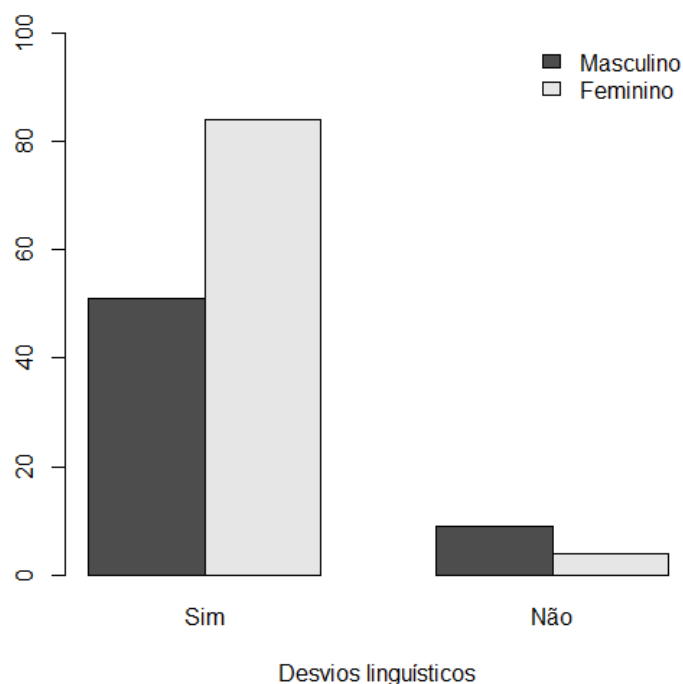


Figura 3 - Gráfico em barras do Sexo dividido pela ocorrência de desvios linguísticos

Tabela 15 - Escolaridade x desvios linguísticos, considerando o total por coluna

Escolaridade	Desvios linguísticos		Total
	Sim	Não	

Fundamental	11	8,1%	1	7,7%	12	8,1%
Médio em conclusão	31	23,0%	0	0,0%	31	20,9%
Médio completo	12	8,9%	0	0,0%	12	8,1%
Médio completo com formação complementar	3	2,2%	0	0,0%	3	2,0%
Superior incompleto	40	29,6%	5	38,5%	45	30,4%
Superior completo	36	26,7%	7	53,8%	43	29,1%
Superior com formação continuada	2	1,5%	0	0,0%	2	1,4%
Total	135	100,0%	13	100,0%	148	100,0%

Tem-se na Tabela 8 que, dos agentes que cometem desvios linguísticos, a maior parte está concluindo o ensino médio, ou tem ensino superior incompleto ou ensino superior completo (107; 79,3%). Quanto aos agentes que não cometem desvios linguísticos, a maioria está no ensino superior, seja completo ou incompleto (12; 92,3%). Na Tabela 9, nota-se que a maioria absoluta comete desvios linguísticos, independentemente do nível de escolaridade. Observa-se isso, ainda, na Figura 4.

Tabela 16 - Escolaridade x desvios linguísticos, considerando o total por linha

Escolaridade	Desvios linguísticos					
	Sim		Não		Total	
Fundamental	11	91,7%	1	8,3%	12	100,0%
Médio em conclusão	31	100,0%	0	0,0%	31	100,0%
Médio completo	12	100,0%	0	0,0%	12	100,0%
Médio completo com formação complementar	3	100,0%	0	0,0%	3	100,0%
Superior incompleto	40	88,9%	5	11,1%	45	100,0%
Superior completo	36	83,7%	7	16,3%	43	100,0%
Superior com formação continuada	2	100,0%	0	0,0%	2	100,0%
Total	135	91,2%	13	8,8%	148	100,0%

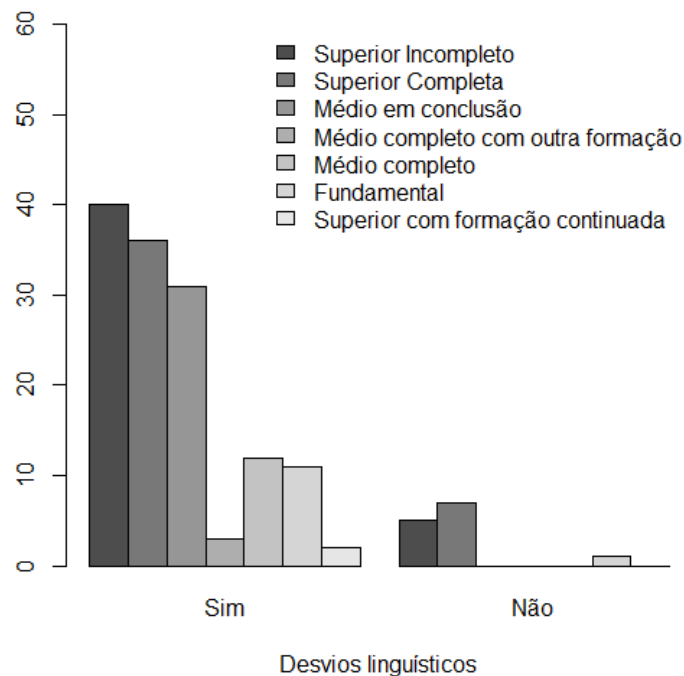


Figura 4 - Gráfico em barras da Escolaridade, dividida pela ocorrência de desvios linguísticos

Faz-se, aqui, uma transformação na variável Escolaridade, agrupando níveis: Fundamental e Médio em conclusão em Fundamental completo; Médio completo, Médio completo com formação complementar e Superior incompleto em Médio completo; e Superior completo e Superior com formação continuada em Superior completo. Os agrupamentos conduzem-nos aos seguintes resultados:

Tabela 17 - Escolaridade agrupada x Desvios linguísticos, considerando o total por coluna

Desvios linguísticos

Escolaridade	Sim		Não		Total	
Superior completo	38	28,1%	7	53,8%	45	30,4%
Médio completo	55	40,7%	5	38,5%	60	40,5%
Fundamental completo	42	31,1%	1	7,7%	43	29,1%
Total	135	100,0%	13	100,0%	148	100,0%

Na Tabela 10, portanto, nota-se que, dos agentes que cometem desvios linguísticos, a maior parte possui ensino médio completo (55; 40,7%), seguido dos que possuem ensino fundamental completo (42; 31,1%). Dos que não cometem desvios linguísticos, a maioria possui ensino superior completo (7; 53,8%).

A Tabela 11 evidencia que a maioria dos agentes comete desvios linguísticos independentemente do nível de escolaridade. Isso pode ser observado na Figura 5, também.

Tabela 18 - Escolaridade agrupada x Desvios linguísticos, considerando o total por linha

Escolaridade	Desvios linguísticos					
	Sim		Não		Total	
Superior completo	38	84,4%	7	15,6%	45	100,0%
Médio completo	55	91,7%	5	8,3%	60	100,0%
Fundamental completo	42	97,7%	1	2,3%	43	100,0%
Total	135	91,2%	13	8,8%	148	100,0%

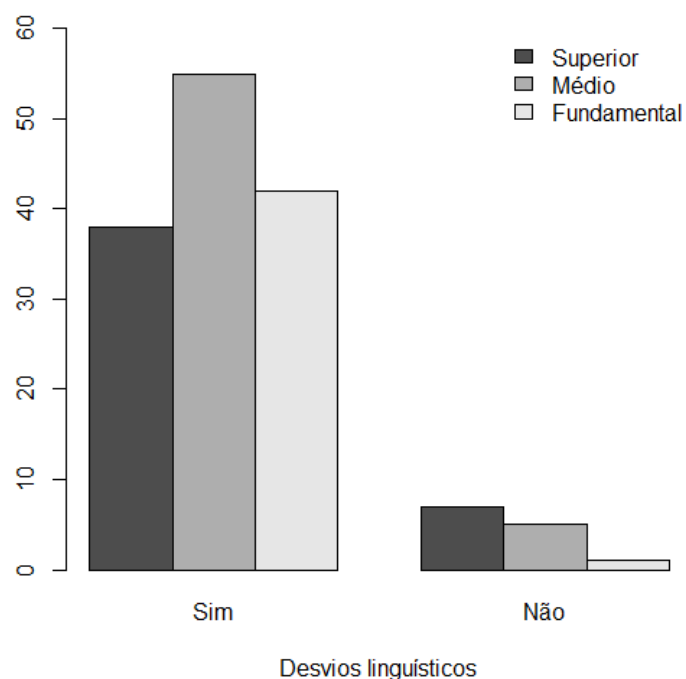


Figura 5 - Gráfico em barras da Escolaridade, dividida pela ocorrência de desvios linguísticos

Tabela 19 - Valor do teste qui-quadrado para os 03 cruzamentos

Variável	Desvios linguísticos
Escolaridade (agrupada)	0,09
Escolaridade	0,24
Sexo	0,06

Pela Tabela 12, podemos concluir, ao nível de significância de 5%, que não há diferença no cometimento de desvios linguísticos entre os níveis de escolaridade e sexo. Isto é, a prática de desvios linguísticos independe do nível escolar e do sexo do agente da discriminação. Isso pode estar ocorrendo porque a prevalência de acontecimentos de desvios linguísticos é alta para todos os níveis escolares e para os gêneros/sexos.

Se considerarmos um nível de significância de 10%, concluímos que há diferença no cometimento de desvios linguísticos entre os níveis de escolaridade (agrupados) e gênero/sexo. Isso indica que o acontecimento de desvios linguísticos depende do nível escolar do agente e do sexo.

O teste qui-quadrado evidenciou, portanto, o que as tabelas de distribuição de dados já haviam sinalizado. Todos os resultados foram comprovados.

No capítulo a seguir, explanar-se-á, a partir das ocorrências de preconceito linguístico compiladas neste trabalho, a estreita relação entre preconceito linguístico e preconceitos de outras ordens.

8 – Preconceito, preconceitos: o preconceito linguístico é plural

"Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pejei para achar, era uma coisa só - a inteira - cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive [...]."

Guimarães Rosa

Este capítulo ilustrará com mais detalhes a multiplicidade de discriminações e de processos que constituem o preconceito linguístico.

Ilari (2013, p. 48) nos lembra de

que o vivido e a história que acabam definindo formas específicas de inserção no sistema linguístico, e [...] essas inserções combinam inescapavelmente referências a pessoas, lugares, recursos tecnológicos e elementos estruturais (por exemplo, as palavras e construções gramaticais) específicos. Ou seja, a “apropriação” do sistema é sempre altamente idiossincrática e contextualizada.

Assim, a relação entre o sujeito e a língua constrói-se na experiência, na história, na memória e, de algum modo, no esquecimento. O vivido, a relação com a palavra, com as aulas sobre língua e linguagem, com o texto, com processos culturais e sociais e com o ser humano determinam a recepção do uso linguístico de outrem. Essas mesmas experiências e processos serão igualmente determinantes das formas de recepção: se pacíficas ou conflituais. A partir de agora, explanar-se-á, com mais apuro, os preconceitos que constituem e endossam o preconceito linguístico.

8.1 – O preconceito social – contra a variação diastrática

A variação diastrática – aquela que acontece entre os modos de falar de pessoas de classes sociais diferentes – transforma-se, para os sujeitos de

nossa pesquisa, em um processo que acentua ainda mais as diferenças entre as classes. O modo de falar e de escrever das pessoas dos estratos sociais mais baixos torna-se, para as pessoas de melhor condição financeira, mais um mecanismo de repressão, discriminação e exclusão.

Desde as suas primeiras publicações, o linguista Marcos Bagno denuncia um grave e lamentável fenômeno: a relação entre preconceito linguístico e preconceito social. Em *A língua de Eulália* (1997), Bagno introduz ao leitor conceitos básicos da Sociolinguística, como *variedade*, *variação* e *mudança*. O autor também tenta desconstruir o estigma do erro linguístico, substituindo-o pelas noções de diversidade e diferença linguísticas. Na obra, Bagno evidencia que o que determina o preconceito linguístico é o preconceito social de que são vítimas os falantes de determinadas variedades linguísticas, como exemplifica (p. 41):

As pessoas que dizem *Cráudia*, *praca*, *pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada “feia”, “pobre”, “carente”, quando na verdade é apenas *diferente* da língua ensinada na escola.

Anos depois, Bagno dedica um livro inteiro à explanação do assunto. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (1999) é uma denúncia de práticas que discriminam e hostilizam o modo de falar de milhões de pessoas. O autor demonstra, com embasamento linguístico, que esses mesmos modos de falar nada têm de errados, feios ou inferiores, mas que são absolutamente inteligíveis e historicamente explicáveis. Mais uma vez, o linguista assegura que o preconceito linguístico é, na verdade, um desmembramento do preconceito social.

Essa relação a que se refere Bagno pôde ser verificada ao longo de todo o processo de formação do nosso *corpus*. À medida que ocorrências de preconceito linguístico nas redes sociais eram compiladas, sobressaía-se em

meio a elas o preconceito contra pessoas pobres. As ocorrências reportadas do *corpus* são transcritas *ipsis litteris*:

Usuário C. R.: *cade a vergonha na cara desse pessoal que escreve “mi” ou “mim” no lugar de “me”. coisa de gente pobre mesmo viu.*

Usuária N. T., *É melhor escrever errado de um iPhone que escrever certo de um MP30.*

Usuário W.: *Descobre-se o nível de pobreza da pessoa ao ver o quanto ela não intencionalmente Fala/Escreve/Digita errado.*

Usuária J. N. 2: *Kkkkkkkkkk minha empregada fala td errado, corrijo ela de 5 em 5 mins*

Usuário V. H. G.: *Melhor escrever sete pecados e ser global e rico ou escrever sete pecados corretamente e morrer pobre e anônimo?*

Usuária S.: *Se eu tivesse o dom, seria professora de português, pq o que me incomoda mais do que gente com o dente zuado, é gente que fala errado! ****

Usuária B. A.: *Tem que ser pobre mesmo, pra falar Sherek ao invés de Shrek, Reri Potter invés de Harry Potter e X-burguer invés de Cheeseburger.*

Usuário de sexo não identificado A. K. F.: *Pobre é uma tristeza , quando vai escrever come um monte de letras , será que é fome ?*

Usuária J. G.: 1 - *Nao basta ser pobre, tem q escrever ‘concerteza’, ‘concertar’, entre outros.*

2 - *Eu ‘se’ divirto com a burrice alheia.*

Usuário R. B.: *Odeio pobres e suas manias de escreve errado, vou comer meu pão com “mortandela” e já volto pra falar mais sobre*

Usuária J. K.: *Acabei de ver o Twitter de uma menina aqui, gente o jeito que ela escreve é o jeito e a cara da pobreza. Não é preconceito,é cultura mesmo.*

Usuário M. P.: *-pobre que é pobre fala, dvogado, decumento, até palavrão pobre fala errado, fala ***!*

Usuário (a) O. C. S.: *Não entendo porque todo pobre escreve errado, é lei? Eles ensinam errado mesmo em escolas do governo?*

Usuário V. A.: *Como se não bastasse ser pobre e tomar banho com sabão de coco de lavar roupa, ainda tem que falar “mutisarela” e “mortandela”.*

Usuária N. L. 2: empregada doméstica que não fala “pobrema” ::: não é empregada

Usuário E. M. 3: como identificar um pobre semi-analfabeto: ele usa de maneira imbecil o verbo ‘exalar’

Usuário F. C. 3: a palavra dialeto me lembra africa, pretos e pobreza é engraçado falar dialeto

Percebe-se, nestas ocorrências, a cruel associação de marcas linguísticas consideradas negativas à pobreza. Para pessoas como essas, se há problemas com escrita e pronúncia, o enunciador só pode ser pobre. Ademais, é explícita a discriminação contra a própria condição de pobreza.

Gnerre (1991, p. 06) afirma que

Somente uma parte dos integrantes das sociedades complexas, por exemplo, tem acesso a uma variedade “cultura” ou “padrão”, considerada geralmente “a língua”, e associada tipicamente a conteúdos de prestígio. A língua padrão é um sistema comunicativo ao alcance de uma parte reduzida dos integrantes de uma comunidade; é um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um “corpus” (sic) definido de valores, fixados na tradição escrita. [...] *Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.* [Grifos nossos]

Se as variedades linguísticas valem, como afirma Gnerre, o que valem os seus falantes, não é surpreendente a nossa constatação. Em uma sociedade

estratificada como a brasileira, os indivíduos com menor poder aquisitivo, especialmente os que beiram à miséria e pouca ou nenhuma escolaridade têm, são objetos de escárnio social. Diz-se com estranha naturalidade que determinados comportamentos demasiadamente simples e que certos hábitos de economia doméstica, por exemplo, são *coisas de pobre*. Quando aparece em piadas, o pobre é sempre o leigo, o favelado, o interiorano, e sua fala é quase sempre representada com marcas linguísticas tão estereotipadas como estereotipada é a sua própria imagem social. Sendo dispensados tratamentos preconceituosos a tudo o que (supostamente) os identifica, não haveria de ser diferente o tratamento de sua identidade linguística.

8.2 – O preconceito regional - contra a variação diatópica

À variação linguística que decorre das diferenças geográficas, chamamos *variação diatópica*. Bagno (2007, p. 46) assim a descreve:

[A variação diatópica] é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. O adjetivo DIATÓPICO provém do grego DIÁ-, que significa “através de”, e de TÓPOS, “lugar”.

Vejamos as ocorrências abaixo:

Usuário C. H.: *Nordestino ñ sabe falar Português (e ñ me venham encher o saco q isto é bullying ñ). Não é cUmando é cOmando; não é fÉlicidade é fÊlicidade.*

[ao dirigir-se a uma usuária do site] *Tô nem aí que seja preconceito MAS é a Língua Portuguesa falada errada.*

Usuária N.: *sotaque nordestino também éirritante. (agora serei acusada de nazismo, xenofobia e se duvidar ate de assassinato)*

vou te falar que sotaque do sul também é horrível kkk meu deus, odeio todos os sotaques? o do sul parece até que a pessoa tem probleminha

Usuária B. M. 2: *Eu odeio sotaque nordestino, e vc?*

Usuário L. F.: *só porque nordestinos tem a cabeça achatada e um sotaque ridículo você fica ofendendo eles?*

Usuária A. R.: *e eu não suporto sotaque carioca, é muito feio, parece os mano da favela falando, sem brinks*

Usuária W. N.: *antes eu não tinha preconceito linguístico, mas não tem como não rir do povo do nordeste no meu trabalho*

Usuária I. M., criadora da comunidade “Odeio sotaque Mineiro”: *Esta comunidade é para quem detesta aquele sotaque horrível dos mineiros, para quem não suporta ouvir as palavras pela metade, para quem não entende boa parte do que é dito por eles....*

Mineiros aprendam a falar direito!!!!

Usuário A. M., criador da comunidade “Odeio o Sotaque Caipira!”:

Odeio o sotaque caipira!

Algumas cidades de São Paulo, Paraná, Minas, (na região de Uberlândia), Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso, falam um sotaque caipira horroroso.

É um “R” enrolado, que parece que falam de propósito.

É tão nojento quanto o “SH” dos cariocas.

Tipo: poRRLta (poita) polquê, nós vai, nós fumo, poi causa que, os pé, pra mode que...

Se você também não gosta, entre na comunidade e conte suas experiências.

Usuário M. C.: *Olha aí. Já entrei no clima caipira e tweetei com erro de concordância. Ô trem bão.*

Usuário de sexo não identificado A. M.: *o rapas sabe escrever com o pe e vcs nordestino nao sabe nem escrever com a mao*

Usuária A. C.: *odeio o sotaque de nordestinos :b*

Usuária A. C. 2: *Meu Deus do céu, tire esse preconceito linguístico do meu coração, que só falta morrer quando escuta esse sotaque interiorano de Goiás.*

Usuária N. R.: *Sotaque que odeio com toda a minha força de titela: o pernambucano.*

Usuário M. N.: *[username de uma usuária do site] Vixe. Precisa ver o sotaque dos favelados de Recife. Odeio. Aliás, eu detesto sotaque pernambucano, mesmo tendo. Rs*

Usuária H. W.: *a baiana que trabalha aqui veio falar que ta “muitcho frio” KKKKKK ela fala muitcho MUITCHO gente muitcho l0co esse sotaque feio dos inferno*

Usuário S. V.: *Eu odeio sotaque do pessoal do “interior” aaaaaaaa, me da agonia. bando de favelados.*

Usuária A. B.: *Odeio quem não escreve direito, cheio de erros, e caipirizado .. O pior é quem fala tudo isso errado! Tem uma mulher aqui no restaurante que pelo amor de Deus!*

Usuário D. L.: *Odeio pessoas que falam errado principalmente quando elas tem sotaque ainda*

Usuário G. T.: *Chega a me “dar nos nervos” quando escuto o sotaque nordestino... Fico super aflito. Odeio.*

Usuária B. D.: *aprecio muito o sotaque nordestino, principalmente quando a pessoa é muda*

Usuário G. F.: *Sotaque carregado de paulistano: tenho vontade de bater. Sotaque carregado de carioca: acho que vou apanhar.*

Usuária D. C.: *Odeio esse sotaque desses cearenses, juro é irritante, demaaaais.*

Usuária M. T. 4: *“Ai deixa ele fala errado, ele é caipira.” Só pq é caipira tem todo o direito de se burro ? Me poupe vai*

Usuária L. M. 3: *só dirijam a palavra a minha pessoa se não tiverem sotaque nordestino*

Usuário F. P. G.: *pior que meu português só nordestino falando.*

Usuária K. I. 2: *Odeio quem fala errado parecendo povo do sertão.*

Usuária O. C.: *tenho que me acostumar com pessoas roceiras que falam errado tipo eRado' eno jornalismo isso se chama variação linguística*

Mas e o que fazer com as pessoas que escrevem errado?

Trocam o C e o QU por K tenho tanta, mas tanta vontade de socar a cara dessas pessoas :)

Essas ocorrências dão ciência, em alguma medida, de como diferenças regionais são tratadas com desprezo, raiva, ironia e, mais uma vez, são associadas a estereótipos e a marcas sociais, como a favela e o caipirismo. Os que aparecem mais vezes são os nordestinos, e, em se tratando de diferença social, o nordeste e o norte brasileiros são, historicamente, as regiões mais discriminadas.

De modo geral, referências ao R retroflexo – chamado de “R” enrolado – e ao S chiado – o “sh” dos cariocas – demonstram que o que incomoda são as diferenças, sejam as de sotaque, sejam as sociais, que indicam quem são – e o que têm – esses sujeitos, já que, conforme Pagotto (2004, p. 133), *as formas variantes são portadoras de significado social*, e é justamente a avaliação social que norteia a aceitação ou a recusa das variedades regionais, como afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 43-44):

Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. [...] Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso gozam de mais prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos.

Destarte, o prestígio de que estão imbuídos os indivíduos sugere o prestígio que receberão os seus usos linguísticos, bem como, certamente, outras práticas sociais que exerçam. Essa deferência faz projetar socialmente os padrões linguísticos das classes mais abastadas como um ideal de qualidade e de status, relegando aos usos divergentes – ou julgados como tal – o caráter de linguagem marginal, periférica. Reitera-se, portanto, que o valor atribuído a cada variedade linguística não é intrínseco a ela, mas a quem se vale dela.

8.3 – As vítimas do preconceito linguístico: analfabetas e burras

Dentre os estigmas que perpassam o preconceito linguístico, destacam-se dois: o da *burrice* e o do *analfabetismo*. O primeiro conceito tem como única possibilidade de aplicação o tratamento ofensivo e pejorativo a pessoas cujas capacidades de expressão e desenvolvimento de atividades práticas são subjugadas, principalmente quando em contextos de ensino e aprendizagem. O segundo pode ser definido como a ausência de domínio do alfabeto, ou seja, o sujeito analfabeto é aquele *que vive no estado ou condição de quem não sabe ler e escrever* (SOARES, 2009, p. 18). Assim, é analfabeto o indivíduo que, por razões e questões sociais e/ou cognitivas diversas, não aprendeu a ler nem a escrever, o que não é o caso das pessoas que produzem textos em suas redes sociais. O termo parece, portanto, vir adquirindo uma conotação pejorativa

equivalente ao da palavra *burrice*, uma vez que é usado com fervor ofensivo, como nos revelam as ocorrências abaixo:

Usuária P. B.: [dirigindo-se a uma usuária do site] *nossa mas é verdade meu, tem gente sem graça, nao sabe escreve e fica escrevendo tudo errado ..pra *** cara ..rsrs*

[idem] *o pior não é trocar o C pelo CH , trocar verbo que me #IRRITA ...HUASHUAHSUHAUS*

[idem] *é então gente sem cultura , não sabem nem conjugar verbos ..HUASHUAHSUAHSUHAUS*

[idem] *HUASHUAHSUHAUSHUAHSU , não tem gente que se você chama ele de burro(a), você ta até ofendendo a classe dos burrinhos ..rsrs*

Usuária D. M.: *Gente que escreve “Jeito” com “G” #analfaburros*

Usuário J. L.: *Odeio pessoas que escrevem errado, principalmente aquelas palavras que são óbvias o jeito de escrever, mais insistem na burrice.*

Usuária L. V.: *Gente q escreve errado no Twitter...EMveja, de?xa, peMsão, relaSionamento...Efeito da migração dos orkuteiros ou burrice crônica mesmo?*

Usuária S. C.: *não sei como tanta gente escreve errado na internet se hoje em dia quase todos os navegadores corrigem os erros →→ odeio gente ignorante*

Usuária A. P. S.: *A pessoa sabe acessar a internet e o twitter (em inglês), mas escreve errado? Sim! Ela pede para ser trollada. E sem essa de bullying rs*

Usuária I. L.: *Você que escreve “cheguemo” pra mim,você é um burro que fugiu das aulas de português, analfabeto*

Usuária L. 6: *Vítima de preconceito linguístico this is new BURRO.*

Usuário D. D.: *Como gente analfabeta e sem informação é engraçada, fazem papel de palhaços na sociedade! #Fastantico*

Usuária E. N. [dirigindo-se a uma usuária do site]: *ô menina tu escreve “derrepente” e ainda ta falando mal de quem aí? Mongol, buurra!*

Usuária J. N.: *O Twitter deveria ter um aplicativo de correção ortográfica, evitaria tanto analfabeto falando bobagem por aqui.*

Na boa, tá dúvida? Procura no dicionário, no google, sei lá.

Me irrita, um demônio cheio de filosofia de vida e não sabe nem escrever direito. Não tem vergonha, sério.

Usuária M. S.: *Cara eu odeio quem escreve tudo errado nesse msn parece uns afavelado, analfabetos ! #euem*

Usuária L. B. 2: *Odeio quem escreve tudo errado. Um bando de otario mesmo! E o pior é que escreve errado porque é #BURRO*

Usuária C. L.: *gente burra que escreve “empresa” ao inves de IMPRENSA não merece o respeito... babaca!!!*

Usuário de sexo não identificado K. L.: *Um imbecil da minha escola escreve “tauves” em vez de talvez ٲٲ gente burra e analfabeta, só pode*

Usuário G. M. B.: *Eu tenho uma raiva dessa gente tança, e analfabeta que escreve tudo errado, e agente tem que ficar perguntando oque é que escreveu!*

Usuária M. A.: *Para a nossa querida “presidenta”, Amazonas se escreve com S. Agora entendo pq o PT faz tanto sucesso nesse país: os analfabetos se entendem*

Usuária R. T.: *Meu senhor, porque tem gente que assassina o português?? aff não sabe escrever não escreve então o ANIMAL BURRO*

Usuária L. B. 3: *nao basta ser pobre e burra tem qe dança funk e fala errado #EscrotisseFavelatica*

Usuária P. C.: *Quem escreve uma frase e coloca “vírgula” depois de um “e” é muito burro não merece respeito*

Usuário S. F.: *É crime deixar analfabeto votar.*

Usuária L. L. A. 3: *Preconceito linguístico o caramba ! O povo é burro mesmo !*

Usuária I. C. S.: *Nóis brasileiro temos que aprender a escrever e falar errado, porque quando nóis fala certo perto de quem fala errado nóis é preconceituoso*

Quando nóis estuda e aprende português, nóis fere a burrice de quem tem preguiça e fala de interesse em aprender.

Nota-se, portanto, que os sujeitos que supostamente escrevem errado, ou que de fato cometem desacertos linguísticos, são descomedidamente chamados de burros e de analfabetos. Ser analfabeto, ou ser considerado um, representa um fracasso social que culminou em um fracasso pessoal, ou vice-versa. E a sociedade não admira, não exalta, não valoriza fracassados. Pelo contrário, rejeita-os. À condição de analfabetismo associa-se a falta de apropriação da cultura e das posses elitizadas. Novamente a força dos preconceitos sociais dá anuência ao preconceito linguístico.

Mollica (2007, p. 22) afirma que

O preconceito com relação à falta de intimidade com a escrita, sem dúvida, ainda permanece como um fator determinante de exclusão. [...] Os indivíduos semi-analfabetos ou analfabetos recebem tratamento semelhante ao das chamadas minorias. Além de não terem acesso às informações, estão sujeitos à manipulação de toda ordem, restando-lhes apenas papéis marginais no quadro social. Os estigmas são muito marcados na sociedade [...].

Portanto, a situação dos sujeitos analfabetos ou taxados como tal na sociedade reverbera também no ciberespaço, materializando-se nas falas de nossos sujeitos. Os indivíduos que, por quaisquer que sejam os motivos, têm seus modos de falar e de escrever rejeitados, são vistos não como sujeitos sem oportunidade ou que, por alguma razão, não detêm o domínio que lhes é cobrado das normas padrão da língua, mas como burros e analfabetos, apesar

de aqueles que os chamam assim apresentarem incorreções de diversas ordens, como mostram os próprios registros.

8.4 – O caráter agressivo e excludente do preconceito linguístico

Nas ocorrências vistas até agora e nas que se seguirão, há sempre impressa uma marca preocupante, a da agressividade. Como pano de fundo do preconceito linguístico, ela se manifesta de maneira desmedida, desmotivada e cruel. Palavras como *tiro*, *surra*, *nojo* e *foice* figuram com pretensiosa naturalidade nos discursos de nossos sujeitos, evidenciando o desprezo e a exclusão que marcam suas relações – ou a ausência delas – com as vítimas desse preconceito, como é possível observar nas frases abaixo:

Usuária R. S.: *minha nossa senhora da gramática faça com que as mãos de quem escreve errado caia! Eles não precisam delas, amém!*

Usuária R. P. M.: - *Gente que se acha a bala e escreve errado tem todo meu desprezo :/*

Usuária M. C.: *é 'a gente' e não 'agente' ...como podem escrever errado isso? #suicídioéumdever*

Usuária L. A. 2: *Noossa tem que da uma surra em quem escreve errado desse jeito =x --'*

Usuária R. P. 2: *Se vc escreve “Concerteza”, “Sorrizo”, “Espequitativa”, “Menas”, “essesão”, “ezitar”, “incondissional” e “fracação” NÃO MERECE MINHA AMIZADE*

Usuária G. N.: *não quero saber se você é da minha sala, não vou te adicionar se não falo com você, se não vou com a tua cara, se você escreve/fala errado.*

Usuário N. F.: *Que nojo que eu tenho desse pessoal que não sabe conjugar verbos.*

Usuária B. A.: a pessoa que escreve “concerteza” e “poisé” desse jeito, não merece o meu respeito !

Usuária T. A.: Tenho nojo de conversar com quem escreve errado. Sério mesmo =x

Usuário J. F.: Preciso me purificar de tanto convívio com gente que fala errado! Deuses restaurem a concordância! \o/

Usuário I. N.: É horrível lidar com gente que fala errado. Mesmo quando se trata de uma palavra do uso cotidiano. Senhor feche meus ouvidos rrsrrsrrsr

Usuário R. P., da comunidade “ODEIO QUEM ESCREVE ERRADO!”:

Comunidade para aqueles que odeiam, abominam, detestam e querem ver bem longe pessoas que, contrariando todas as regras de semântica, ortografia e gramática, assassinam nossa bela língua.

[...].

Usuária A. B. S.: 1 Fato sobre mim: não suporto gente que fala ou escreve errado perto de mim. Sinto vontade de dar um tiro na pessoa.

Usuária R. T. 2: gente que escreve errado merece um soco na cara :@

Usuária A. M. L. M.: Gente! Não conheço o cara que fala errado ...Acho que é ***, mas convinhamos é u retardado...Desculpe mas sou sincera!!!!

Gente ! To escrevendo errado que nem ele...Desculpa mas vc é um SACO!!!

...*** produtor...Por favor não te siga,mas retuitam...Meu amigo VC é um retardado!!!!!! Tenha vergonha!!!

[dirigindo-se a uma usuária do site] AmigA. E. Um retardado que fala. Tati bi tati...Me irrita um adulto falando igual 1 retardado Nao tenho saco pra isso.

[dirigindo-se a mesma usuária] Eu não siga ele não me parece ser 1 pessoa má , mas é retardado e chato ,Ate parece que entrar no tuirer tem que ser engraçado..

Usuária G. S.: *Tem dois ignorantes do meu lado, eu ODEIO quem fala errado, mesmo. Alguém me empresta uma foice?*

Usuária J. S. 2, em menção à usuária J. L. 2: *Quem escreve errado, merece apanhar com a Enciclopédia Barsa Universal – 18 VOLUMES !!!*

Usuária F. F., em resposta à J. S.: *Meia hora de surra!!! :D*

Usuária J. L. 2, em menção à usuária J. S.: *E quem escreve motel com U e viu com L merece o que? Muita paulada na cabeça pra deixar de ser burro.*

Usuário C. E.: *Gente que escreve tudo errado e quer respeito, tá bom (y)*

Usuária D. G.: *Sinceramente,eu tenho nojo de quem escreve errado.*

Usuária V. D.: *Tenho vontade de dar um tiro em quem escreve “concerteza” ao invés de “com certeza” #SantoAnalfabetismo*

Usuária A. C. 3: *a guria escreve “seje” e acha que eu não tenho motivos suficientes pra excluir ela do facebook, é vida*

Usuária L. L. 5: *Da uma raiva desse povo favelado do twitter que escreve td errado.....*

Usuária N. I. 3: *Gente que escreve você com ç, pra mim é margem da sociedade.*

Usuário V. W. 2: *Assumo: tenho preconceito linguístico. Acabei de excluir uma pessoa do face porque não aguento ver as postagens com erros imperdoáveis...*

Usuário C. S. 4: *Quem escreve errado um português básico não deveria dar opinião sobre qualquer assunto que fosse.*

Usuária A. P. 10: *Gente que fala errado = exclui da sociedade por favor ?*

Usuária M. M. S: *Sonho com uma rede social onde pessoas com extremos erros de ortografia/gramática fossem banidos!*

Usuária K. I. 3: *da vontade de dar na cara desse povo que tu sabe que acabou de concluir o ensino médio e fica escrevendo errado no facebook*

E ainda tem a cara de pau de dizer que isso é variação linguística

Essas ocorrências ajudam-nos a aferir a intensidade da violência que o preconceito linguístico comporta. Não estamos falando apenas de um processo de violação da integridade física, mas da integridade moral, humana e ideológica dos sujeitos discriminados. O uso linguístico que os usuários julgam inadequado em outrem lhes suscita sentimentos de repúdio e condutas de exclusão. O curioso, entretanto, é que a quase totalidade dos textos também apresentam desvios gramaticais. Pierre Bourdieu (2008, p. 15) postula que

A competência [linguística] não se reduz à capacidade propriamente lingüística de engendrar um certo tipo de discurso, mas faz intervir o conjunto das propriedades constitutivas da *personalidade social* do locutor (em particular, todas as formas de capital das quais ele está investido). As mesmas produções lingüísticas podem trazer lucros radicalmente diferentes segundo o emissor [...].

Dessa forma, explica-se, então, a aceitação dos próprios desvios e da recriminação dos desvios de outrem, já que, como pudemos observar até aqui e como explicam Bourdieu (2008) e também Gnerre (1991), o valor do discurso não está propriamente na competência linguística do enunciador, mas na imagem e no valor social que lhe são atribuídos. No entanto, a agressividade que tentamos compreender neste ponto de nosso trabalho escapa às predicções linguísticas e sociolinguísticas. Cremos que não há respaldo teórico que nos possibilite entender como sentimentos como ódio, nojo e desprezo, e ímpetos de violência possam surgir apenas pela relação conflituosa que o choque entre as diferentes – e, às vezes, nem tão diferentes assim – identidades linguísticas estabelece nos espaços sociais concretos e no ciberespaço.

O livro *Violência nas escolas: dez abordagens européias* (2002), organizado pela Unesco, revela que a violência verbal – bem como o uso de palavras de baixo calão – tem crescido entre os alunos das escolas europeias. As agressões físicas, que são ainda mais graves, também crescem, e partem de alunos cada vez menores. Ao mesmo tempo, a violência verbal e a intimidação, por parte de colegas, estão entre os principais tipos de violência de que se queixam os alunos, de acordo com dados dessa organização. As motivações da violência, segundo o livro, são diversas, mas circunscrevem-se basicamente a situações sociais difíceis e à insegurança dentro da família, além do próprio ambiente escolar (ambientes pouco acolhedores, disciplina rígida, elitismo etc.).

Portanto, defendemos – a despeito da dificuldade de uma explicação conclusiva – que a motivação da agressividade verificada nas ocorrências de nossa pesquisa não está nas vítimas, mas nos agentes do preconceito – linguístico ou de qualquer outra ordem. É escusado dizer que a violência existe na escola, assim como pode existir e existe em qualquer espaço social. Os sujeitos reproduzem nela uma violência que trazem de fora. Como consequência, essa violência é devolvida ao lugar de origem, mas nem sempre aos sujeitos que a originaram. Assim, as vítimas são, como quase sempre, os mais fracos: os sujeitos que, supostamente, apresentam uma inferioridade social e, logo, linguística.

Também é possível compreender a agressividade e a exclusão impressas no preconceito linguístico como uma resposta exagerada aos processos de reconhecimento da *diferença* nas identidades linguísticas com as quais se defrontam os nossos sujeitos, já que é justamente essa diferença que motiva os julgamentos de valor e, assim, os estigmas e as avaliações negativas feitas sobre as diferentes variedades linguísticas que divergem as norma padrão da língua.

8.5 – O sentimento de posse e de domínio dos bens culturais elitizados e do ciberespaço

Vimos até agora que uma das principais marcas do preconceito linguístico é o movimento de exclusão dos discriminados. O que os registros nos revelam são sentimentos de posse e de domínio de bens culturais elitizados e o desejo da manutenção da ocupação do ciberespaço pelas elites. Sucintamente, quem não fala e não escreve de maneira correta – ou como fala e escreve quem faz esses julgamentos – não tem o direito de estar no ciberespaço, ou seja, de ocupar um lugar que a elite (ou quem se considera parte dela) deseja ocupar sozinha, vide as frases abaixo:

Usuária R. C.: *Twitter deveria ser proibido pra quem não sabe escrever (e ainda por cima só escreve m****) ! Gente que escreve errado é UOH! Bom dia!*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *Deveria ter um filtro que ã deixasse a galera postar qualquer coisa, escrever abobrinha c/ erro ortográfico é pra matar!heheh*

Usuária L. B.: *gente que escreve errado devia ser banido das redes sociais*

Usuário M. C. 2: *Pessoas semi-analfabetas deveriam ser proibidas de usar o Twitter, meus olhos doem de ver essas aberrações da língua portuguesa*

Usuária D.: *gente burra que faz conta no twitter e escreve errado é a pior coisa do mundo*

Usuário W. O.: 1 – *ninguem merece semi analfabetos colocando ‘soneto’ de Vinicius de Moraes como auto descrição*

2 – *ao invés de colocar ‘soneto’ de Vinicius de Moraes na descrição deveria ter colocado essa poesia – [link que direciona a um vídeo do site Youtube. Esse vídeo é de uma música de funk que retrata meninas novas através de palavras de baixo calão], estou sincero hj*

3 – *o melhor é poder detonar essas pessoas virtualmente , porque de tão flopadas que são não possuem redes sociais, quiçá um Orkut com 90 amigos*

Usuário I. W.: *Quem escreve “concerteza” deveria ser proibido de twittar.*

Usuária V. O.: *Uma nota dez pra erros gramaticais. Gente assim não podia ter acesso ao mundo, apenas a aulas de gramática, porque olha...*

Maldita inclusão digital. É um crime, estar aqui, escrevendo assim

Uma enquete encontrada na comunidade *ODEIO QUEM ESCREVE ERRADO!*, realizada pelos membros da mesma, pergunta o que seus participantes acham de brasileiros que não falam ou não escrevem corretamente o português serem “cheias de graça a falarem outro idioma”, como escreveram os próprios criadores da enquete. As opções dadas pelo criador da enquete foram: *Ridículo, Abominável, Bom, Excelente, Depende o por que dessa situação e Nenhuma das opções acima. Justifique.* Num total de 105 votos, 51 (48%) foram para a opção *Ridículo*. Em segundo lugar, aparece a opção *Abominável*, com 24 votos (22%). A *Depende o por que dessa situação* recebeu 21 votos (20%) e *Nenhuma das opções acima. Justifique.*, 04 votos (3%). As opções *Bom* e *Excelente* só receberam 01 (0,95%) e 04 (3%) votos, respectivamente.

O que essas ocorrências nos revelam é que o ciberespaço e os bens culturais – como *Soneto*, de Vinicius de Moraes, por exemplo – devem ser, segundo nossos sujeitos, apropriados apenas por uma elite do suposto bem falar e bem escrever. Os agentes da discriminação linguística sustentam no ciberespaço a segregação que existe, antes, fora dele, hostilizando os partícipes virtuais que não fazem parte dessa elite autoproclamada. O espaço virtual deve ser, então, *frequentado* apenas por quem fala e escreve corretamente, principalmente quando se trata de *sites* cujo objetivo principal é escrever, como é o caso do *Twitter*.

8.6 – A vítima do preconceito linguístico como objeto de escárnio

Vimos no capítulo seis deste trabalho (*O ciberespaço*) o que são comunidades virtuais e como as pessoas aí se organizam nela. Vimos também que há redes sociais em que os indivíduos se articulam sem necessariamente estabelecerem

essa forma de organização, o que depende do formato de cada *site*. Entendemos, portanto, que o que as pessoas costumam buscar é o contato, a troca de ideias e interesses em comum. Dito desta forma, parece ser, o ciberespaço, um ambiente pacífico em que as relações humanas acontecem isentas de conflitos. Entretanto, já pudemos constatar, a esta altura, quão conflituoso esse espaço é. Ou melhor: quantos conflitos ele pode corroborar, ao comportar cibernautas os mais diversos. Uma de nossas verificações, que não se distancia muito da constatação da violência imbricada no preconceito linguístico, é a de que as vítimas desse preconceito são objetos de escárnio para os agentes da discriminação aqui tratada.

O ciberespaço e as redes sociais não dão lugar e voz apenas a discussões saudáveis, mas também a práticas ofensivas, hostis e ridicularizantes. Para os agentes investigados em nosso trabalho, o ciberespaço é lugar de compartilhar e de rir de desvios gramaticais alheios, contados como verdadeiras anedotas. Aqui, o sujeito que não detém a competência linguística considerada ideal (BOURDIEU, 2008) é tratado como personagem de uma piada: seu comportamento supostamente ridículo – em verdade, ridicularizado – serve para fazer rir. Vejam-se as ocorrências abaixo:

Usuário E. R.: 1 – *Ontem a moça no Extra pagando sabao pras outras: nois tem ser unidas, tem que tratar bem os criente e sermos homildes umas cazotras. #Euri*

2 – *Ai as amigas dela começaram a rir, e eu falei: Deixem de preconceito linguístico, segundo o mec ela ta certissima e alem disso ela é homilde*

Usuária A.: *Eu sou “meia” burra!*

Foi isso que a aluna me disse e precisei concordar com ela. Só não pude dizer com todas as letras que era inteiramente burra e não “meia” burra!

Então respondi: “Ah, você é burra da cintura pra cima e da cintura pra baixo é inteligente! Eu bem que desconfiava...” hahaha

Usuária G.: *Realmente. Vamos deixar dicionários para seja lá quem for q for parente desses asnos!!!*

Usuário M. 3: *Cadê a educação desse país?!*

Pérolas: “A copiadora não copeia.

Eu “di” um pedaço pra ele.

Erro clássico do povinho, inclusive o medíocre povinho universitário => A menina foi “estrapada”. (Quem foi estuprada foi a língua portuguesa)

Outra clássica: “Na onde você vai?”

A educação já está fraca, o “famigerado” ditado foi abolido, e olha que ele enriquecia o vocabulário, e somadas as abreviações da net... resultado = burrice ao escrever, e essa burrice está inundando o cyberspaço, o Orkut é a vergonha absoluta, pois temos acesso ao que escrevem os “estrapadores” da última flor do Lácio.

Parabéns pelo fórum. Enfim não estou sozinho em minha indignação.

Usuário L. 5: *Essa realmente é de doer o coração quando se ler*

solteiro sim so zinho numca esse estudou muito para ser quem é hoje KKKK.

Usuária J. A.: *Eu dou risada com gente que : Fala errado, escreve errado e pensa que está arrasando, Sai do Twitter e vai pra escola*

Usuário J.: *Outro dia alguém escreveu, visite o nosso saite.Essa doeu!!*

Usuária P.: *Na cidade onde trabalho, interiorzinho de Alagoas, as pessoas costumam falar ‘nóis veve’, a gente vamos, eu são (referindo-se a suar) e por aí vai o mundaréu de assassinatos ao nosso português. Rs,rs..*

Usuária Y. M.: *E que nota a gente dá pra quem escreve errado em pleno twitter ? Acha que ta abalando e eu bem aqui me esculhambando. Vcs me fazem rir*

Usuário Y. D.: *haha’*

Achei muito firme aquele que diz “DESTRAIDA”. quero saber quem foi essa pessoa, para eu perguntá-la como ela conseguiu reverter o chifre que ela pegou.

Kkkkkkkkkkkkkk...’

Aahh...! o erro de português que eu mais odeio é quando as pessoas, simplesmente, falam “É EU “!!! Q U E Ó D I O !!!

Usuária M.: *a vendedora me tranquilizou dizendo: Num tira a etiqueta ã casadique se tive um pobreminha agente trocamos.(Tadinha eu me acabei de rir)*

Usuário P.: *****

Você tem que admitir que entrar num perfil do Orkut e ler “Corassão”, “faser”, “falço”, é muito mais que um erro, É UM ATENTADO, UMA OFENSA!!!!

Chegar a doer na alma...

Usuária M. K.: *. “os verdadeiros patriotas pensa no brasil 24 horas por dia,”*

“ as pessoas não te dar ouvidos em uma rede de internet”

“,pra terem uma nossão era uma sexta feira Santa aqui dae passei na frente da casa de uns paulistas a rua inteira estava em silêncio e eles comendo churrasco e tocando pagode...olha o nivel!!!”

Baixo nível é o português desta criatura. “NoSSao” ... gente!!! Não sei se eu rio ou se eu choro!!!

Usuário G. N. 2: *Eu, com 12 anos de idade cometo menos erros linguísticos que um adulto de 40 anos. ;**

Alguns erros dos meus amigos :

- “Mais” você não foi na aula hoje?

- Vamos “subir para cima “? Lá tem “menas” crianças.

SIIIIIIIIIIIM, EU JÁ PRESENCIEI ISSO CARA!

Usuária E. 2: *Não sei o que dói mais, se ouvir ou ver escrito...*

De papo no msn e de repente um absurdo desses

Esfria o papo na hora...kkkk...vazaaaaa...:

...comeÇei a te observar; (A cedilha junto com E? Mais cadê a alfabetização filhinho?)

...aXo você divertida; (E eu ACHO você meio burrinho!)

...consegue me aproximar (Nem tente mesmo!)

...gostoZZZa..... (Ui que mal estar!)

...agente somos amigos pow... (Devo ou não devo corrigir meu amigo(a)?)kkkkkkkkk...

PARECE ATÉ SER ANTIPÁTICA, MAS É PORQUÊ PREZO PELA ORIGINALIDADE DO PORTUGUÊS...o que fazer com esses pobres leigos???

MAIS O QUE É SAÚDE BOOOOOOOOCAL? NÃO CONHEÇO...

E TINHA UM LOCUTOR TODA HORA ANUNCIANDO SERVIÇO DE SAÚDE BOCAL GRATUITO...

Usuária M. 2: *FALSIDADE COM C!!!*

“FALCIDADE”

Todoooooo dia alguém escreve esse desastre no twitter.

Eu não estou aguentando mais!

Usuário T. A.: *****

“ERROS QUE ENVERGONHAM

Minha amiga e eu, somos colecionadoras de erros e podemos compartilhar com vcs um pouquinho da nossa alegria:”

Não vejo motivo para alegria. Eu sinto é tristeza ao ler essas coisas, pois percebo o quanto está deficiente a formação de nossos jovens

Usuário A. 2: *ERROS QUE ENVERGONHAM*

Sentir alegria com erros crassos é de uma morbidez impressionante. A língua portuguesa deveria ser ensinada com mais afinco nas escolas, para que não fosse tão maltratada e tornar-se objeto de “alegria”.

Usuária L.: *Oculpado ,Menas ,Concerteza ,Poblema,Conpreto, fazeriaa*

Esses são os piores kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Usuária L. 2: *samos , concerteza, sertto, nós ,seje_.*

Usuário L. 3: *rEdículo*

Uhsauhsa

Usuária L. 4: *Um cidadão da minha cidade abriu uma sapataria e escreveu na placa o seguinte: “Sapato Sho!”, eu creio fielmente que a intenção dele era escrever “show”.*

É nesses momentos que eu pergunto: cadê meu porte de arma? Porque, meu Deus, eu não posso ter uma Uzi!¹⁸

Usuário E.: *E-mail de um aluno meu do curso de informática*

Vejam só, esse eu até deixei gravado no meu Outlook Express. Até hj não consegui entender quase nada do q. ele escreveu. O texto do e-mail está na íntegra e reparem q. a última frase parece latim:

pú!!???&&% é muito legal o que vc mandou, há o nome o jogo age mythooloo ou o age empires. haaaa manti pra mim o clipz do candy shop é o nome da musica tá, esprique como eu posso mecher no Kazaa pq o papel sumil manti a musica in momine tchal

Usuária I. C., em réplica a E.: *onde está a legenda?*

ainda estou tentando decifrar esse código! essa mensagem subliminar escrito a mão por essa criatura deve ser uma psicografia!

¹⁸ Uzi é uma arma de fogo do tipo pistola-metralhadora. Seu nome se deve ao seu criador, Uziel Gal, que projetou o primeiro modelo no final da década de 1940. Fonte: Google.

Usuário E., em resposta à I. C.: *Eu ainda tbem tou tentando entender o que ele escreveu... Mas sei lá, qdo estou triste eu pego pra ler esse e-mail sempre... garante umas boas risadas.*

Usuário S.: *A campeã!!!*

Oi gente... encontrei a Brahma das topeiras!

Vejam os depoimentos para o namorado dela no perfil abaixo: [link para a página de uma usuária do Orkut]

Usuário M. A.: *Meu Deus do céu, o que qué isso!!!*

Definitivamente a gente tinha que criar o troféu “Mula mor do Orkut” e sair distribuindo avisos de que as pessoas como essa garota são sérias concorrentes.

Usuário J. 2: *Realmente ela é muito burra...*

Precisaríamos saber onde essa pessoa “estudou” para parabenizar a escola... Realmente deve ter se formado com honras. Será que é tão complicado escrever? Não precisa ser exato, um erro aqui, outro ali, tudo bem. Mas do jeito que está, não dá...

Troféu pra ela.

Usuário R. P., que consta dos registros de número 23 e 89: *não, não, não... não é possível que alguém escreva assim e, pior, que consiga um namorado... Puts, como achaste essa pérola?*

Usuário F. N., que consta dos registros de número 20 e 25. Este registro, de número 20, trata-se de um vídeo que este usuário do *Twitter* divulgou no site de vídeos *Youtube*. Com o título *Não Faz Sentido! – Gente que escreve errado*, o vídeo hostiliza agressivamente pessoas que falam e escrevem errado. Assistido por mais de quatro milhões de pessoas, o vídeo recebeu mais de setenta mil qualificações positivas, contra apenas menos de duas mil qualificações negativas.

Os três perfis abaixo consistem na acusação de erros de português de usuários do *Twitter*. Embora sejam três perfis diferentes, as práticas são as mesmas. As frases que estão antes da sigla RT (que significa retuíte, ou seja, o ato de mostrar em seu perfil a frase de outro usuário) pertencem aos donos dos perfis; as frases que vêm depois são as de terceiros, expostos pelos donos dos perfis.

Twitter do registro 1: *Perdoai, Aurelio RT [username de uma usuária] um carinho me falo isso oji e eu simplismenti disse “NÃO VO OFENDE O PE LANZA DIZENDO QUE TU É ELE” #aiai*

NÃO TO VENDO ISSO RT [username de um usuário] oi bianca tudo bem que sabe eu vou ser sincero voce e linda mas tomara que tanbem seja sinpatica [username da usuária a que ele se refere]

SAUDADE, vá ler mais. RT [username de um usuário] que saldade ;’/

Twitter do registro 2: *Inesplicável é ler isso sem chorar RT [username de um usuário do site] Cara, é inesplicavel como me sinto. Que coisa bouuuuaaaaa =>*

Revido a história do Lula: RT [username de um usuário que mostrou o erro de outra usuária para o dono deste Twitter, seguido pelo username dessa usuária] Tenho certesa que vou se eleger !

Twitter do registro 3: *Essa fez meus OUVIDOS doerem! RT [username de uma usuária] O meu fone de Auvido era aqueles da gol e só funciona um lado, ae eu comprei outro e (...)*

Não sendo erros assim, tudo bem! RT [username de um usuário] todas (...) uma coisa do passodo pode ter SERTEZA q ira ACONTESER no seu futuro novamente

Em compensação escrever errado não, né? RT [username de uma usuária] pra MIN mc donalts é so uma VES por ano HAHA que horror ,

Não consigo é ler isso! RT [username de uma usuária] não CONSSIGO achar a batida apropriada pra musica dele, I Can't Live Without Your Love :S

Usuário D. B. 2: *Nada contra quem escreve errado de vez em quando. Só prefiro que fiquem no zoológico os que escrevem “menas”, “seje” e tal.*

Usuário P. A. 2: *Quadrúpede: aquele que escreve “concerteza”*

Usuário C. L. 4: [Comentário em uma postagem da página Português da Depressão, do Facebook, em que uma imagem mostrava a seguinte frase de um usuário do site: “PQ agente enxiste em algo q n dar certo?!”] *Não sei em que sua mãe pensava quando “inxistil” em engravidar.*

É difícil que essas vítimas tenham conhecimento de sua própria condição de discriminadas. Excetuando-se os casos dos três perfis de *Twitter* que apontam os erros dos partícipes do microblog mostrando seus endereços no *site* (por meio de seus nomes de usuários), as vítimas formam um grupo quase abstrato, embora real: não se conhecem seus nomes, suas contas nas redes sociais (se é que elas existem) e se, de algum modo, tomam conhecimento de como estão sendo expostas no ciberespaço. As que não têm seus nomes revelados sequer poderiam reclamar legalmente seus direitos. O que vemos aqui é um lamentável uso despótico do espaço virtual, em que os supostos usuários da norma culta da língua se unem para rir e insurgir contra aqueles que, sendo *burros e ignorantes*, como os caracterizam os agentes da discriminação, só podem mesmo servir como objeto de escárnio para a sociedade que, não os havendo formado adequadamente para suas exigências, rejeita-os severamente.

8.7 – O preconceito que se explicita e que se orgulha de ser preconceito

Já pudemos perceber, após o contato com as ocorrências mostradas, como os sentimentos negativos, estigmas e estereotípias se elucidam tão abertamente através das manifestações dos agentes do preconceito linguístico nas redes sociais. Além das mostras de violência e de escárnio, sintomas comuns a qualquer preconceito, essas manifestações denotam uma característica muito singular: a assunção explícita do preconceito e o orgulho que sentem por terem

essa postura preconceituosa, como demonstram ainda mais claramente as frases abaixo:

Usuário F. M.: *Vou fazer uma camiseta “Eu tenho preconceito linguístico and am proud of it.” [Eu tenho preconceito linguístico e estou orgulhoso disso.]*

Usuária C. K., sobre a frase de F. M.: *Também quero!!!*

Usuário F. M. 2: *“Prefiro ter um filho viado do que um filho que escreve mal”. Não revelarei o autor desta frase genial.*

Usuária C. C.: *Nota: Tenho muito preconceito com quem escreve SEJE, VINHER, MENAS. Fico muito indignada quando vejo alguém escrever assim .-*

Usuário G. P.: *Meu maior preconceito para com o mundo é linguístico. Aceito melhor a falta de um dente de trás que um ‘trás’ no lugar de ‘traz’. Me julguem*

Usuário B. A.: 1 - *Preconceito linguístico com pessoas que: usam o verbo “caçar” no lugar de “procurar”; transformam “mostrar” em “amostrar”; dizem (+)*

2 – (+) *“banhar” no lugar da expressão “tomar banho”. Dá vontade de amarrar no tronco e chicotear.*

Usuário D. A.: *Desculpa sociedade, mas tenho preconceito com gente que escreve errado.*

Usuária J. 3: *Tenho um forte preconceito com quem escreve errado. Preconceito linguístico, admito.*

Usuária S. D. 2: *Podem me atirar pedras, mas eu tenho preconceito linguístico. E com muito orgulho.*

Que preconceitos existem e que são manifestados o tempo inteiro já é sabido por todos nós. O que há de peculiar no preconceito linguístico é que ele é declarado e não observamos nenhum sinal de receio de punições ou represálias. Ao contrário do que costuma acontecer com as discriminações racistas, por exemplo, o preconceito linguístico explicita-se com particular

orgulho. O que esse fenômeno nos mostra é que as discussões acerca do primeiro preconceito, por exemplo, embora também não estejam isentas de estigmas, alcançaram, ao longo dos anos, amparos previstos em lei. Quem manifestar publicamente seu preconceito contra um indivíduo negro poderá responder por isso mediante a processos judiciais.

Talvez por ser uma discussão nova fora das universidades, ou seja, para as grandes massas, o preconceito linguístico não foi, ainda, criminalizado. Se não é crime, há liberdade para exercê-lo, principalmente porque é, como sabemos, uma forma de reafirmação pessoal. Para seus agentes, esse preconceito não é errado nem feio, pelo contrário: é uma forma possível de mostrar seu suposto conhecimento linguístico e gramatical, e seu respeito e amor à língua portuguesa. Ele se expõe e se sustenta na anuência que recebe de outros indivíduos. Os registros de nosso *corpus* mostram que as frases que utilizamos neste trabalho receberam, ao todo, mais de trezentos retuítes, ou seja, por mais de trezentas vezes outros sujeitos que desconhecemos redirecionaram-nas às suas próprias páginas pessoais no *site Twitter*.

Os registros que não foram enquadrados em nenhum dos itens já analisados nesta pesquisa, mas que denotam, tanto quanto os outros, situações de discriminação com base na língua estão relacionados abaixo:

Usuária B., diante de um questionamento sobre um suposto exagero no emprego de estrangeirismos na língua portuguesa: *Com toda razão!!! E o pior não sabem falar nem o potuga direito e já querem falar inglês rs*

Usuário C.: *Desconsiderando o fato de que eu acho o inglês uma língua ridícula, temos que admitir que tudo tem um limite e os brasileiros estão excedendo esse limite a tempos. Mentalidade de povo colonizado e subjulgado.*

Usuário K. S.: *É purquê nós fala ingreis, mano! Kkkkk*

Eu também não gosto muito do inglês, só acho bonito quando cantado, o inglês falado deixa as pessoas fanhosas. XD

.

Mas o maior mérito do inglês é justamente ser uma língua pobre, sem muitas conjugações de verbos ou flexões de palavras (adjetivos não têm plural, por exemplo), e por isso é relativamente fácil de ser aprendida. Daí, é natural se tornar meio que uma língua “oficial” nos meios internacionais.

.

Aí o Joãozinho da Esquina, só porque meia dúzia de gente importante sabe falar, acha que é língua da alta sociedade e fica arranhando o verbo to be. Sem saber, pobre coitado, que o inglês é uma língua sem profundidade que qualquer um aprende!!! XD

Usuário C. M. M. S.: *Quem nunca sentiu uma pontada no coração ao ler coisas do tipo...*

Amiga, não vou pq estou com SINOZITE.

** Fui CONS meus pais.*

** AGENTE vai lá amanhã.*

** Nossa quanta CONHECIDÊNCIA.*

** Eu sei que é ruim MAIS tem coisa pior.*

** CONCERTeza as pessoas percebem!*

Ah! Por favor! Não vamos assistir calados a esse crime hediondo (pelamordedeus, não é ODIONDO)!

Usuário J.: *pessoa que escreve certo virtualmente é mais elevada que a pessoa que escreve errado... Comprovado na realidade e virtualmente...*

Usuária M. P. F.: *As pessoas deveriam ter vergonha de escrever errado e flar tbm*

Usuária J. S.: *eu escrevo errado, mas nao suporto ver pessoas escrevendo tambem! asuhdsad*

Usuária D. L.: Sendo o google um ferramenta de tão fácil acesso, tenho pavor de gente q escreve errado!!!

Usuária A. B.: essa jornalista ai que apresenta o jornal da EPTV é muito ruim, fala tudo errado, que exemplo feio!

Usuária M. B.: 1 - Não sei porque mas eu tenho alergia de quem FALAR ERRADO e ESCREVE ERRADO D: tipo.. me dá uma vontade de corrigir :x

2 – deve ser porque eu cresci ouvindo as lições de moral da minha avó, que falavam assim: “quem fala errado escreve errado” agora eu sou assim D:

Usuário B. V.: Pra mim, você pode ter toda a razão, mas se cometer um erro de concordância durante o argumento, já era, perdeu a moral.

Usuária G. B.: 1 - O que pensar de pessoas que dizem algo como “discussão” e “ofensivo”? Não confio em gente que não sabe escrever.

2 – Erro de concordância e pontuação são mais aceitáveis, porque eu também erro. Mas ortografia não. #euamoportugues

Usuário F. B.: De tanto minha mãe falar que não suporta gente que escreve e/ou fala errado, eu to ficando desse jeito também ‘-’ ***

Usuária A. L.: Eu escrevo errado pra caramba... Mas quando vejo alguém escrevendo errado palavras tão simples... Eu fico indignada... é impressionante...

Usuária . A.: Tem gente que escreve tão mal que dá vergonha de dizer que é da área. Sério, mesmo.

Usuária L. C.: Corrigir uma pessoa quando ela fala errado, ou escreve não é debochar dela, e sim não deixar que ela seja mais um burro brasileiro :)

Usuário A. O.: Para que ficar escrevendo errado na internet ? Qual vantagem? Vai abreviar na cadeia, parceiro.

Não gosto do politicamente correto, na escrita da internet, mas também não gosto do politicamente ridículo.

*E preconceito linguístico é a *** →→*

Gosto de abreviar os palavrões. principalmente quando são literalmente palavrões - palavras grandes.

Preconceito linguístico é a invenção daquele vigarista - Marcos Bagno. É um hipócrita, veja se ele escreveu seu livro com linguagem popular.

*Faça o que eu digo, não faça o que eu faço. ****

Usuário A. P.: *Natalie para deputada. Referência ao Tiririca, o verdadeiro assassino da Norma Culta.*

Usuário B. A. M.: *Tem gente q fala português tao errado que parece que não nasceu no Brasil.*

Usuária K.: *Sinto ância de quem escreve “agente”*

Usuário E. O., *dirigindo-se a uma usuária do site: 1 - “a gente”, “prossigo”, “vieram”, “conheci”, nesse caso é “ri”, “enfioi”, “xingando”. BORA PRESTAR ATENÇÃO?*

Respondendo à mesma usuária, que alegou ser manipulada: 2 – *Não minha filha, pode escrever errado qnt quiser, a vergonha é sua.*

Usuária B. Q.: *Pareço legal, mais eu corrijo mentalmente quem fala errado.*

Usuária L. S. A. 7: *Eu não respeito quem fala errado. Quem dirá quem escreve? Custa aprender antes de escrever?*

8.8 – O preconceito contra a variação linguística, a Sociolinguística e a noção de preconceito linguístico

Outro grave e preocupante problema verificado em nosso *corpus* é a maneira como os sujeitos têm concebido a variação linguística e o trabalho realizado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), que tem diligenciado esforços em prol do trabalho democrático com a língua, a linguagem e os sujeitos que

as utilizam. Nas ocorrências abaixo, eles demonstram incompreensão sobre esses assuntos e chegam a transformá-los em motivo de chacota.

Usuário G. F., que consta do registro 120: *Agora as provas de múltipla escolha de português vão ter a opção (e): todas as alternativas estão corretas, senão é preconceito linguístico.*

Usuário C. A., em resposta a G. F.: *Preconceito linguístico é coisa de acadêmico de segunda linha. Representa a associação da desistência de ensinar com loucuras marxistas.*

Usuário não registrado em nosso *corpus*, mas que figura no mesmo registro em resposta dirigida ao usuário C. A.: *Amigo, aonde é que o Brasil quer chegar ensinando “menas”, “a gente vai”, “os pão” as nossas crianças?? Sinceramente...*

Usuário C. A., em réplica ao usuário anterior: *caminho livre para doutrinação total das crianças e jovens.*

Usuário G. B.: *Cete pecados é um termo correto de acordo com o novo livro do MEC, que ensina aos alunos falarem errado.*

Usuário F. N.: *Pra linguista tudo tá certo: professor de gramática é outra História. Daqui a pouco vai tá no dicionário “vc”, “Koe”, “ehnoix” e “akpokapoa”*

Usuário C. P.: 1 - *O governo federal é tão calhorda em manter a população (curral eleitoral) na ignorância que até cartilha pra escrever errado foi aprovada.*

2 – [em resposta a uma usuária do site] *Explica os “fenômenos” mas conclui que “pode” se escrever ou falar errado. Sublinaramente, um lixo.*

[em nova resposta à mesma usuária] *Discordo Ivy, Língua Portuguesa corretamente pra todos é uma OBRIGAÇÃO sem flexibilidade.*

Usuário B. F.: *A voz do povo não é a voz de Deus. Deus jamais falaria “prástico”, “pobrema” e “Framengo”.* .

Usuária B. M., em resposta à B. F.: *O perigo é ele crer no livro do MEC.*

Usuária M. C. 3: 1 – *saber escrever corretamente é tudo né minha gente! Sinceramente tenho enjoos profundos de ler coisas mal escritas, gente falando pior ainda..*

2 – *agora, o Governo apoiar e o MEC aprovar essa babaquice de “Preconceito Linguístico” é um tiro na cabeça da sociedade, fala sério!*

Usuária M. J.: *Variação linguística é desculpa de gente burra.*

Usuária T.: *eu queria trabalhar no MEC*

Pra poder dizer HOUVERAM vários erros no novo livro....

Usuário W. 2:

repassando, . . .

Livros pra inguinorantes, - Carlos Eduardo Novaes

Jornal do Brasil - Carlos Eduardo Novaes

Confeço qui to morrendo de enveja da fessora Heloisa Ramos que escrevinhou um livro cheio de erros de Português e vendeu 485 mil exemplares para o Minestério da Educassão. Eu dou um duro danado para não tropesssar na Gramática e nunca tive nenhum dos meus 42 livros comprados pelo Pograma Nacional do Livro Didáctico. Vai ver que é por isso: escrevo para quem sabe Portugues!

A fessora se ex-plica dizendo que privilegiou a linguagem horal sobre a escrevida. Só qui no meu modexto entender a linguajem horal é para sair pela boca e não para ser botada no papel. A palavra impreça deve obedecer o que manda a Gramática. Ou então a nossa língua vai virar um vale-tudo sem normas nem regras e agente nem precisamos ir a escola para aprender Português. A fessora dice também que escreveu desse jeito para subestituir a nossão de “certo e errado” pela de “adequado e inadequado”. Vai ver que quis livrar a cara do Lula que agora vive dando palestas e fala muita coisa inadequada. Só que a Gramatica eziste para encinar agente como falar e escrever corretamente no idioma portugues. A Gramática é uma espéce de

Constituição do idioma pátrio e para ela não existe essa coisa de adequado e inadequado. Ou você segue direitinho a Constituição ou você está fora da lei - como se diz? - magna. Diante do problema um assessor do Ministério declarou que "o ministro Fernando Adade não faz análise dos livros didáticos". E quem pediu a ele pra fazer? Ele é um homem muito ocupado, mas deve ter alguém que faça por ele e esse alguém com certeza só conhece a linguagem oral. O assessor afirmou ainda que o Ministério não é dono da Verdade e o ministro seria um tirano se dissesse o que está certo e o que está errado. Que argumento absurdo! Ele não tem que dizer nada. Tem que ficar caladinho por causa que quem diz o que está certo é a Gramática. Até segunda ordem a Gramática é que é a dona da verdade e o Ministério que é da Educação deve ser o primeiro a respeitar.

Usuária P.: *Com cordo prenamente quisso é um ARJUMENTO também inadecuado. Agente tem qui siuní i num dechá esse trem vinga. Pal nêlis.*

E deforma ezemplar. Que seja enesquessíveu.

Usuária C. B. 2: *A real é que eu acho essa coisa de preconceito linguístico a maior desculpa governamental já existente..como o brasil quer revolucionar+*

+sua educação, se quando alguém não conjuga um verbo corretamente, ou não utiliza o plural corretamente, tudo é justificado pela cultura+

+e bla bla bla, por isso que a educação tá como tá, todo mundo tem justificativa pra falar errado, e não tem um incentivo pra aprender+

+nada, ai dá no que dá, um presidente analfabeto, professores que nao sabem falar, jornalistas, advogados, e por ai vai...

Usuária L. F. 2: *o que ser variação linguística?*

meeu, nada aver esse negócio de variação linguística! ate parece que alguma pessoa normal fala ARVE ao invés de ARVORE

e FIGO ao invés de FIGADO

Usuário A. D.: *Vício de linguagem é vício de linguagem, preconceito é invenção de esquerdista raivoso que quer manter o povo na ignorância. E é*

coisa de esquerdistas raivosos por falta de direitistas raivosos no poder, ao compartilhar uma imagem em que se lia: “Acabei de receber uma mensagem que começava da seguinte maneira: “Tu tem...”. Por favor, evitem esta maneira de falar e escrever. Gramaticalmente, não está certo. Você tem... / Tu tens...”.

Usuária T. L. 4: *Tem dúvida sobre como escreve uma palavra ou sobre como a acentua? DICIONÁRIO! Corre pro pai dos burros mas não pague mico*

To lendo aqui que agora inventaram um tal de “preconceito linguístico” e eu prefiro pensar que estou num grande pesadelo. Alguém me acorde!

Usuário V. B. 3: *VELHO... OLAVO DE CARVALHO ME REPRESENTA! MARCOS BAGNO NÃO!*

[dirigindo-se a uma usuária do site] ****, você tá tendo aula de sociolinguística já?*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *Porque eles vão tentar te enfiar umas ideias de Variação Linguística garganta abaixo, e só queria conversar sobre :S hahahaha*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *Eu li um texto da UFMG hoje sobre Sociolinguística de uma professora chamada *** ou qqr coisa assim... E ****

[dirigindo-se a uma usuária do site] *eu fiquei super *** com o professor que passou isso e fui pesquisar e NÃO É a ideia corrente HAHHAHA é meio esquerdistista*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *Não lembro de cabeça, mas tem Sociolinguística no meio... é uma matéria surtada sobre não ensinar GRAMÁTICA NORMATIVA na escola*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *SIM hahahahaha eu fico meio G_G com todo esse negócio de Sociolinguística...*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *Eles dizem que não se deve ensinar Gramática pra população pq eles já tem a própria variação deles... é tipo “useless”*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *Tipo, eu fico pretty espantado de vez em quando com aonde aquilo está nos levando hahahahaha I mean...*

Usuária R. J. S.: *Preconceito linguístico é simplesmente teórico. Duvido ninguém torcer o nariz pras coisas que eu ouço pegando lotação na zl*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *revolts? E se brigassem com você dizendo que rir de quem escreve bolça é preconceito linguístico? E AI?*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *AHIEUEAHAIHIEHIAH. Odeio os srs. direitos humanos*

[dirigindo-se a uma usuária do site] *Ninguém! Mas são conversas muito frequentes na Letras. Que falar “pra mim fazer” e “nóis vai” é apenas VARIANTE LINGUÍSTICA.*

Usuária F. P. 4: [A página de uma editora postou uma imagem em que se lê: “Tá certo que inglês é fundamental, que espanhol é muito importante e que francês é chique. Mas custa aprender português primeiro?”. A imagem, em dois dias, foi curtida por 1.438 pessoas e compartilhada 10.058 vezes. Um usuário do site escreveu: “Já olho atravessado para quem escreveu isso...se a pessoa nasceu num país de língua portuguesa, não vive isolada na selva e não é muda ou surda...já aprendeu o português. Pensem, por favor, no que escrevem... aprender português e aprender a norma culta não são a mesma coisa, OK? Vindo de um leigo, sem problemas, vindo de uma editora é imperdoável!] *O comentário acima é radical, típico de linguista. Até para a comunicação básica, faz-se necessário conhecer a norma culta, um instrumento mais eficaz e belo. Que se dirá, então, de outros usos da língua, que não seja a comunicação básica!*

Usuária R. R. S.: *tem uma pessoa falando cmg com variação linguística, vou levar p prof. de português, quero vê se agr ela n diz que essa *** n ta errada!!!*

diz a prof que “a gente vamos” é variação, pois ela ta certa rsrs

Usuário F. T. S. R: QUIZER RT [username de um político, usuário do site, que escreveu a frase que segue] *Mais 1000 em 2013 e se Deus quiser mais 1000 em 2014...*

O cara não investe em educação, daí acha que “quiser” é o certo. sociolinguística que nada, nesse caso tem que ser zoadado mesmo.

Usuária E. E. S.: *Vou exercitar minha mente. Estudar português! =**

Amanhã vou procurar nas minhas caixas todas as xérox da facul das matérias de Jornalismo e de Publicidade pra eu ler tudo de novo...

*Gente, não quero dar uma de prof, Pasquale, mas isso de preconceito linguístico é ***, passei anos aprendendo que antes de verbo [...]*

[...] se usa EU, pra agora qqr um sair escrevendo MIM FEZ e dizerem que tá certo? Saí daí! Preconceito virou desculpa p/ falta de estudo?

Essas novas regras gramaticais foram só pra diminuir a quantidade de semi-analfabetos desse país. Pra mim continuam semi-analfabetos. Ponto.

Usuário S. K. R.: *uma coisa é o cara usar uma variação linguística no contexto adequado, outra é gente afrontando a gramática e a ortografia onde não deveria*

e você vê jornalista de veículos até respeitados demonstrando um déficit de conhecimento de norma vergonhoso.

e a velocidade da internet só piora as coisas. não que justifique um erro crasso.

Usuários P. B. S., M. R. 7 e R. A. S.:

RT: [usuário 1] : *CONCORDO !! RT [usuário] sim, exatamente o q o prof disse. vc para, pensa e ver se é ridículo e fala da melhor maneira*

[usuário 2] [usuário 3] *Também diria em Guarujá. Como “em Botafogo”, “em Niterói”, “em Salvador”. Acho que é uma questão de bom senso.*

[usuário 2] [usuário 3] *Dizer “ vou na Ipanema” é o mesmo que dizer “vou na Roma”. Ridículo. Variação linguística tem seus limites.*

RT [usuário 2] [usuário 3] *Po, mas não é usado, então...não é certo! // prof disse q se vc nao achar feio dizer, pode usar no ou na como quiser*

Usuário N. L. 2: *É o que dá a idiotice modernosa desses linguistas moderninhos que defendem a ignorância em nome da democracia.*

O que esses linguistas não vêm é que a língua nacional, ensinada na escola, é padrão que mede o nível social da criatura.

Usuário W. G.: *Sinceramente, mesmo lendo o Marcos Bagno [link suprimido] ainda não vi um argumento aceitável em defesa da “variação linguística”.*

Usuária L. M. 6: *no ***: falar corretamente é ter preconceito linguístico? [link suprimido] o MEC acha que é.*

Usuária F. P. G.: *O MEC quer combater o preconceito linguístico (nunca ouvi falar) e ensinar a molecada tudo a falar errado! Parabéns [link suprimido]*

Pensamos que o primeiro grande problema verificado nessas manifestações é a falta de conhecimento acerca da noção de variação linguística. Durante muito tempo, ela esteve presente apenas dentro das universidades e, há quase duas décadas, nos preceitos dos PCN. Embora sempre haja existido, em todas as sociedades, a variação parece, para os sujeitos de nossa pesquisa, haver surgido apenas agora, e como recurso eufemístico para “falar errado”. Daí a variação linguística ser compreendida como *desculpa de gente burra* (usuária M. J.).

O segundo grande problema, a nosso ver, que acreditamos derivar do primeiro, é a descrença no trabalho do *livro do MEC*, que é, na verdade, o livro escrito pela professora Heloisa Ramos, citado no começo de nossa pesquisa. O capítulo destinado ao trabalho com a variação linguística causou uma indignação desmedida e manifestações iguais, como se o conteúdo da obra fosse um atentado ao bem falar e ao bem escrever. Na concepção de nossos sujeitos, o livro rompe uma tradição milenar de obediência às normas gramaticais e faz do território linguístico um campo sem regras e sem donos:

agora, tudo é válido. Por falta de conhecimento teórico, conjecturam: burrice, doutrinação etc.

Se, por um lado, aceitamos com naturalidade que esses sujeitos não detenham o domínio de conceitos e noções fundamentais para a compreensão da variação linguística, que, agora, começa a ganhar espaço nos livros e nas salas de aula (ainda que timidamente), por outro, não podemos permitir que a falta de conhecimento seja, como sempre foi, alicerce de preconceitos. Como já expusemos, a discriminação não é, em instância alguma, culpa do discriminado, mas do discriminador. Toda e qualquer alegação para a existência de um preconceito deve ser refutada. Não existe argumento que torne a discriminação, em qualquer forma com que se apresente, defensável.

8.9 – Que preconceito é esse, afinal?

Constatamos, ao longo deste trabalho, que o preconceito linguístico é muito mais complexo do que comumente se supõe. Seu caráter marcadamente agressivo e escarnecedor fere sujeitos que são reduzidos a uma escória social e educacional, sem direito à participação em sociedades reais e virtuais. Fere também as determinações sociolinguísticas, que asseguram que *os erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua* (BORTONI-RICARDO: 2004, p. 37), e não sinais de inferioridade linguística, intelectual, social e, muito menos, humana. Ao transformar o julgamento linguístico em julgamento moral, os agentes da discriminação estendem a proporção de seu preconceito, pois reduzem um sujeito complexo e dotado de direito ao respeito a um indivíduo cuja única atribuição é a de culpado por um suposto mau uso da língua portuguesa.

Concebendo a variação linguística como *uma desculpa de gente burra*, reduzem também uma questão complexa sobre a qual os sociolinguistas têm, cada vez mais, se debruçado, a um respaldo para o uso *errado* da língua.

A sociedade constrói discursos em que o normal, o ideal, o superior é ser usuário da língua oral/escrita padrão e, de preferência, culta. Tudo o que não

se enquadra nesse ideal de perfeição linguística é taxado como errado, feio, pobre, inferior, maculador e passa a ser motivo de criação de estigmas, preconceitos e exclusões, conforme nos diz Scherre (2005, p. 43):

Em nome da boa língua pratica-se a injustiça social, muitas vezes humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade – da qual a escola é reflexo ativo – fazem associações perversas, sem respaldo linguístico estrutural, entre domínio de determinadas formas linguísticas e beleza ou feiúra; entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância ou deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência ou burrice.

A austeridade linguística daqueles que usam – ou supõem usar – a norma de prestígio da língua se traduz no ciberespaço sob a forma de manifestações que, além do escárnio e da agressividade, demonstram orgulho do preconceito que sentem, como já apontamos. Devido a que, no ciberespaço, as identidades podem ser ocultadas e o sentimento de virtualização confere segurança a quem o frequenta – por estarem ‘distantes’ do compromisso com o real –, o preconceito se manifesta sem ponderação; os usuários dizem tudo o que pensam sem temer represálias, mesmo porque, como dissemos, elas praticamente inexistem.

McLuhan (1969) parte da tese – formulada muito antes de o computador e os demais meios eletrônicos alcançarem a dimensão que conhecemos hoje – de que o meio é a mensagem: o conteúdo das mensagens é construído e dimensionado de acordo com o meio pelo qual a mensagem é veiculada.

Entendemos, assim, que as ocorrências de preconceito linguístico que encontramos no ciberespaço dificilmente seriam encontradas sob a mesma forma nos espaços concretos do cotidiano, já que o seu meio – o ciberespaço – propicia a elaboração e a transmissão de mensagens que, além de se articularem em relação de anuência com as de outros usuários, são respaldadas pela ausência do enquadramento deste tipo de preconceito nas

políticas de crimes virtuais. Podemos dizer que é um caso atípico, em que o discriminador se sabe isento de qualquer lei ou punição iminente e, portanto, escreve realmente tudo aquilo que pensa.

O ciberespaço é, pois, mais do que o meio pelo qual a mensagem se apresenta; ele é o regulador do conteúdo. Como essa regulação acontece em face de um desajuste social – o da disseminação de preconceitos em um ambiente novo, sem qualquer ação punitiva –, os resultados são as manifestações de preconceito linguístico que, à revelia, surgem e ganham força, dando a conhecer a complexidade de sua constituição.

Estudar o preconceito linguístico manifestado no ciberespaço nos permite identificar a sua pluralidade e a identidade dos seus agentes, porque temos acesso aos seus perfis. Ao termos contato com um preconceito *in natura*, descobrimos aspectos que nem sempre se revelam quando a manifestação se estabelece em outros meios. Desta forma, conhecendo a verdadeira dimensão do preconceito linguístico, podemos compreender melhor discriminadores, discriminados, a influência do canal de transmissão da mensagem nas manifestações de discriminação e percebemos quais pontos precisam de ser trabalhados no que tange ao nosso objeto de estudo.

Dessa forma, pode-se diligenciar com mais respaldo, segurança e propriedade uma proposta pedagógica que vise não a uma solução, já que os preconceitos dificilmente serão extintos, mas a um ensino democrático da língua que dignifique os sujeitos e lhes permita um trânsito social pleno, assim como lhes assegure o estímulo ao dever de respeitar e de valorizar e, sobretudo, o direito de ser respeitado, já que, conforme Scherre (2005, p. 13),

é tarefa das mais nobres lutar publicamente contra o preconceito linguístico e não deixar que pessoas possam ser menosprezadas pela sua forma de falar. É tarefa das mais nobres lutar por democracia linguística: é preciso dar vez e voz a todas as falas, incluindo-se entre elas as falas que não têm prestígio, erroneamente denominadas de erradas.

Destarte, acreditamos que a luta falada por Scherre compete precipuamente aos estudiosos de Linguística e de Sociolinguística, mas que deve, com insistência, esforçar-se por angariar a sociedade, onde é, afinal, o lugar de todo e qualquer enfrentamento da injustiça, qualquer que seja a sua face e quaisquer que sejam os injustiçados.

9 – Considerações finais: a construção de uma imagem desconstruída

*“Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento.
Muito prazer, ao seu dispor,
Se for por amor às causas perdidas.
Por amor às causas perdidas.”*

(Engenheiros do Hawaii)

A análise do preconceito linguístico no ciberespaço descortinou uma face até então ignota desta forma de discriminação: o estudo das manifestações discriminatórias compiladas e pormenorizadas neste trabalho e a análise de seus agentes fazem-nos lograr o seguinte itinerário de resultados:

- 1) O preconceito linguístico é um preconceito plural, quociente de preconceitos sociais contra os pobres e os que têm baixo ou nenhum nível de escolaridade, conforme afirma a literatura sociolinguística que expusemos aqui. Fazem parte de sua constituição sentimentos como nojo, raiva, ódio, ímpetos violentos, atitudes humilhantes e excludentes e desumanização (pelo não direito e pela animalização);
- 2) O sentimento de virtualização confere aos agentes do preconceito linguístico um descompromisso com o real, o que os torna seguros para divulgarem em suas redes sociais manifestações discriminatórias *in natura*, sem revestimentos de pudor, devido ao não temor a represálias, já que estas praticamente inexistem;
- 3) Os agentes do preconceito linguístico no ciberespaço são, em sua maioria, indivíduos com nível superior completo e em andamento, adultos jovens e do sexo feminino. Além disso, a maioria absoluta apresenta em suas produções linguísticas as mesmas variações tomadas como pauta para escárnio e exclusão de outrem;
- 4) O hiato de leis ou regimentos constitucionais acerca do preconceito linguístico faz com que ele possa ser manifestado e difundido sem qualquer ação punitiva. Em verdade, o preconceito linguístico é um preconceito aceito e

tomado como falsa sinonímia de respeito à norma culta, o que reflete um *establishment* histórico.

Assim, tal quadro de resultados desrespeita a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos¹⁹, sobretudo o seu o artigo 10º, que prevê que

1. Todas as comunidades linguísticas são iguais em direito.
2. Esta Declaração considera inadmissíveis as discriminações contra as comunidades linguísticas baseadas em critérios como o seu grau de soberania política, a sua situação social, econômica ou qualquer outra, ou o nível de codificação, atualização ou modernização alcançado pelas suas línguas.
3. Em aplicação do princípio de igualdade, devem ser tomadas as medidas indispensáveis para que esta igualdade seja real e efetiva.

Landowski (2002) diz haver quatro formas possíveis de receber a identidade linguística de outrem: a *exclusão*, em que se rejeitam os usos linguísticos do outro com base em sua 'inferioridade'; a *assimilação*, que supostamente *não rejeita ninguém* (p. 6), mas que enxerga na diferença do outro uma excentricidade injustificável - é, em verdade, uma falsa aceitação, que acede ao outro, mas tenta parametrizar os seus usos linguísticos de acordo com os seus próprios. Há ainda a *segregação*, em que não se rejeitam explicitamente os usos linguísticos de outrem, mas se pretende mantê-los distantes, como um cuidado para que não se misturem ou figurem em meio aos próprios usos dos segregacionistas. Por fim, tem-se a *admissão* (ou *agregação*), em que os usos linguísticos do outro coexistem com os nossos, tendo a sua diferença preservada. Em nossa pesquisa, o que se verificou em caráter explícito acerca do preconceito linguístico foram as posturas de segregação e, acima de tudo, de exclusão.

¹⁹ A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos é um documento oficial assinado pela Unesco e por demais organizações não-governamentais, após a aprovação de seu texto durante a Conferência Mundial sobre Direitos Linguísticos, realizada entre 06 e 09 de junho de 1996, em Barcelona, na Espanha. Detalhamento disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf. Acesso em 01 setembro 2014.

Tentar combater o preconceito linguístico atuando sobre a vítima faz elevar uma falsa premissa: a de que oferecer a ela o acesso à norma padrão da língua é estratégia suficiente para extirpar o preconceito linguístico. Embora reconheçamos que o ensino da norma padrão é dever do professor e direito do aluno, e o quão fundamental é o seu domínio para a participação em diversos processos sociais, esse não nos parece ser o modelo mais adequado de trabalho com as diferenças e os processos de discriminação linguística. Ao tentar contornar o preconceito linguístico atuando sobre a vítima, incorre-se no risco de isentar os discriminadores de sua responsabilidade, pois atribuímos ao discriminado a culpa pela própria discriminação sofrida, como um discurso semelhante a “afinal, a culpa é dele, que não domina a norma prestigiada e *correta* de sua língua.”.

Acreditamos que seja preciso ir além do ensino da norma padrão, já que ele sempre existiu – com maior ou menor ênfase, mas de forma obrigatória, nos currículos escolares. O que cremos ser condição *sine qua non* no trabalho com a língua é a conduta democrática e democratizante de quem conduz as relações sujeito x ensino x aprendizagem.

Mollica (2007) mostra que, diante dos padrões linguísticos, é possível adotar ou a conduta *prescritivista*, que *parametriza os fatos linguísticos em referência à norma culta* (p. 43) e que passa a ver a língua sob a dicotomia do certo/errado, tentando combater e eliminar todas as manifestações linguísticas que estiverem em desacordo com a norma padrão; ou a conduta *descritivista*, que concebe os empregos atípicos da língua como sendo naturais, isto é, reconhecendo que os usos linguísticos que diferem das prescrições da gramática normativa nada têm de estranho, canhestro, mas que são perfeitamente inteligíveis e válidos.

Sabe-se que a postura que impera nas salas de aula é a prescritivista, que tenta formatar a língua dos alunos de acordo com a norma padrão da língua, amputando do alunado usos e formas linguísticas que lhe são de direito. Ao repreender e excluir esses usos e formas, o professor os desvaloriza, abrindo espaço para que os demais alunos assumam a mesma responsabilidade de vigilância linguística, já que tudo o que está em desacordo com a norma padrão

da língua é considerado ruim, feio, negativo, motivo de vergonha e indício de inferioridade.

A sala de aula é, por excelência, um espaço que deve comportar a heterogeneidade, a diversidade dos sujeitos. A verdadeira inclusão social passa pela inclusão educacional. Entretanto, o que se nota, incongruentemente, é a mera integração entre alunos diferentes, que, embora partícipes dos mesmos espaços educacionais – à exceção das discrepâncias entre o ensino público e o privado – estão sujeitos a práticas pedagógicas que contemplam uma parcela dos alunos e exclui muitas outras, dispensando-se a eles tratamentos diferentes, fazendo-se com que uns se sintam parte do todo e bem quistos, enquanto que outros se reconheçam como intrusos, inferiores e diferentes, fazendo-os assumir os papéis de piores alunos, de burros, de incapazes e, também por serem pobres, de escória social, que, mais uma vez, conhece o peso de se viver em uma sociedade estratificada em classe A, classe B, classe C...

Os resultados desta pesquisa mostraram também que o preconceito linguístico reconfigura a identidade dos discriminados, destruindo-a e transformando-a em uma imagética caricata, artificial, reduzindo sujeitos complexos a um estereótipo. Quando socialmente se quer subtrair a dignidade de um indivíduo, é costumeiro usar o recurso metafórico de animalização: designa-se alguém de *galinha*, *veado*, *cobra*, *porco* etc. No caso específico do preconceito linguístico, as vítimas são *burros*, *antas*, *quadrúpedes*, e merecem viver em zoológicos, ou seja, a condição humana lhes é subtraída, assim como socialmente os direitos humanos lhes são negados, restringidos.

Viu-se, ainda, que algumas das causas de o preconceito linguístico ser manifestado sobremaneira no ambiente virtual são o sentimento de posse e de domínio do mesmo, a isenção de responsabilidade que o sentimento de virtualização confere aos sujeitos e a ausência de leis que regulamentem o seu uso. A política de crimes virtuais existe, mas, como é o risco de toda política recente, ainda não encontrou excelência, principalmente pelo agravante de, muitas vezes, o sujeito discriminado não se saber subordinado a práticas discriminatórias. Lévy (1999, p. 132) nos mostra que

A interconexão para a interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, os lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, quer seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos a priori em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais.

As comunidades virtuais – assim como qualquer *site* e todo o espaço virtual – podem ser um excelente meio de interação, de entrar em contato e de descobrir novas formas de sociabilidade, principalmente para aqueles que encontram dificuldades nas relações que se estabelecem em espaços sociais outros. A questão que colocamos aqui é a maneira como isso ocorre.

A humanidade descobriu, nas últimas décadas, uma fabulosa forma de comunicação e interação, que, se não pode aproximar fisicamente os sujeitos, pode imprimir a sensação de desterritorialização, ao permitir que eles se conheçam, se comuniquem em tempo real e descubram com inigualável facilidade outras culturas, outros modos de pensar e, principalmente, outras possibilidades de ser e de fazer.

O nosso elenco de agentes do preconceito linguístico nos mostrou que o ciberespaço reproduz a síntese do humano. Embora com um sentimento cada vez mais permanente e ilusório de virtualização, de desconstrução do real para a criação de uma nova forma de exercer a própria alteridade, este *locus* continua como uma extensão²⁰ do real e reproduz condutas de discriminação e de exclusão absolutamente reais, formando uma nova massa de indivíduos a quem denominamos, no início deste trabalho, de excluídos sociodigitais.

²⁰ Marshall McLuhan (2000), em *Os meios de comunicação como extensões do homem*, afirma que os meios de comunicação são, na verdade, extensões do próprio sujeito.

A eleição de um objeto de estudo é inevitavelmente marcada por implicações ideológicas. Este trabalho põs em relevo um assunto socialmente rechaçado, o que sinaliza o caráter paradoxal do nosso objeto de investigação, pois, como vimos, os agentes da discriminação linguística cometem os mesmos desvios linguísticos que tomam como pauta para o escárnio de outrem. Com isso, temos que a relativização da aceitação do erro é um dos alicerces de um preconceito que, como qualquer outro, não tem razão de ser.

Portanto, é necessário que as teorias linguísticas que versam sobre a prática de ensino de língua materna e sobre o preconceito linguístico articulem-se ao trabalho com língua portuguesa que se realiza socialmente. Isso, por si só, não logra êxito algum, mas, consorciado a outras ações, pode fazer avançar este começo de redefinição de políticas linguísticas; um começo que parece ainda não haver avançado, estagnado que está pelo establishment social que renega as formas linguísticas não validadas e os sujeitos que delas se valem, e que se ampara em uma tradição escolar secular que apregoa valores de obediência irrestrita à gramática tradicional.

Língua é poder. Discurso é poder. Cabe ao docente oferecer ao educando as possibilidades para a construção de discursos formais, mas cabe, sobretudo, educá-lo para a democratização do direito aos púlpitos, ainda que simbólicos, imaginários, virtuais. Por concordarmos com Soares (1992, p. 41), ao afirmar que

Do ponto de vista lingüístico, ou sociolingüístico, o conceito de “deficiência linguística” é um desses estereótipos, resultado de um preconceito, próprio de sociedades estratificadas em classes, segundo o qual é “superior”, “melhor” o dialeto das classes socialmente privilegiadas; na verdade, essa “superioridade” não se deve a razões linguísticas, ou a propriedades inerentes a esse dialeto, mas a razões sociais: o prestígio de que essas classes gozam, na estrutura social, é estendido a todos os seus comportamentos, sobretudo a seu dialeto.

é que diligenciamos uma pesquisa que se propôs também a mostrar como os discursos são renegados em face de sua gramática, que não é normativa, mas

que é inteligível como qualquer outra, uma vez que a inteligibilidade e a clareza do discurso não dependem de maior ou menor grau de adequação à *gramática artificial (livro, disciplina)*, mas *liga-se à gramática natural, interior, implícita*. (LUFT, 1985, p. 22).

O *clean-slate principle*²¹ (princípio da lousa limpa), herança do positivismo, tem sido infirmado pela noção de que não há isenção total de ideologia em qualquer pesquisa que se realize. Rajagopalan (2003) defende que *nossa preferência por determinada teoria é frequentemente teleguiada por motivos ideológicos* (cf. RAJAGOPALAN 1998b, 1999b) e que mesmo a neutralidade seria um ato político - o de não assumir um lado ou outro. Cumpre-nos evidenciar, então, que também esta pesquisa não é, nem poderia ser, pensada e diligenciada sem tomar como impulso a ideologia que nos coloca inquietos diante do poder simbólico da língua e de seus usos.

O poder simbólico efetiva-se. E efetiva-se, a presente pesquisa, como tentativa de préstimo às práticas educacionais e à ampliação da literatura sociolinguística, mas efetiva-se também por particular razão: dignificar os usos plurais da Língua Portuguesa e, com maior tento, os sujeitos que por meio dela significam-se e produzem significados.

Pensar criticamente a língua e os fenômenos que a atravessam, bem como seus sujeitos e suas singularidades, é condição *sine qua non* ao desenvolvimento de políticas linguísticas promotoras da igualdade entre os indivíduos, resguardadas as suas alteridades, pois concordamos com Fiorin (2003, p. 75), quando diz que

[...] a linguística tem um papel de educar para a democracia, educar para a cidadania. A democracia não é o governo da maioria como dizem. A democracia é um sistema político em que existe um respeito à diferença, um respeito à diversidade. Ora, a linguística, ao mostrar que a língua é heterogênea, que a língua é diversa, que a língua é plural, é, de certa forma, uma

²¹ O *clean-slate principle*, ou *princípio da lousa limpa*, é uma premissa norteadora das pesquisas linguísticas desenvolvidas sobretudo antes da década de 1960, para a qual pensar teoricamente a linguagem e sua natureza era tarefa que deveria ser exercida com pouca ou nenhuma pressuposição (Cf. Rajagopalan, 2003).

maneira de educar para a tolerância e isso é educar para a democracia.

Com práticas de repúdio, escárnio e outras equivalentes, o preconceito linguístico vitima sujeitos incautos, que, na quase totalidade das vezes, sequer tomam conhecimento da discriminação sofrida. Quando manifestado no ciberespaço, revela-se *in natura*, o que quer dizer que, desvinculado do compromisso com o real – e, logo, de represálias e punições –, o preconceito linguístico é expresso isento de revestimentos de pudor. Deste modo, dá a conhecer a complexidade de sua constituição e mostra a face de seus sujeitos, o que nos direciona com maior propulsão ao estabelecimento de políticas linguísticas que visam, com urgência cada vez maior, à dignificação dos diferentes usos linguísticos e de seus sujeitos.

O nosso objetivo precípua foi, então, revelar esta manifestação até então ignota e oferecer subsídios, a partir dos resultados encontrados, para que trabalhos de dignificação sejam diligenciados, além de contribuir para a política de crimes virtuais, que, incorrendo no risco de toda política recente, ainda não encontrou excelência.

Portanto, temos motivos suficientes para acreditar que cabe aos sistemas educacionais orientar seus alunos para o uso consciente e democrático não só da língua (embora principalmente), mas também do ciberespaço. A escola tem o privilégio excepcional de ajudar a formar sujeitos, tendo-os consigo ao longo de, pelo menos, onze anos. A despeito disso, continua sempre a ensinar para si mesma, trabalhando conteúdos com a finalidade da obtenção de uma nota média nos exames internos e nas avaliações externas, em que ela mesma é avaliada; a escola não prepara os alunos para o mundo, para o convívio fora dela: a escola, comumente, educa para a escola.

Pensamos que a educação não pode caminhar à margem de seus sujeitos, senão com eles e para eles. Investigar o preconceito linguístico no ciberespaço reiterou a importância do respeito pelo outro e por sua identidade linguística e,

enfaticamente, revelou-nos a urgência da necessidade da dignificação e da democratização dos sujeitos, do ensino de língua portuguesa – especificamente da norma padrão da língua – e do uso do ciberespaço.

Esperamos com demasiado otimismo que ao preconceito linguístico seja atribuída a devida importância, angariando discussões mais conscientes e leis punitivas, a exemplo do que conquistaram recentemente, no Brasil, outras formas de discriminação, mesmo em meio a tantos entraves ideológicos e sociais. Esperamos também que outros trabalhos surjam e que complementem o nosso, descobrindo novas facetas e apontando novos resultados de um fenômeno que ainda precisa de ser mais bem investigado.

A nossa maior pretensão, contudo, é que os futuros alunos e os futuros profissionais da língua portuguesa possam reconhecer-se no outro, a despeito de todas as diferenças, e que as vítimas de preconceito linguístico possam, também a despeito da estereotipia de que são reféns, aprender a utilizar a norma padrão da língua sem jamais abandonar sua identidade linguística, de que é feita, afinal, a nossa língua, a língua portuguesa.

10 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARROS, Diana Luz Pessoa de (org). *Preconceito e Intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.

BRAGA, Maria Luíza. E aí se passaram 19 anos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia L. (Org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

BRECHT, Bertolt. *Vida de Galileu*. In: BRECHT, Bertolt. *Teatro completo*. v. 6. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CEZARIO, Maria M.; VOTRE, Sebastião. *Sociolinguística*. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. P. 148-149.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic theory*. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.

COUTO, Mia. *Raiz de orvalho e outros poemas*. Portugal: Editorial Caminho, 2011.

DEBARBIEUX, Éric. BLAYA, Catherine. *Violência nas escolas: dez abordagens européias*. Brasília: Unesco, 2002.

Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf>. Acesso em: 25 agosto 2014.

Dolz, J. Noverraz, M. Scheneuwly, B. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: Scheneuwly, B. Dolz, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

Facebook completa 10 anos: conheça a rede social. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/facebook-completa-10-anos-conheca-a-historia-da-rede-social,c862b236f78f3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso: 14 set 2014.

FIORIN, José Luiz. *José Luiz Fiorin*. In: XAVIER, Antonio Carlos. CORTEZ, Suzana. (orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. P. 75.

FISCHER, J. *Social influence of a linguistic variant*. *Word*, v. 14, p.47-56, 1958.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HAERI, N. Male/female differences in speech: na alternative interpretation. Em DENNIG, K.; INKELAS, S.; MCNAIR-KNOX, F. RICKFORD, J., editors. *Variation in language*. Stanford University. P. 173-182.

ILARI, Rodolfo. *Reflexões sobre língua e identidade*. In: BORBA, Lilian do Rocio. LEITE, Cândida Mara Britto (orgs). *Diálogos entre língua, cultura e sociedade*. São Paulo: Mercado de Letras, 2013.

_____; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *The social motivation of a sound change*. *Word*, v. 19, 1963. p. 273-309.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LARA, Carlos Eduardo de Oliveira. *A sociolinguística aplicada ao ensino e a discriminação reversa*. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Carlos%20Lara.pdf>>. Acesso em: 01 junho 2011.

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

_____. PALÁCIOS, Marcos. *Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

Livro didático faz a apologia do erro: exponho a essência da picaretagem teórica e da malvadeza dessa gente. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/> Acesso em: 10 jun 2013.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: Dionísio, A. P. Bezerra, M. A. (orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____; Xavier, Antonio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010.

MCLUHAN, Marshall. FIORE, Quentin. *O meio é a mensagem*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1969.

_____. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2000.

MENDES, Ronald Beline. *Diminutivos como marcadores de sexo/gênero*. Disponível em: <
<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/index.php/volume-8-numero-1-junho-2012/diminutivos-como-marcadores-de-sexo-genero/>>. Acesso em 14 set. 2014.

MILROY, Lesley. *Language and Social Networks*. 2 ed. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: BAGNO, Marcos. LAGARES, Xoán Carlos. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. P. 57-88.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

NUSSBAUMER, G. M. *Fora do armário: a cibernsocialidade em uma lista de discussão gls*. In: LEMOS, André. PALÁCIOS, Marcos. *Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OMENA, Nelize. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. In: PAIVA, M. da C. & DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2003. P. 63-80.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão linguística do nosso idioma na era digital*. Novo Hamburgo, RS: edição do autor, 2002.

PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variação e (') identidade*. Maceió: Edufal, 2004.

Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SAWAYA, Márcia Regina. *Dicionário de informática e internet*. São Paulo: Nobel, 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

Significado da palavra virtual. Disponível em <www.origemdapalavra.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2011.

TOSH, Wayne. *Linguística computacional*. In: HILL, Archibald A. (org.). *Aspectos da Linguística Moderna*. São Paulo: Cultrix, 1974.

TRUDGILL, Peter. *Introducing language and society*. Middlesex: Penguin English, 1992.

_____. The Social Differentiation of English in Norwich. Cambridge:
Cambridge University Press, 1974.

11 – ANEXOS

Tabela 20 - Índice de registros dos agentes do preconceito linguístico no ciberespaço

Usuário	Registro	Gênero/Sexo	Nível de escolaridade	Faixa etária	DLR/DLRS*
—	14	Registro de uma enquete intitulada “Meninos x Meninas – Quem odeia mais os erros de português? Meninos ou meninas?”, encontrada na comunidade “Eu odeio erros de português!”.			
—	15	Registro da enquete “O que vc acha de pessoas que não falam ou não escrevem o português corretamente falarem outro idioma”, encontrada na comunidade “ODEIO QUEM ESCREVE ERRADO!”			
A.	10	F	NI	+35	Sim/ –***
A. 2	78	M	Ensino Superior incompleto	+35	Sim/Sim
A. B.	61	F	NI	18-25	Sim/Sim
A. B.	67	F	NI	Até 17 anos	Sim/Sim
A. B. S.	13	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
A. C.	117	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Não/Sim
A. C. 2	91	F	Ensino Superior completo	26-35	Não/Sim
A. C. 3	140	F	Ensino Superior Incompleto	18-25	Sim/Sim
A. C. K.	179	M	Ensino Médio Completo	26-35	Não/Sim
A. D. 5	174	M	NI	NI	Não/Sim

A. K. F.	87	NI	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
A. L.	18	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
A. M.	101	NI	NI	NI	Sim/Sim
A. M.	125	M	NI	NI	Sim/Não
A. M. L. M.	27	F	Ensino Superior completo	NI	Sim/Sim
A. O.	38	M	Ensino Médio completo	26-35	Sim/Sim
A. P.	40	M	Ensino Superior completo	NI	Sim/Sim
A. P. 10	152	M	Ensino Superior Completo	Acima de 35 anos	Sim/Sim
A. P. S.	68	F	Ensino Superior incompleto	NI	Sim/Sim
A. R.	06	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
B.	60	F	NI	NI	Sim/ –
B. A.	16	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
B. A.	37	M	Ensino Superior Completo	18-25	Sim/Sim
B. A.	73	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
B. A. M.	45	M	Ensino Superior	NI	Sim/Sim

			incompleto		
B. D.	107	F	NI	NI	Sim/Sim
B. F.	36	M	NI	NI	Não/Sim
B. M.	36	F	Ensino Superior completo	+35	Não/Sim
B. M. 2	139	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
B. Q.	83	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
B. V.	64	M	Ensino Superior incompleto	NI	Sim/Não
C.	60	M	Ensino Superior completo	NI	Sim/Não
C. A.	121	M	Ensino Superior completo	+35	Não/Não
C. B. 2	144	F	NI	NI	Sim/Sim
C. C.	48	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Não/Sim
C. E.	69	M	NI	Até 17 anos	Sim/Sim
C. H.	29	M	Ensino Superior completo	+35	Sim/Sim
C. K.	57	F	Ensino Superior completo	Acima de 35 anos	Não/Sim
C. L.	106	F	Ensino Superior completo	26-35	Sim/Sim

C. L. 4	161	M	NI	NI	Não/-
C. M. M. S.	58	M	NI	NI	Não/ -
C. P.	100	M	Ensino Superior completo	+35	Sim/Sim
C. R.	116	M	Ensino Médio em conclusão	18-25	Sim/Sim
C. S. 4	150	F	Ensino Superior Completo	26-35	Sim/Sim
D.	82	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
D. A.	111	M	Ensino Médio completo seguido de outra formação	18-25	Sim/Sim
D. B. 2	142	M	Ensino Superior Completo	18-25	Sim/Sim
D. C.	129	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
D. D.	12	M	Ensino Médio completo	18-25	Não/Sim
D. G.	70	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
D. L.	53	F	Ensino Superior incompleto	26-35	Sim/Sim
D. L.	80	M	NI	NI	Sim/Sim
D. M.	77	F	Ensino Médio completo	18-25	Não/Sim

E.	92	M	Ensino Superior completo	26-35	Sim/Sim
E. 2	114	F	Ensino Superior incompleto	NI	Sim/Sim
E. E. 5	168	F	Ensino Superior Incompleto	18-25	Sim/Sim
E. M. 3	158	F	Ensino Superior Incompleto	18-25	Sim/Sim
E. N.	44	F	Ensino Médio em conclusão	18-25	Sim/Sim
E. O.	81	M	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
E. P. 1	01	NI**	NI	NI	Sim/Sim
E. P. 2	02	NI	NI	NI	Sim/Sim
E. P. 3	03	NI	NI	NI	Não/Sim
E. R.	08	M	Superior completo com formação continuada (mestrado)	NI	Sim/Sim
F. B.	75	M	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Não/Sim
F. C. 3	159	F	NI	NI	Sim/Sim
F. F.	109	F	Ensino Superior completo	NI	Não/Sim
F. M.	57	M	Ensino Superior incompleto	NI	Não/Sim

F. M. 2	126	M	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
F. N.	20	Registro de um vídeo publicado no <i>site Youtube</i> (www.youtube.com.br) pelo usuário F. N., que também consta do registro de número 25.			
F. N.	25	M	Ensino Médio completo	18-25	Sim/Sim
F. P. 4	165	F	Ensino Superior Incompleto	18-25	Sim/Sim
F. P. G.	156	F	Ensino Superior Completo	NI	Sim/Sim
F. T. S. R	167	F	Ensino Superior Incompleto	18-25	Não/Sim
G.	132	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
G. B.	47	M	Ensino Superior incompleto	NI	Não/Sim
G. B.	72	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Não/Sim
G. F.	120	M	Ensino Superior completo	26-35	Sim/Sim
G. F.	121	O usuário já consta do registro de número 120			
G. M. B.	17	M	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
G. N.	46	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Não/Sim

G. N. 2	113	M	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
G. P.	90	M	Ensino Superior completo	18-25	Não/Sim
G. S.	26	F	Ensino Superior incompleto	NI	Sim/Sim
G. T.	94	M	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
H. W.	112	F	NI	18-25	Sim/Sim
I. C.	92	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
I. C. 5	148	F	NI	Até 17 anos	Sim/Sim
I. L.	65	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
I. M.	118	F	NI	26-35	Sim/ –
I. N.	86	M	NI	26-35	Sim/Sim
I. W.	35	M	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
J.	66	M	NI	NI	Sim/Sim
J.	102	M	Ensino Médio completo	18-25	Sim/Sim
J. 2	23	M	NI	NI	Sim/ –
J. 3	131	F	Ensino Superior completo	26-35	Não/Não
J. A.	49	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim

J. F.	19	M	NI	26-35	Sim/Sim
J. G.	76	F	NI	18-25	Não/Sim
J. K.	79	F	NI	NI	Sim/Sim
J. L.	52	M	NI	Até 17	Sim/Sim
J. L. 2	109	F	Ensino Médio completo	18-25	Não/Sim
J. N.	103	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
J. N. 2	115	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
J. S.	43	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
J. S. 2	109	F	Ensino Superior completo	26-35	Sim/Sim
K.	71	F	Ensino Médio em conclusão	NI	Sim/Sim
K. C. 5	173	F	NI	Até 17 anos	Sim/Sim
K. I. 2	157	F	NI	18-25	Sim/Sim
K. L.	39	NI	NI	Até 17 anos	Sim/Sim
K. S.	60	F	Ensino Médio completo	NI	Não/Sim
L.	78	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Não/Sim
L. 2	78	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Não/ Não
L. 3	78	M	Ensino Superior completo	18-25	Não/Sim

L. 4	78	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
L. 5	124	M	NI	18-25	Sim/Sim
L. 6	54	F	Ensino Superior completo	18-25	Sim/Sim
L. A.	32	F	Ensino Superior completo	18-25	Não/Sim
L. A. 2	134	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
L. B.	59	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
L. B. 2	104	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
L. B. 3	119	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
L. C.	105	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
L. C. 2	175	F	Ensino Superior Completo	Acima de 35 anos	Sim/Sim
L. F.	07	M	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
L. F. 2	151	M	Ensino Superior Completo	NI	Não/Sim
L. L. 5	141	F	Ensino Médio em Conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
L. L. A. 3	145	F	Ensino Superior	18-25	Sim/Sim

			Incompleto		
L. M. 3	155	F	Ensino Superior Completo	Acima de 35 anos	Não/Sim
L. S. A. 7	146	F	Ensino Superior Incompleto	18-25	Sim/Sim
L. V.	55	F	NI	26-35	Não/Sim
M.	99	F	NI	26-35	Sim/Sim
M. 2	114	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Não/Sim
M. 3	124	M	Ensino Superior completo	26-35	Não/Sim
M. A.	23	M	Ensino Superior completo	NI	Não/Não
M. A.	96	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Não/Sim
M. B.	63	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
M. C.	74	M	Ensino Superior incompleto	18-25	Não/Sim
M. C.	136	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Não/Não
M. C. 2	88	M	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
M. C. 3	85	F	Ensino Médio completo	18-25	Sim/Sim

M. J.	127	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Não/Não
M. M. 5	164	M	Ensino Fundamental em Conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
M. N.	41	M	Ensino Médio completo	18-25	Não/Sim
M. P.	56	F	NI	NI	Sim/Sim
M. P. F.	135	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
M. R. 7	171	F	Ensino Superior Completo	26-35	Não/Sim
M. S.	31	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
M. T. 4	154	M	Ensino Superior Completo	Acima de 35 anos	Não/Sim
M.K.	113	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Não/Sim
N.	22	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
N. F.	123	M	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
N. I. 3	143	F	Ensino Médio em Conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
N. L. 2	153	M	Ensino Superior Completo com formação	Acima de 35 anos	Sim/Sim

			continuada (doutorado)		
N. R.	110	F	NI	NI	Não/ –
N. T.	21	F	Ensino Superior completo	Acima de 35 anos	Sim/Sim
O. F. S.	33	NI	NI	NI	Sim/Sim
P.	09	F	NI	NI	Não/Não
P.	66	F	NI	NI	Sim/Sim
P.	99	M	NI	18-25	Não/Sim
P. A. 2	147	F	NI	NI	Sim/Sim
P. B.	122	F	Ensino Médio completo seguido de outra formação (curso de música em um conservatório)	18-25	Sim/Sim
P. B. S.	170	M	Ensino Superior Completo	26-35	Não/Sim
P. C.	128	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
P. G. 4	176	F	Ensino Médio em Conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
R. A. S.	172	F	Ensino Superior Incompleto	18-25	Sim/Sim
R. B.	84	M	Ensino Médio completo	18-25	Sim/Sim

R. C.	138	F	Ensino Superior completo	18-25	Não/Sim
R. J. 5	163	M	NI	NI	Sim/Sim
R. P.	23	M	Ensino Superior completo	26-35	Não/Não
R. P.	89	O usuário consta também do registro número 23.			Sim/Sim
R. P. 2	133	F	Ensino Superior completo	NI	Sim/Sim
R. P. M.	137	F	Ensino Médio em conclusão	Até 17 anos	Sim/Sim
R. R. 5	166	M	Ensino Superior Incompleto	18-25	Sim/Sim
R. S.	11	F	Ensino Superior incompleto	26-35	Sim/Sim
R. T.	30	F	NI	NI	Sim/Sim
R. T. 2	95	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
S.	23	M	Ensino Superior completo	26-35	Sim/Não
S.	62	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
S. A. 3	177	M	NI	NI	Não/Sim
S. C.	42	F	NI	NI	Sim/ –
S. C. P. 4	180	M	Ensino Superior	NI	Sim/Sim

			Incompleto		
S. D. 2	160	F	Ensino Superior Incompleto	18-25	Não/Sim
S. F.	05	M	Ensino Superior completo	Acima de 35 anos	Sim/Sim
S. K. R.	169	F	Ensino Superior Completo	26-35	Sim/Sim
S. V.	34	M	Ensino Médio em conclusão	NI	Sim/Sim
T.	09	F	NI	Acima de 35 anos	Não/Sim
T. A.	28	F	Ensino Fundamental	Até 17 anos	Sim/Sim
T. A.	78	M	Ensino Superior completo	NI	Não/Sim
T. L. 4	152	M	Ensino Superior Completo	Acima de 35 anos	Não/Não
V. A.	93	M	NI	NI	Sim/Sim
V. B. 3	162	F	NI	NI	Sim/-
V. C.	51	F	Ensino Médio completo seguido de outra formação (Curso de Computação Gráfica)	18-25	Sim/Sim
V. D.	130	F	NI	Até 17	Sim/Sim

				anos	
V. H. G.	50	M	Ensino Superior completo	18-25	Sim/Sim
V. O.	108	F	NI	NI	Sim/Sim
V. W. 2	149	M	NI	NI	Não/Sim
W.	98	M	Ensino Médio completo	18-25	Sim/Sim
W. 2	09	M	Ensino Superior completo	Acima de 35 anos	Sim/Sim
W. G.	178	M	NI	Acima de 35 anos	Não/Sim
W. N.	04	F	Ensino Médio completo	18-25	Sim/Sim
W. O.	24	M	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim
Y. D.	99	M	Ensino Superior incompleto	NI	Sim/Sim
Y. M.	97	F	Ensino Superior incompleto	18-25	Sim/Sim

*DLR/DLRS – Desvios linguísticos nos registros / Desvios linguísticos nas Redes Sociais

**NI – Não identificado

*** – Ausência de análise de texto devido à exclusão da rede social.

The image shows a screenshot of a Twitter interface. At the top, there is a navigation bar with the Twitter logo, a search bar, and links for Home, Profile, Messages, and Who To Follow. Below this, a tweet is displayed. The tweet text is "Variação linguística é desculpa de gente burra." and it is marked as a favorite. A red box highlights the tweet text and its interaction icons. Below the tweet, there are several replies, including one that says "Ah, berrn bacana, gurri!" and another that says "Aliás, parabéns, gurri!!! Tá ficando mais velho hoje, né? hehe.: 20 anos?". A modal window is open over the tweet, showing the user's name "Usuária M. J.", the tweet text, and interaction icons. The modal also shows the tweet was posted "1 hour ago via web".

Twitter

Search

Home Profile Messages Who To Follow

+ Follow

Tweets Favorites Following Followers Lists

1 hour ago

Variação linguística é desculpa de gente burra.

1 hour ago ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

@ Ah, berrn bacana, gurri!

1 hour ago

@ Aliás, parabéns, gurri!!! Tá ficando mais velho hoje, né? hehe.: 20 anos?

8 hours ago

@ E o que você está pretendendo cantar? Dependendo

Registro número 127 close x

Usuária M. J.

Variação linguística é desculpa de gente burra.

1 hour ago via web ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

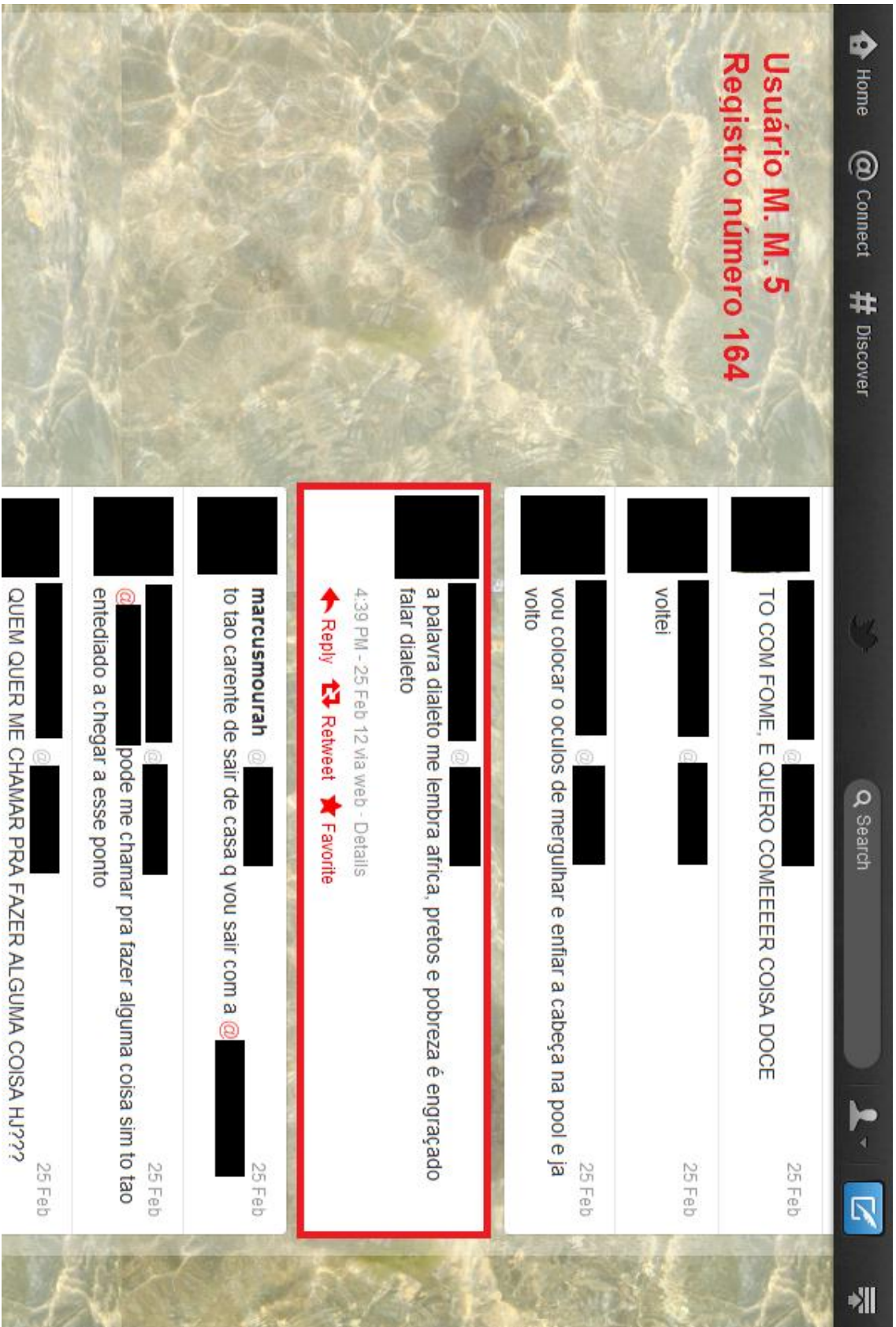
Origem: www.twitter.com

Acesso em: 01 jun. 2011.

The screenshot shows a Twitter interface with a dark header. The header includes the Twitter logo, a search bar, and navigation links for Home, Profile, Messages, and Who To Follow. The main content area displays a tweet and its replies. The tweet, highlighted with a red box, reads: "Tenho um forte preconceito com quem escreve errado. Preconceito linguístico, admito." It is from a user whose profile picture is blurred and was posted 6 hours ago. Below the tweet are icons for Favorite, Retweet, and Reply. A reply, also highlighted with a red box, reads: "Preconceito justificável. Também tenho. RT @ [blurred] Tenho um forte preconceito com quem escreve errado. Preconceito linguístico, admito." This reply was posted 5 hours ago. Other tweets in the feed include a retweet of a tweet about Record TV, a tweet about Unisinos FM, and a tweet about a mental health exhibition.

Origem: www.twitter.com

Acesso em: 14 maio 2011.



Origem: www.twitter.com

Acesso em: 28 fev. 2013

The image shows a screenshot of a Twitter interface. At the top, there is a navigation bar with the Twitter logo, a search bar, and links for Home, Profile, Messages, and Who To Follow. The main content is a list of tweets. One tweet is highlighted with a red border:

Tenho vontade de dar um tiro em quem escreve "concerteza" ao invés de "com certeza" #SantoAnalfabetismo
12 hours ago ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply

Below this, there is a detailed view of the highlighted tweet. It shows the user's name, "Usuária V. D.", and the text of the tweet: "Tenho vontade de dar um tiro em quem escreve 'concerteza' ao invés de 'com certeza' #SantoAnalfabetismo". Below the text are icons for Favorite, Retweet, and Reply, along with the text "12 hours ago via web".

Origem: www.twitter.com

Acesso em: 15 maio 2011



Odeio o Sotaque
Caipiral!
(327 membros)

participar
 denunciar abuso

Odeio o Sotaque Caipiral!

Início > Comunidades > Culturas e Comunidade > Odeio o Sotaque Caipiral

descrição:

Odeio o sotaque caipiral!

Algumas cidades de São Paulo, Paraná, Minas, (na região de Uberlândia), Santa Catarina, Goiás e Mato Grosso, falam um sotaque caipira horrroso.

É um "R" enrolado, que parece que falam de propósito.
É tão nojento quanto o "SH" dos cariocas.
E ainda arrebetam a lingua portuguesa.

Tipo: poRRLLta (poita) polquê, nós vai, nós fumo, poi causa que, os pé, pra mode que...

Se você também não gosta, entre na comunidade e conte suas experiências.

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: **Culturas e Comunidade**

dono:

moderadores:

tipo: **pública**

privacidade do **apenas membros**

contarido:

Twitter

Search Home Profile Messages Who To Follow

Sotaque carregado de paulistano: tenho vontade de bater. Sotaque carregado de carioca: acho que vou apanhar. 8 Jul Favorite Retweet Reply

@lh, eu li. 8 Jul

↳ by Mao Ise-Lung: ateu; Stalin: ateu. Hitler tinha um lado espiritual independente de religiões. 8 Jul

E quem vier me falar de exceção à regra eu mando calar a boca, sem exceção. 8 Jul

Tenho uma amiga da época do colégio que adorava fazer protesto pra tudo, mas depois dos 20 ela parou. Gente, façam 20 anos também. 8 Jul

@ Certas coisas estão ficando mais cretinas, em videogame agora você tem que praticamente rebolar. 7 Jul

Registro número 120 close x

@ Usuário G. F.

Sotaque carregado de paulistano: tenho vontade de bater. Sotaque carregado de carioca: acho que vou apanhar.

8 Jul via TweetDeck

Favorite Retweet Reply

Retweeted by and 8 others

Origem: www.twitter.com

Acesso em: 14 jul. 2011

Twitter

Search Home Profile Messages Who To Follow

a baiana que trabalha aqui veio falar que ta "muitcho frio" KKKKKK
 ela fala muitcho MUTTCHO gente muitcho loco esse sotaque feio
 dos inferno
 4 Aug Favorite Retweet Reply

"muit" pegar pra criar "muit" rsss
 4 Aug

vejo essas menininha parecida ca jenny ai fico só pensando no
 potencial q tem de se tornar a taylor mormsen atual e LET'S BE
 FRIENDS AMG
 4 Aug

nem a favor também né pq não sou obrigada a dizer que tenho algo
 a favor quando não tenho
 4 Aug

nada contra a bahia claro
 4 Aug

a pessoa sai la da bahia pra vir morar no sul e quer reclamar do frio
 SE QUERIA CALOR PQA NÃO FICO LANOS INFERNO DA BAHIA
 ???
 4 Aug

Registro número 112 close x

@ [redacted] Usuária H. W.

a baiana que trabalha aqui veio
 falar que ta "muitcho frio"
 KKKKKK ela fala muitcho
 MUTTCHO gente muitcho loco esse
 sotaque feio dos inferno

4 Aug via Mobile Web
 Favorite Retweet Reply

Origem: www.twitter.com

Acesso em: 06 ago. 2011